Castro, Damião Antonio <<de>>,

Historia Geral De Portugal, E Suas Conquistas

Bd.: 10

Lisboa (1788)

Port. 36 m-10

urn:nbn:de:bvb:12-bsb11020063-1

Port. 36^m

HISTORIA
DE
PORTUGAL.

TOMO DECIMO.

HISTORIA GERAL DE PORTUGAL, E SUAS CONQUISTAS,

OFFERECIDA

Á RAINHA NOSSA SENHORA

D. MARIA I.

POR

DAMIAÕ ANTONIO DE LEMOS FARIA E CASTRO.

TOMO X.

LISBOA,

NA TYPOGRAFIA ROLLANDIANA.

1788.

Com licença da Real Meza da Commissaõ Geral sobre o Exame, e Censura dos Livros.

FOI taxado este Livro a quatro centos réis em papel: Meza 24 de Novembro de 1788.

Com tres Rubricas.

Bayerische
Staatsbibliothek
München

INDICE

DOS CAPITULOS.

LIVRO XXXVII.

CAPITULO I. *Das expedições do Grande Affonso de Albuquerque na India, sendo ainda Vice-Rei D. Francisco de Almeida.* . . . 1

- - II. *Trata-se da discordia dos Capitães da Armada com Affonso de Albuquerque, e da segunda guerra, que elle fez ao Reino de Ormuz.* 21

- - III. *Continua-se com a guerra de Ormuz, e com os successos do Vice-Rei D. Francisco de Almeida na India.* 39

- - IV. *Da grande batalha naval, que o Vice-Rei D. Francisco de Almeida ganhou sobre as Frótas colligadas do Egypto, de Cambaya, e de Calecut.* 52

- - V. *Discordia entre o Vice-Rei, e Affonso de Albuquerque com os mais successos até á mórte do mesmo Vice-Rei.* 69

- - VI. *Trataõ-se os successos de Diogo Lopes de Siqueira na India até á primei-*

mei-

meira expediçaõ do Albuquerque sobre Goa. . . . 89

CAP. VII. *Escreve-se a primeira tomada de Goa por Affonso de Albuquerque, e os mais successos até o Hidalcaõ a recobrar.* . . 102

- - VIII. *Como o Hidalcaõ restaurou a Cidade de Goa; da grande fome, que padeceraõ os Portuguezes, e do mais que obrou Affonso de Albuquerque.* 120

LIVRO XXXVIII.

CAP. I. *Continúa a vida del Rei D. Manoel com os successos do anno de 1510 em Africa, na Europa, e na India, até novas expedições do grande Affonso de Albuquerque.* 139

- - II. *Trataõ-se as expedições de Affonso de Albuquerque na India depois da perda de Goa até a reconquista da mesma Cidade.* . . 152

- - III. *Das dispozições de Affonso de Albuquerque depois da conquista de Goa, e dos successos de Africa no principio do anno de 1511.* 168

- - IV. *O Governador da India, depois de*

de dar em Goa as ultimas providencias, de concluir a controversia com o Vasconcellos, parte para a conquista de Malaca. . . 183

CAP. V. *Como foi conquistada a Cidade de Malaca, e dos intentos do Hidalcaõ sobre a restauraçaõ de Goa.* 201

- - VI. *Escreve-se a guerra do Hidalcaõ contra Goa, em quanto Affonso de Albuquerque estava em Malaca.* . . . 211

- - VII. *Continuaçaõ dos successos de Affonso de Albuquerque em Malaca, com outros acontecimentos.* 225

LIVRO XXXIX.

CAP. I. *Trataõ-se os successos do anno de 1512, especialmente os da India.* . . . 237

- - II. *Das ultimas vantagens dos Portuguezes na India este anno de 1512, e successos do mesmo anno em Africa.* 251

- - III. *Continúa a guerra de Africa, e os successos do Reino de Congo.* 267

CAP.

CAP. IV. *Trataõ-se os acontecimentos da India no anno de* 1513. 279
- - V. *Da expediçaõ de Affonso de Albuquerque a Adem, e mar da Arabia, com outros successos da India.* 292
- - VI. *El-Rei D. Manoel manda ao Duque de Bragança D. Jayme com huma poderosa Armada conquistar a Cidade de Azamor em Africa.* 308
- - VII. *Continuaõ os successos de Africa no anno de* 1514. . 325
- - VIII. *Do sitio, que os Reis de Féz, e de Mequinéz pozeraõ a Azamor, com os mais successos de Africa no anno de* 1514. . . . 339

HIS-

HISTORIA GERAL
DE
PORTUGAL.

LIVRO XXXVII.

Da Historia Moderna de Portugal.

CAPITULO I.

Das expedições do Grande Affonso de Albuquerque na India, sendo ainda Vice-Rei D. Francisco de Almeida.

NÓS deixamos morto na India ás mãos de Mirhocem, e de Meliqueáz, Generaes do Soldaõ, e de Cambaya, ao estimavel D. Lourenço de Almeida; e em quanto seu grande Pai, o Vice- Era vulg. 1508

Era vulg. Rei, ſe prepára para lhe vingar a mórte, e reparar a québra das noſsas armas, vamos nós a principiar a narraçaõ das façanhas do pai dellas, o famoſo Affonſo de Albuquerque, depois que delle ſe apartou Triſtaõ da Cunha, que havendo tomado a Fortaleza de Çocotorá, veio a Cananor, donde diſſemos navegára para o Reino. Na ſua auſencia ficou o Albuquerque encarregado de cruzar os mares da Arabia, de incommodar as ſuas cóſtas, de fazer prezas nos navios, que encontraſſe. Mal ſe conformava com o eſpirito ſublime deſte Chéfe repreſentar na Aſia hum officio de Pyrata, de Eſcumador dos mares, e formou na ſua idéa deſignios de grande Capitaõ, de que á Patria, e á peſſoa reſultaſſe glória verdadeira.

Elle teve por empenho digno do ſeu valor, e do ſeu nome a conquiſta da Ilha de Ormuz, entranhada no Golfo Perſico, que tomou eſte nome de Armuſa, Cidade antiga de Carmania, hoje ſem outra memoria álem do nome. Goza Ormuz o titulo de Reino,

naõ

naõ obstante a sua pequena extensaõ de huma legua de comprido, hum quarto de largo, e quatro de circuito. Esta Ilha he huma mina de sal, e enxofre; nada produz, nem cria; o seu calor he tanto, que a gente passa a noite mettida em banhos; mas sem embargo da sua pequenhez, e esterelidade, toda a Asia a estima pela chave do Estreito do Mar Persico, por ficar a Cidade em huma ponta da Ilha, aonde vem a fazer dous pórtos com figura de bahias, bons, e muito seguros, donde provém que esta terra seja a escala do Commercio Oriental, e Occidental, da Persia, Armenia, e Tartaria, que tem ao Nórte. Os Arabes, e Persas foraõ os primeiros moradores de Ormuz, que sobindo pelo negocio a huma riqueza enorme, veio a ter Reis particulares, que mettiaõ nos seus cofres sommas immensas. O primeiro foi Melequaez, Senhor da Ilha de Caês, que teve por successor a Groduxá, Dominante do Magostan. Este fez assento em Ormuz, aonde continuáraõ a residir os que se lhe seguíraõ até Ceifa-

Era vulg.

Era vulg. dim, que reinava no tempo de Affonso de Albuquerque. Estes Soberanos de Dominio taõ curto, empregando as suas grandes rendas nas vantagens do Estado, os avançáraõ com as acquisições de muitas Ilhas, e Cidades na Carmania, e Arabia.

Bem instruido o Albuquerque na importancia de Ormuz, a 20 de Agosto do anno passado de 1507 sahio de Çocotorá para o Cabo de Rosalgate, que da parte da Arabia descobre aquelle Reino. O aparato para esta expediçaõ constava de seis náos, em que levava 470 soldados, e os Capitães Francisco de Tavora, Manoel Teles, Affonso Lopes da Cósta, Antonio do Campo, Joaõ da Nova, e Nuno Vaz de Castello Branco. Deo a Esquadra fundo defronte de Calaiate, huma das principaes Cidades do Rei de Ormuz na embocadura do Golfo. Os habitantes acceitáraõ as nossas propostas de paz, e gratuitamente nos fornecêraõ de mantimentos fechados em toneis. Foi-se avançando a navegaçaõ para Curiate, outro porto do mesmo Rei, e no ca-

mi-

minho quiz o Albuquerque deſtribuir pelos ſeus ſoldados as munições de bocca, de que os de Calaiate lhe haviaõ feito preſente. Abríraõ-ſe os tonéis, e acháraõ-ſe immundicies taõ aſcaroſas, que o ſeu máo cheiro era capaz de empeſtar a gente. Era vulg.

Quizéra logo vingar-ſe o Chéfe injuriado; mas diſſimulando o reſentimento para melhor occaſiaõ, continuou a derrota para Curiate. Hum Indio ſoberbo, que governava a Praça, naõ quiz attender ás noſſas propoſtas, com grande ſatisfaçaõ do Albuquerque, que antes queria huma reſiſtencia aberta, que a imagem eſpecioſa da paz ſimulada. Elle ſaltou em terra, ſem lhe impedir o deſembarque a oppoſiçaõ do Indio na téſta de tres mil homens, que foraõ levados ás cutiladas com mórte de muitos a hum palmar, donde ſe pozéraõ em fugida. Na Praça naõ ſe acháraõ mais que mantimentos em tanta cópia, que carregámos as náos, e depois de a abrazarmos com cinco navios de Meca, que eſtavaõ no porto, navegamos déz legoas adiante á Cida-

de

Era vulg. de de Mafcate, Praça muito mais forte, e confideravel do Rei de Ormuz, fituada entre duas ferras, que no feu centro formaõ huma bahia, que faz a entrada mais difficultofa, e eftreita. As fortificações, que de novo fe fizéraõ, a vinda de hum Official de Ormuz com mil homens de foccorro, nada foi baftante para o Albuquerque mudar a refoluçaõ, que havia formado de invadir Mafcate.

Para a execuçaõ do feu intento lhe deo caufa o Official de Ormuz, que confeguio do Xeque faltar á palavra de nos fornecer de mantimentos, e ás náos Portuguezas, que por alli paffaffem. A primeira demonftraçaõ do noffo refentimento foi o bombardeio de huma noite inteira fobre a Cidade, que ficou quafi por terra. Seguio-fe na manhã o defembarque em tres córpos, cobrindo o primeiro Francifco de Tavora com Affonfo Lopes da Cofta, o fegundo Joaõ da Nova com Antonio de Campos, o terceiro Affonfo de Albuquerque com Manoel Teles. A noffa primeira inveftida derramou o terror

ror entre os inimigos, obſervando que o diluvio do ſeu fogo, o chuveiro das ſuas armas de arremeço, a oppoſiçaõ de quatro mil homens nada nos detinha o paſſo, até chegarmos, e arrombar as portas de Maſcate. Coberto o campo de mórtos, os ſoldados o abandonaõ, os moradores deſampáraõ a Cidade, os Portuguezes em vingança de oito homens, que perdêraõ, a deſpojaõ, e a queimaõ. Era vulg.

Affonſo de Albuquerque, que tinha forças para ſuſtentar o pezo de muitas victorias, e que a guerra de Ormuz mais era empenho do ſeu valor, que do ſeu poder; ſem perda de tempo pôz as prôas ao porto de Soar, que eſtava defendido por huma boa Fortaleza quaſi na embocadura do Ganges. O ſeu Governador naõ quiz expôr-ſe aos riſcos de a defender; entregou-a em boa paz, jurando-ſe vaſſallo, e tributario del Rei D. Manoel. Ao meſmo deſtino ſe ſujeitou a Villa de Orfaçaõ, que he a ultima da cóſta da Arabia para a parte ſeptentrional, pertencente ao Reino de Ormuz. O General, depois

de

Era vulg. de aproveitar as riquezas de Orfaçaõ, e de a vêr conſumir por hum incendio; naõ tendo por aquelle lado, aonde empregar as armas, retrocedeo á viagem para ir fazer huma viſita na meſma Corte de Ormuz ao ſeu Rei Ceifadim, que eſtava na ſua menoridade, e governava por elle hum bravo Mouro de Bengala, chamado Cojeatar.

Eſte Regente valeroſo, e prevenido, informado dos eſtragos, que o Albuquerque fazia nas terras do ſeu Pupillo, por ſe acaſo a ſua temeridade foſſe tanta, que tiveſſe as meſmas idéas ſobre Ormuz; elle preparou as muitas embarcações do porto, e aliſtou huma Armada de ſeſſenta navios de Eſtrangeiros, em que entrava a célebre náo Meri do Rei de Cambaya, que era de 800 toneladas, eſtava guarnecida de Mamelucos, e jogava muita artelharia. O número da gente em mar, e terra correſpondia á quantidade dos navios, e á importancia da defenſa de huma Capital como Ormuz. Chegou a ella o Albuquerque, deo fundo no

ſeu

ſeu porto, e com parecer do Conſelho de Guerra, mandou offerecer paz a Ceifadim, ſe á imitaçaõ de outros Reis da Aſia, quizeſſe ficar tributario do de Portugal. Trouxe a reſpoſta deſte recado o Mouro Cojebeirame em huma carta aſſignada pelo Rei, e pelo Regente, acompanhada de hum regallo, que o General naõ quiz aceitar, em quanto naõ via o exito da negociaçaõ. Era vulg.

Como o projecto de Cojeatar era differilla até lhe chegarem humas náos, que eſperava com gente da terra firme; tanto que eſtas entráraõ no porto, as promeſſas ſimuladas ſe mudáraõ em huma declaraçaõ formal de guerra: mandando o Regente deitar hum bando para ninguem matar Portuguez algum, que o Rei queria para eſcravos: pondo na meſma noite a Armada em ordem, os navios groſſos encoſtados á terra, os ligeiros mais feitos ao mar para nos metter entre dous fógos; e com déz mil homens de preſidio nelles, e na Praça, já lhe parecia eſtar tomando contas ao Albuquer-

que

Era vulg. que dos attrevimentos, que acabára de ter nas terras do ſeu Monarca. O Albuquerque o percebeo aſſim nas reſpoſtas cheias de fereza, com que Cojeatar de hum dia para outro mudára de eſtylo, ao meſmo tempo que lhe offerecia á face movimentos audacioſos, que o deſafiavaõ para huma batalha.

Era muito prudente o noſſo Chéfe para deixar de advertir o perigo, em que eſtava, ou de faltar aos deveres da honra retirando-ſe, ou de ſe empenhar com tanta deſigualdade de forças em hum combate de opiniaõ. Mas como as almas grandes em repente algum perdem o acordo; o Albuquerque ſublimando o eſpirito, começa a implorar os ſoccorros do Ceo; lembra-ſe, que os Portuguezes na guerra com os Barbaros nunca medíraõ proporções; traz á memoria, que elle meſmo, muitas vezes inferior em número de gente, acabava de bater inimigos poderoſos, de lhes queimar os ſeus navios, de lhes aſſollar as ſuas Cidades; e dando a todas eſtas idéas de heroicidade as imagens mais vivas, elle

le as representa na face dos seus solda- Era vulg.
dos. Naõ houve algum de valor, que dominado de huma intrepidez, que se naõ concebe, deixasse de lhe mostrar a impaciencia, com que soffria a demóra da batalha. Avança-se a ella o General na vã-guarda para ir insultar os navios, que estavaõ dentro do porto de Ormuz, e ordena que a reta-guarda faça frente, aos que vinhaõ pelo bórdo do mar para lhes impedir, que cruzassem os fógos. Estas ordens foraõ acompanhadas de huma advertencia aos Capitães para naõ se chegarem muito aos inimigos, em quanto elles naõ déssem as primeiras cargas da sua artelharia.

O successo mostrou o acerto desta providencia. Os inimigos atacáraõ a nossa reta-guarda com hum fogo taõ vivo, que fez tremer o mar, e enrolar o Ceo em huma nuvem de fumo. Quando se descobríraõ os objectos, o nosso mais bem apontado fez perceber os effeitos nos gritos, e imprecações dos feridos, e agonizantes, que augmentavaõ o horror do espectaculo. Ao mesmo tempo o General fazia hum gran-

Era vulg. grande deſtroço nas náos, eſpecialmente nas de Cambaya, aonde a mortandade era tanta, que os vivos ſe lançavaõ ao mar, fugindo de hum inimigo inexoravel para outro cruel. Entaõ ſaltáraõ os noſſos nos batéis para alancearem eſtes infelices, que Cojeatar quiz ſoccorrer nas terradas de Ormuz, que ſendo muito ligeiras, entravaõ, e ſahiaõ por entre as noſſas náos com muita celeridade; mas mettido a pique hum grande número, as ondas cobertas de cadaveres, nelles tropeçavaõ os vivos, que nadavaõ, em quanto as lanças dos batéis naõ os punhaõ na meſma igualdade da ſórte.

Na náo Meri tinha a do Albuquerque feito hum grande deſtroço, que ſendo percebido pelos noſſos Fidalgos ambicioſos de honra; elles tomáraõ á ſua conta abordalla, e rendella com mórte da maior parte dos ſeus defenſores. O General lhes mandou logo ordem, para que abocaſſem a ſua artelharia para a Cidade, e a varejaſſem ſem deſcanço, para que o ſeu Rei, que das varandas do Paço via o comba-

ba-

bate, notasse que este do mar havia ir dar fim na terra. Já os nossos encontravaõ inimigos sem resistencia; muitas náos mettidas a pique; outras queimadas; muitas prisioneiras; o resto em fugida; dous mil homens mórtos, e dos Portuguezes apenas dez. O General foi perseguindo aos que se retiravaõ para Ormuz, aonde mandou cortar as amarras a 30 náos surtas, que foraõ varar na Cósta da Persia, e passando pelo varadouro, e estaleiros, fez pôr fogo a 140, que se estavaõ construindo, e alimpando: segundo horror sobre o primeiro, que des do Rei até ao ultimo dos vassallos introduzio aquella qualidade de medo, que desterra a presença do espirito para a razaõ naõ obrar livre. Era vulg.

Ainda que os inimigos desampararaõ os muros da Cidade, e foraõ entrincheirar-se no Paço para defenderem, ou morrerem com o seu Rei; o Albuquerque por naõ abusar de tamanha victoria; vendo os Portuguezes poucos, fatigados com oito horas de combate, a noite chegando; mandou tocar a reti-

Era vulg. tirada para enterrar os noſſos mórtos, e ſe applicar á cura de cincoenta feridos. Com a luz da manhã ſe apreſentáraõ a bórdo da Capitania o Mouro Cojebeiraõ, que depois veio a Portugal, e com elle outro chamado Abdala, que em reſulta do Conſelho, que o Rei Ceifadim, e o Regente fizéraõ aquella noite, nos offerecêraõ da ſua parte ajuſte de paz, com as condições do Rei ficar vaſſallo do de Portugal; pagando-lhe de tributo 15₵000 xerafins de ouro; dando lugar para fazermos logo huma Fortaleza na Ilha; e pedindo ſeguro para mandar pelos ſeus vaſſallos apagar o incendio, que ardia nas náos, e nos arrabaldes da Cidade.

Os dous Miniſtros ajuntáraõ a eſtes officios taõ cheios de ſubmiſſaõ as deſculpas do paſſado com a menoridade do Principe, que menos prático nas máximas do Governo, admittíra as idéas de alguns ſuggeſtores: que quanto elles acabavaõ de expôr, era reſpectivo aos intereſſes do Rei de Portugal; e que elle como Chéfe Supremo devia

ad-

admittir as considerações, de que ao Era vulg.
Rei de Ormuz, depois de se fazer seu tributario, era preciso conservar os navios para manter o Commercio com as Nações, naõ succedesse ficar deserta a sua Corte. Artigos taõ vantajosos, ainda no estado de vencedor, naõ podiaõ deixar de ser bem recebidos por Affonso de Albuquerque, que despedio a Cogebeiraõ com a resposta, e reteve a Abdala até a conclusaõ do ajuste, que El-Rei mandou firmar por hum dos seus Generaes chamado Raxnoradin, e da sua maõ o recebeo gravado em laminas de ouro. Depois da publicaçaõ solemne desta paz, o Rei mandou pedir ao Albuquerque hum Estandarte com as Armas Reaes de Portugal, que sahio das náos acompanhado do estrondo da artelharia, do som das trombetas, e com a mesma ceremonia foi arvorado no mais alto do Palacio de Ormuz, como devisa, naõ só da complacencia inexplicavel do Rei; mas como hum monumento perpetuo da paz, e felicidade dos seus Póvos.

Impaciente desejava Ceifadim avistar-

Erá vulg. tar-ſe com o Albuquerque, e pedio lhe fizeſſe eſte goſto. Elle reſpondeo, que ſó eſperava as ſuas ordens para ſaltar em terra. Hum concurſo numeroſo ſe alvoroçou para vêr eſte milagre do valor, que recebido pela guarda do Rei, foi levado a Paço, aonde competiaõ o prazer, e a pompa. Ceifadim o eſperava no meio de huma Corte ſoberba, que á imitaçaõ do Soberano o tratou com todas as demonſtrações de eſtimaçaõ. Acabada a Audiencia, com o meſmo magnifico aparelho foi elle conduzido ás náos, e ſeguido do preſente Real, que ſe compunha de diamantes de grande preço; de hum cinto bordado de ouro com pedraria precioſa; hum punhal, que tinha da meſma fabrica huma bainha de valor, outras muitas peças, e hum cavallo Arabo com jaezes ao modo da India. O Albuquerque correſpondeo com alguns traſtes de ouro, e prata fabricados no Reino, que tivéraõ a eſtimaçaõ, que ſe coſtuma dar, ſenaõ ao preço, á raridade.

Parte dos Portuguezes ſaltou em ter-

terra ſem a menor ſuſpeita de alguma fraude, para ſe ſervirem das caſas, que o Rei lhes deſtinára. Algumas das náos ſem ſuſto ſe encoſtáraõ á praia. Immediatamente ſe deo principio á obra da Fortaleza em lugar viſinho ao mar para cómmodamente receber os ſoccorros. O conhecimento, que o Albuquerque tinha das intrigas dos Mouros, lhe inſpirou ordenar, para ſegurança do trabalho, que em huma lingua de terra junto a elle ſe levantaſſe huma plataforma guarnecida de artelharia para repellir as tentativas daquelles Barbaros. Fornecia o Rei com diligencia os materiaes neceſſarios para a obra, e os Portuguezes, deſde o General até ao ultimo ſoldado, principiáraõ a trabalhar nella com o ardor de quem queria em pouco tempo deitar hum freio ao arrependimento, que já ſe deixava ſentir na gente de Ormuz. Se duraſſe mais eſta boa intelligencia entre os noſſos, com brevidade chegaría a Fortaleza á ſua perfeiçaõ; mas a cobiça com effuſaõ de razões eſpecioſas derramou ſobre os Portuguezes a compe- Era vulg.

Era vulg. tencia originada de huma glória falſa, que lhes divertio a occupaçaõ dos eſpiritos.

Suſpendêraõ-ſe os deſcontentes hum pouco com a chegada dos Embaixadores, que Iſmael, Sophi da Perſia mandou a Ormuz. Eſte Principe poderoſiſſimo havia declarado a guerra aos Principes viſinhos, vencido a todos, rendendo-os ſeus tributarios, e agora por via de negociaçaõ ſem mais armas, que o reſpeito das victorias paſſadas, pretendia que o Rei de Ormuz ſe deixaſſe involver no meſmo deſtino dos outros Soberanos ſeus feudatarios. O verdadeiro fim da pretençaõ de Iſmael era divertir a Ceifadim da alliança de Portugal, e a conjuntura de abatido elle a teve pela mais propria para fazer valer os ſeus intereſſes. Sobprendeo-ſe o Rei de Ormuz entre o temor de ſeu viſinho o Sophi da Perſia, e o de violar a fé jurada ao Rei de Portugal. Elle quizéra communicar o ſeu aperto ao Albuquerque; mas advertio que era juſto ouvir antes os votos do Conſelho. Cojeatar, e a maior parte dos

Mi-

Miniſtros ſe inclináraõ a Iſmael com razões, que pareciaõ irreſponſaveis. O Rei, depois de os ouvir, tomou o partido de abraçar os ſeus proprios ſentimentos, de naõ faltar á palavra, de ſe abrir com o Albuquerque, e de fazer, que eſte negocio naõ era com elle; mas com os Generaes do Rei de Portugal. Era vulg.

Affonſo de Albuquerque taõ ſabio nos Gabinetes, como intrépido nos combates, para reſgatar ao Rei de Ormuz da dependencia do Sophi, e para dar vigor á protecçaõ do ſeu Soberano; elle vio bem, que era hum expediente digno da corage impavida dos Portuguezes, e que ſó pelo meio da fereza ſe podia levar ao fim. Chamando ao ſeu interior a preſença da heroicidade até aos ſeus ultimos termos, elle manda hum dos Capitães, que vá dizer aos Embaixadores da Perſia: Como o Rei, e Reino de Ormuz deſcançaõ á ſombra da protecçaõ do grande Rei de Portugal, que reconhecem por Senhor, e lhe pagaõ tributo: que elles naõ pódem ſervir a dous Domi-

Era vulg. nantes, e ſatisfazer dous feudos, ſem deſprezarem a hum para eſtimarem o outro: que D. Manoel he Soberano de vaſſallos incapazes de ſoffrer, que haja quem lhe faça deſprezos ſobre a face da terra; e que o tributo, que ſeu Amo pretendia do Rei de Ormuz, elle lho mandava na arca, que lhes remettia.

Abrio-ſe a arca, e o ſeu recheio eraõ ballas de artelharia, e de moſquete, ferros de lanças, e de flechas. O noſſo Emiſſario, apontando com o dedo eſtas precioſidades, continuou: O meu Chéfe me ordena vos inſtrua na reſpoſta, que haveis dar ao voſſo Soberano, concebida nos preciſos termos. De que eſte he o tributo, que aos ſeus feudatarios manda pagar a outros Principes eſtranhos o Auguſto Rei de Portugal, e dos Algarves, da Africa, da India, e de Ormuz, quando os recebe, e lhes offerece o ſeu amparo. Ouvíraõ os Embaixadores eſta reſpoſta, e tomáraõ a offerta de ſemelhante tributo por huma fracçaõ do Direito das Gentes; elles proteſtáraõ pela injúria, que a noſſa

con-

confiança fazia a hum Monarca taõ adoravel, como era Ismael Sophi; elles deixáraõ correr livre a cólera para derramar ameaças de vinganças inexoraveis; mas tivéraõ de se recolher para a Persia com as mãos vasias, mallogrados os intentos, sem abandonarem o pezar, e as queixas, em quanto dellas naõ fizessem narraçaõ aos pés de seu Amo. Era vulg.

CAPITULO II.

Trata-se da discordia dos Capitães da Armada com Affonso de Albuquerque, e da segunda guerra, que elle fez ao Reino de Ormuz.

NAÕ impedio a negociaçaõ, que acabo de referir, com os Embaixadores da Persia os progressos da obra da Fortaleza, que já se via no estado de poder defender-se; como ella se dilatava, e a cobiça lembrava aos Officiaes as prezas, que deixavaõ de fazer no corso do Cabo de Guardafú, que os en-

Era vulg. enriquecia; elles principiáraõ a ſentir-ſe, e levar a mal, que as ſuas mãos honradas ſe occupaſſem mais tempo em operaçaõ taõ ſervil. Conjurados para o fim dos ſeus intentos, depois de hum longo diſcurſo para deprimirem o cambio, que o Chéfe fazia da conſtrucçaõ de Praças ſem lucro pela do corſo intereſſante dos mares: em nome do Rei lhe diſſéraõ, que a Fortaleza já podia ter Governador, e guarniçaõ, que a defendeſſem; e que elle devia retirar-ſe do porto para virem os navios de Commercio, que o ſeu temor affugentava. Eſte requerimento por eſcrito lhe mandáraõ elles pelo Eſcrivaõ das náos; proteſtando, que era contra o ſerviço do Rei empregar-ſe tanto na conquiſta de Ormuz, ſem ordem ſua. O Albuquerque naõ querendo vello, o metteo debaixo de huma pedra na porta, que des de entaõ ficou chamada dos Requerimentos.

Como os deſcontentes reforçáraõ a repreſentaçaõ com o nome do Rei de Ormuz, e o Albuquerque a attendêra taõ pouco; offendidos deſta contu-

tumelia, procurárão ao Regente Cogeatar, e lhe fizérão ſaber: Que o Albuquerque, quando ſahíra de Lisboa, não recebêra ordem alguma del Rei D. Manoel para celebrar Tratados com Ceifadim, nem para lhe declarar a guerra, ſe elle os recuſaſſe: Que eſte General era hum ambicioſo temerario, que com o pretexto da glória da Patria, e do Monarca, ſe valia da ſua authoridade para andar pelo mundo inquietando os Reis, que eſtavão em tanta diſtancia dos Domínios de Portugal, e delles ſó ſe queria o Commercio, não a vaſſallagem: Que os meſmos Reis á peſſoa do Albuquerque, e não ás dos mais Portuguezes, he que havião olhar como inimiga do Soberano Poder, perturbador do ſeu ſocego, injúria, e eſcandalo das Mageſtades. Deſte modo ſe fez geral a deſobediencia, atropelada a diſciplina, a ordem, a dependencia militar: Officiaes, ſoldados, e marinheiros nada mais reſpiravão, que hum eſpirito de revolta, que preparava para os inimigos as vantagens. Era vulg.

Re-

Era vulg. Reviveo a alma de Cogeatar, que ſendo taõ déſtra, naõ deixaría de pegar em occaſiaõ taõ favoravel para maquinar ſem ſuſto a ruina do Albuquerque. Elle o buſcou denodado, e lhe diſſe affouto, que trataſſe de ſe retirar com a Armada de Ormuz, porque o medo dos Mercadores romperá o fio do Commercio com grande detrimento das Rendas Reaes, que naõ chegariaõ para ſe pagar o tributo a El-Rei D. Manoel: que a ſua auſencia naõ diminuiría a fidelidade de Ceifadim, que promettia fornecer á Fortaleza quanto lhe foſſe preciſo; mas que apartaſſe de Ormuz o objecto do terror daquella parte de Aſia, aſſim para ſocegar as Nações, como para eſcuſar ao ſeu Rei o perigo de ſer atacado por ſua cauſa pelo formidavel Sophi da Perſia. O Albuquerque, ſecco, e auſtéro, lhe reſpondeo, que elle naõ era homem capaz de deſiſtir de hum empenho depois de começado.

Como naõ aproveitou eſta induſtria, Cogeatar eſcrupuliſou pouco em declarar a perfidia, com que ſobornou

cin-

cinco marinheiros da Armada, que tinhaõ o officio de fundidores de artelharia, e os fez desertar. A perda de homens semelhantes, que era taõ sensivel ao Albuquerque pelas consequencias, ella o obrigou a esforçar-se com o Rei de Ormuz para o constranger a restituillos. Passáraõ-se dias, e porque a restituiçaõ se naõ fazia, naõ ignorando o Albuquerque, que elles estavaõ occupados no exercicio da sua arte, reiterou mais vivas as instancias, a que se deo em resposta: Que os marinheiros tinhaõ fugido para a terra firme, e já sobre elles naõ podiaõ ser executadas as ordens de Ceifadim. Do intervallo, que se gastava na ida e vinda destes recados, se aproveitava Cogeatar para reforçar de noite a guarniçaõ da Praça, e fazer os mais aprestos, que lhe podiaõ servir para se aproveitar da nossa desuniaõ: manobras, de que Affonso de Albuquerque foi logo avisado pelo Mouro Abrahem, nosso confidente. Este caso novo, como necessitava de novo conselho, obrigou o General a convocar á sua náo todos Era vulg.

os

Era vulg. os Officiaes, que eſtavaõ na Fortaleza, e na Armada.

Quando os teve juntos, em diſcurſo breve lhes diſſe: O Rei de Ormuz ſe prepara para nos declarar a guerra, confiado mais na noſſa diſcordia, que nas ſuas forças: Vós ſois Portuguezes, os meſmos, que atégora cedeſtes dos voſſos intereſſes particulares para attenderdes aos do commum da Naçaõ; lembrai-vos do juramento de fidelidade, que déſtes ao noſſo Rei, e eſquecei o deſprazer, que vos tem cauſado a aſſiſtencia em Ormuz, e o trabalho deſta Fortaleza. Ouvido eſte diſcurſo, os Capitães mais deſcontentes do Albuquerque, foraõ os primeiros, que ſe lhe uniraõ, e fizeraõ reviver a confiança, que antes tinhaõ nelle. Ceifadim, e Cogeatar inferiraõ deſte conſelho, que os ſeus eſtratagemas eſtavaõ deſcobertos; mas entendendo que elle naõ teria ſido baſtante para congraçar a diſplicencia declarada entre os primeiros Chéfes, com a eſperança de lhes ſer vantajoſa a noſſa deſuniaõ imaginada, elles ſe reſolvem a fazer-nos a guerra deſcoberta.

Sen-

Sendo o deſignio do Rei obrigar o Albuquerque a fazer-ſe ao largo, mandou que os canhões da Cidade, e os dos navios ao meſmo tempo deſcarregaſſem ſobre a Armada hum fogo contínuo. Elle cauſou no animo intrepido do Albuquerque taõ pouco temor, que entaõ ſe chegou mais para o porto, aonde Cogeatar mandára recolher os navios, que com huma innundaçaõ de fógos arteficiaes foraõ feitos em cinza. Depois aſſeſtou a artelharia contra a Cidade, e a bateo doze dias contínuos; mas tendo eſte modo de guerra por muito lenta, quiz caſtigar a audacia, e perjurio dos contrarios com golpe mais ſenſivel, qual he a fome. Como Ormuz recebia de fóra todos os provimentos, ordenou aos Capitães de quatro náos, que com a maior vigilancia guardaſſem o mar, lhe fechaſſem as portas, aprezaſſem todas as embarcações, e as trouxeſſem á ſua preſença, para que Ormuz bloqueada pereceſſe. Eſta foi a occaſiaõ, em que o Grande Albuquerque eſqueceo a humanidade, e deitou huma nodoa feia Era vulg.

na

Era vulg. na galla eſpecioſa das ſuas façanhas paſſadas, e futuras.

A todos os priſioneiros, que entaõ ſe fizéraõ, mandou elle cortar huma das mãos, as orelhas, o nariz, e a metade de hum pé. Neſta triſte figura os fazia pôr em terra para dizerem a Ceifadim, e a Cogeatar, que aquelle tratamento eſperava a todos os que levaſſem mantimentos a Ormuz, e aos moradores da meſma Cidade, que cahiſſem nas ſuas mãos. Hum eſpectaculo cheio de tanto horror, huma fome já intoleravel, de tal ſórte conſternou os animos, que em nada mais penſavaõ, que em eſcogitar os meios de naõ ſer participantes de ſórte taõ fatal. Grande número de conſternados em tumulto rodeiaõ ao ſeu Rei, e lhe clamaõ faça a paz com os Portuguezes, e que ſe deixar de o executar aſſim, naõ ſe ſinta depois, ſe elles ſe lançarem a qualquer expediente, que os poſſa ſalvar de hum perigo eſpantoſo. O Rei, ouvindo eſtas vozes ſem deixar vêr a peſſoa, mandou dizer ao Povo que ſoçegaſſe; porque as ciſternas da Cidade,

de, e os poços de Turumbat estavaõ providos de agua, os armazens cheios de mantimentos; que elle lhe assegurava huma subsistencia effectiva, até a chegada da Fróta, que esperava. Era vulg.

Esta promessa acalmou tanto o tumulto, que o Albuquerque se considerou embaraçado com o socego, que por alguns dias via em Ormuz. Tirou-o deste susto hum prisioneiro, que lhe referio o estratagema de Cojeatar, quando os armazens, cisternas, e poços estavaõ quasi vasios, e que para guardar as poucas aguas de Turumbat se havia mandado para este sitio hum reforço consideravel de trópas. Descobertos estes segredos dos inimigos, o Albuquerque destacou a Jorge Barreto, e a Affonso Lopes da Costa para Turumbat com o designio de subprender a guarda, que acháraõ dormindo com o seu Capitaõ Cidehamer, e a passáraõ á espada com o mesmo Capitaõ, que foi morto por D. Antonio de Noronha. Serviraõ os cadaveres para tupir os poços, que era empenho bastante naquella conjuntura; mas o General, des-

Era vulg. desafiando as difficuldades, os mandou guarnecer por Lourenço da Silva, bravo, e destemido Fidalgo Hespanhol, com vinte soldados, para que os inimigos naõ os alimpassem.

Deo causa este empenho a hum choque terrivel entre todas as forças de Ormuz com o Rei na sua tésta, e Affonso de Albuquerque na frente de 150 Portuguezes. Foi este o maior dos perigos, em que se vio o nosso General por todo o discurso da sua vida, guardado nos seios da Providencia para ainda lhe dar formosos dias. Nós nos vimos obrigados a abandonar o posto com quasi todos os homens feridos, e mórtos unicamente Christovaõ de Figueiredo, pagem do Albuquerque. Este grande Capitaõ foi atacado pelo seu favorecido Raix de la Mixa; mas a balla disparada dos batéis lhe levou huma perna, e cessou de perseguir ao seu bemfeitor. Nenhum dos nossos escaparia desta refrega, se o lugar della naõ fosse perto da praia, que nos facilitou a retirada, e o embarque. Huma vantagem taõ conhecida em nada aliviou

a consternaçaõ da faminta, e miseravel Ormuz, que já corria á sediçaõ, nem esfriou o ardor do nosso Chéfe para lhe augmentar o aperto com toda a vigilancia, e industria. Era vulg.

Quando as cousas se achavaõ neste estado, alguns dos nossos Capitães se arrojáraõ a huma torpeza digna de nota eterna. Elles, ainda que famosos na qualidade, e nas obras, transportados do odio, que haviaõ concebido contra o seu Commandante, quando a guerra tinha chegado ao ponto de se concluir com glória; esquecidos da fé, e da nobreza, desampáraõ ao Grande Albuquerque, daõ vélas ao vento, e se fazem na volta da India. Foraõ estes desertores Manoel Teles Barreto, Affonso Lopes da Costa, Antonio do Campo, e no seu número entrariaõ Francisco de Tavora, e Joaõ da Nova, se o Chéfe a tempo naõ os prendêra, e provesse em outros os seus cargos, ainda que pouco depois os restituio a elles. O Albuquerque com as forças taõ diminuidas teve de se apartar da vista de Ormuz, colérico, e indi-

Era vulg. dignado, por lhe arrancar das mãos huma victoria taõ brilhante, naõ o valor dos inimigos, mas a indignidade, a fraqueza, a perfidia dos seus subalternos. Elle levantou o bloqueio, e foi-se forçar a Ilha de Queixome pertencente ao Rei Ceifadim: invasaõ repentina, naõ esperada dos Insulanos, que a maior parte perecêraõ, as povoações foraõ abrazadas, sem reservarmos dellas mais despojos, que os mantimentos, de que havia necessidade.

Depois desta expediçaõ, o General teve aviso da nossa Fortaleza de Çocotorá, que estava no ultimo aperto da fome, em termos de se entregar aos Fartagues, que a sitiavaõ. Elle se apressou a soccorrella; e os Barbaros, que ainda o suppunhaõ entretido em Ormuz, atemorisados da sua vinda levantáraõ o sitio, pedindo a paz. Nós estavamos em figura de naõ a recusar, especialmente depois que o Chéfe concebeo a idéa de ir insultar outro Povo rico de Queixome para fornecer a Fortaleza de mantimentos. Defendiaõ este Povo 500 homens ás ordens de dous so-

ſobrinhos do Rei de Lareec, que na peleija vigoroſa, que ſuſtentáraõ, morrêraõ ambos com a maior parte da ſua gente. Á ruina ſe ſeguio a paz, obrigando-ſe eſte lugar de Homeal a contribuir com grande cópia de viveres, que foraõ conduzidos a Çocotorá. Como a ſua Fortaleza ficava ſegura, o General enviou Franciſco de Tavora a Melinde com o meſmo fim de fazer provimentos, e alli teve o goſto de ſe lhe ajuntarem as náos de Diogo de Mello, e de Martim Coelho, que haviaõ invernado em Moçambique, e traziaõ ordem para irem cruzar no Cabo de Guardafú em conſerva com o Albuquerque. Era vulg.

Como o Rei de Melinde naõ pode enviar ao Preſte Joaõ da Ethiopia os tres Emiſſarios, que lhe encarregára Triſtaõ da Cunha, e levavaõ Cartas del Rei D. Manoel áquelle Principe: Franciſco de Tavora os tomou a bordo para os conduzir a Affonſo de Albuquerque. Na viagem para Çocotorá aprezáraõ os tres Capitães huma náo de Mouros; o Albuquerque fez o meſ-

Era vulg. mo a outra, em que prendeo hum Abexim muito prático nos Dominios do Preſte Joaõ, e inſtruido por elle, enviou os tres Emiſſarios, que chegáraõ ao Reino da Abaſſia, entaõ bem governado por Helena, Mãi do Principe David, que eſtava na ſua menoridade. O Abexim veio a Portugal, aonde ſe fez Chriſtaõ; os Emiſſarios entregáraõ as Cartas a Helena, e eſta Rainha em nome de ſeu filho mandou por Embaixador a Lisboa hum Armenio chamado Mattheus, para ſignificar a D. Manoel a ſua extrema complacencia com as noticias de taõ grande Rei.

Affonſo de Albuquerque, que paſſára o Inverno em Çocotorá, com a chegada dos Capitães Franciſco de Tavora, Diogo de Mello, e Martim Coelho reforçada a ſua Fróta, determinou naõ ter ocioſas as armas. Sempre viva na ſua lembrança a injúria, que ſe lhe fizéra em Calaiate, quando lhe déraõ tonéis de immundicies em lugar de mantimentos, elle ſe fez á véla para eſta Praça. Os moradores, entendendo ſer nova Eſquadra, que chegava de Por-

tugal, mandáraõ dous Emissarios a informar o Commandante do que se tinha passado em Ormuz, e sondar o fundo das suas intençóes. Elles entráraõ affoutos na Capitania; mas encontrando-se com o Albuquerque, perdêraõ a côr, interrompeo-se-lhes a falla, elles pasmáraõ. Depois que sahíraõ do extasi causado pelo temor, se lhe lançáraõ aos pés, e disséraõ, que havendo entrado na náo como amigos, e que como taes estavaõ promptos a servillo, se lhes désse liberdade, implorando a sua clemencia. O General lha prometteo, se lhe dicessem com verdade o estado de Calaiate, e se o Governador era o mesmo perfido, que da outra vez lhe fizéra nos mantimentos hum engano, e huma injúria enormes. Era vulg.

Os Deputados informáraõ ao General de tudo com sinceridade, e de que o Governador era o mesmo. Sem mais demóra elle os despede; faz levar as náos para o interior do porto, e embarca a gente nos batéis para investir a Praça. Justamente entendeo o Albuquerque, que só o estrondo da

Era vulg. ſua chegada acompanhado da lembrança do terror, que derramára por toda aquella cósta o anno paſſado, lhe abriría o caminho para andar ſem tropeço. Enganou-o a idéa, por ſer eſta huma das conjunturas, em que o meſmo temor ſabe deſterrar a cobardia. O Governador ſe conſiderava réo de hum crime inexpiavel por meios brandos; e firme no conceito, de que havia manter conſtante a obſtinaçaõ, ſe reſolveo a moſtrar a contumacia na reſiſtencia. Elle deſceo á praia rodeado de hum corpo numeroſo de trópas, que poſtou com huma Meſquita na reta-guarda para lhes ficar mais difficultoſa a retirada. Em tom de bravo homem ſuſtentou o Governador o primeiro repelaõ dos Portuguezes; mas notando o eſtrago, obſervando a differença, que vai das imagens viſtas ás penſadas da guerra, reſuſcitou o antigo temor, abateo-ſe a contumacia, e o Governador cobarde foi o que primeiro fugio para a Cidade. A maior parte da ſua gente ſe recolheo á Meſquita, entendendo lhe valeria o Sagrado, já que

pa-

para a defenſa lhe eſmorecêra o valor. Era vulg.

Com o meſmo impulſo ganhárao os Portuguezes a Meſquita, degolárao muitos homens, e os que podérao, corrêrao para a Cidade, ſeguindo-lhes os noſſos o alcance. Vinha chegando a noite, e mandou o General tocar a retirada para continuar a victoria com a lúz do outro dia, nao ſuccedeſſe ſervirem-lhe as ſombras de tropeço. Como ſe tinha ganhado a Meſquita, nella ſe ampárarao os Portuguezes, plantando córpos de guardas avançadas em todos os contornos, por onde ſe haviao conduzir á expugnaçao de Calaiate. Ao apontar o dia nos avançamos ao ataque; mas achámos a Cidade deſerta, e vimos que os contrarios, ſem lembrança alguma das riquezas, ſó dominados do amor da vida, na meſma noite forao buſcar os boſques para azylo das peſſoas. Oito dias gaſtamos no ſaque da Cidade: tempo, em que Xarafadim, Capitao do Rei de Ormuz, chegava com mil homens de ſoccorro. Suppondo-nos entretidos com os deſpo-

jos,

Era vulg. jos, descuidados pela fugida dos defensores, baixou com elles do monte em huma noite escura com certeza constante de vencer-nos.

Era o Albuquerque Capitaõ mui precatado para ter descuidos. Xarafadim o encontrou taõ prevenido, que depois de perder a maior parte da sua gente, huma mórta, outra prisioneira, teve de buscar o mesmo refugio da montanha, donde descêra. Para acabar com Calaiate de hum golpe, o General lhe fez pôr o fogo, que a consumio até aos fundamentos; mandou abrazar vinte, e sete náos, e outra vez esquecido da humanidade o Albuquerque, ordenou que a todos os prisioneiros se lhes cortassem várias partes do corpo para ficarem defórmes, deixando na terra em espectaculos taõ horrendos hum testemunho vivo do seu resentimento sobre Calaiate, que tanto o provocára.

CA-

CAPITULO III.

Continua-ſe com a guerra de Ormuz, e com os ſucceſſos do Vice-Rei D. Franciſco de Almeida na India.

BEM deſpicado da injúria recebida, o Albuquerque ſahio de Calaiate para moſtrar o meſmo ſemblante a Ormuz. Como os motivos do ſeu ſentimento naõ lhe permittiaõ guardar formalidades, apenas chegou ao porto entrou a ſervir a Cidade com o fogo da artelharia das náos. O Rei Ceifadim temeo a cólera de hum inimigo inexoravel, contra Cogeatar ainda mais inflexivel; e para haver de ſe deliberar ajuntou conſelho, aonde ſe ponderáraõ as difficuldades de reſiſtir a hum General, que trazia a fortuna ao ſeu ſoldo, a huma Naçaõ, que fazia dos perigos inſtrumentos das victorias. Neſta perplexidade Cogeatar reſolveo, que ao Albuquerque ſe apreſentaſſem Cartas do Vice-Rei D. Franciſco de Almeida eſ- Era vulg.

Era vulg. eſcritas a Ceifadim, em que deſaprovava a guerra de Ormuz, e a declarava emprehendida ſem ordem do Rei de Portugal. Eſtas Cartas póde ſer, que tiveſſem origem nas calúmnias, que os tres Capitães deſertores pozérão na preſença do Vice-Rei, ſuggeridas pelo ſeu odio contra o Albuquerque: porém eſte Chéfe animoſo, ſe á primeira viſta ſentio perturbação, elle a depoz; não ſe embaraçou com ſemelhantes Cartas, e reſolveo fazer-ſe em Ormuz menos tractavel do que antes, por mais eſtimulado mais feroz.

Rompeo o General pela obſervancia deſtas ordens, já porque lhe impedião fazer ao Rei, e á Patria hum grande ſerviço, já porque erão huma affronta, que lhe atacava a reputação, já porque erão hum obſtaculo aos progreſſos da grande glória, que elle hia adquirindo, e a repoſta a eſta deputação do Rei, e do Regente foi redobrar os ataques. Como tinha poucas embarcações para impedir a entrada dos mantimentos, que era a guerra mais crúa, que podia fazer a Ormuz; paſſou á ter-

terra firme do Mogaſtaõ para inveſtir Era vulg.
o lugar de Nabande, aonde tupio os poços, aprehendeo quantidade de mantimentos, abrazou o lugar: e ſabendo que dous Capitães do Sophi da Perſia vinhaõ com 500 homens eſcoltando huma grande cafila de viveres deſtinados para Ormuz, deo ſobre elles, paſſou-os á eſpada, tomou a preza, e por hum Mouro do meſmo lugar, que ſe moſtrou officioſo, mandou dar novas deſte ſucceſſo a Ceifadim, e a Cogeatar. Do meſmo paſſo enviou Diogo de Mello, e nove homens em hum batel, ſem mais deſignio, que o de tupir huns poços na Ilha de Lara; mas elle querendo-ſe aſſignalar por alguma acçaõ illuſtre, enganado por dous Mouros captivos foi fazer huma invaſaõ entre a Ilha de Queixome, e a terra firme, aonde o rodeáraõ alguns dos 40 navios, que vinhaõ de Julfar com provimentos para Ormuz, e o matáraõ com os nove companheiros.

Vendo o Albuquerque a Ormuz bem provida, notando as ſuas poucas forças para huma guerra aberta, navegou pa-

Era vulg. para a India, e chegou a Cananor; onde encontrou ao Vice-Rei D. Francisco, que tendo já ordem para lhe entregar o Governo da India, viera de Cochim a despedir sete náos de carga para o Reino, e preparar a Armada, com que determinava ir atacar em Dio as de Mirhocem, e de Meliqueáz em desagravo da mórte de seu filho D. Lourenço. Ambos os Chéfes se tratáraõ com apparencias de grande amizade, que logo mostrou o tempo ser hum effeito da sua politica. Em huma conferencia, que o Vice-Rei teve só com o Albuquerque, lhe disse: Eu recebi huma Carta del Rei, em que me manda vos entregue o Governo: dentro neste anno naõ o posso fazer por duas razões; a primeira porque a via, que trazia Jorge de Aguiar, em que se me ordena o que eu hei de obrar na India antes de partir para o Reino, ainda naõ he chegada; a segunda porque tenho já prompta a Armada para ir lançar destes mares a do Soldaõ de Babylonia, e naõ devo differir huma expediçaõ de tanta importancia.

Mui-

Muito mal soáraõ nos ouvidos do Albuquerque estas razões. Elle lhe respondeo prompto: Que a sua força naõ era bastante, nada tinhaõ de sólido para resistir ás ordens positivas da Corte, nem ellas o desculpariaõ na face do Rei: Que a vantagem de obedecer elle a devia preferir á glória de haver principiado a reduzir os inimigos, e elevalla a todas as outras considerações de honra, e de interesses, que lhe podiaõ ser particulares: Que em quanto á jornada de Dio contra Mirhocem, e Meliqueáz, elle se offerecia a fazella com hum successo, que sería igual ao que meditava o seu valor; porque marcharia sobre os vestigios, que este lhe deixava impressos, sem se apartar hum ponto das instrucções, que elle lhe désse, com tanto que o provesse dos meios para as seguir, e as executar. Era vulg.

Naõ conveio o Vice-Rei na proposta do Albuquerque, ambiciosos ambos, contumazes em ceder da glória, que esperavaõ em hum honrado feito; e a differença de sentimentos nos dous Chéfes causou huma rotura, que pode-

Era vulg. dera ſer fatal, no eſpirito de uniaõ dos ſeus Officiaes. Todos os que tinhaõ militado com o Vice-Rei tomáraõ o ſeu partido: os que haviaõ ſervido com o Albuquerque, ſe declaráraõ por elle; mas eſta diviſaõ naõ podia produzir effeito na face de dous Generaes incapazes de atropelar os intereſſes da Patria para deixarem correr as paixões particulares por cima dos ſeus deſtroços. Preparava-ſe a Armada, e quando eſteve prompta, o Albuquerque em vez de ſe oppôr, ſe mandou offerecer ao Vice-Rei para o acompanhar, e ſervir ás ſuas ordens. A occaſiaõ era muito critica para huma alma tamanha, como a de D. Franciſco de Almeida, conſentir nella hum concurrente, e igual, de eſpirito taõ grande como Affonſo de Albuquerque. Elle lhe agradeceo o zelo; mas inſtando-o para ficar em Cananor, ou ſe recolher a Cochim, para onde partio logo, liſonjeando-ſe com as eſperanças, de que a Corte daria a juſtiça a quem a tiveſſe.

Deſpedidas as náos de carga para o Reino, e Affonſo de Albuquerquer para

Co-

Cochim, o Vice-Rei ſahio de Cananor com huma Armada de dezanove vélas bem eſquipadas, em que além da gente de ſerviço, embarcáraõ 1ϕ300 Portuguezes, e 400 Malabares de Cochim. Chegado a Onor, o noſſo confederado Timoja o viſitou com hum rico preſente, e deo a noticia, de que no rio a cima eſtavaõ muitos paráos de Calecut. O Vice-Rei ordenou a Payo de Souſa, e a Simaõ Martins, que os foſſem queimar, como fizeraõ, naõ ſem effuzaõ de ſangue de ambas as partes. De Onor foi a Armada tomar agua a Angediva, donde navegou para Dabul, Cidade do Reino de Decaõ pertencente ao Çabayo, hum dos Alliados de Calecut, e de Mirhocem. Payo de Souſa teve ordem de ir obſervar o que ſe paſſava em Dabul, com prohibiçaõ de ſahir do batel para ſaltar em terra; mas elle, naõ ſó o fez pelo contrario, ſenaõ que conſentio as injúrias, com que os ſeus ſoldados inſultáraõ aos moradores. Os agravados convocáraõ o Povo, que lançando-ſe ſobre os noſſos, matou a Payo de Souſa, e os mais Era vulg.

com

Era vulg. com grande perigo ſe ſalváraõ no batel.

Eſte inſulto provocou a cólera do Vice-Rei para moſtrar aos de Dabul, quanto lhes era pernicioſo terem aos Portuguezes por inimigos. Elle ſe determina a caſtigar eſta grande Cidade plantada em hum valle ameno nas faldas de hum monte aprazivel, ornada de edificios magnificos, eſcala de hum avultado Commercio, defendida por muitos, e valeroſos ſoldados com hum Governador deſtemido. Na noite foi ſondada a barra para no dia ſeguinte entrarem as náos, que levavaõ as galéz na vã-guarda, nos lados as caravellas, e na reta-guarda os eſquifes com a gente para o deſembarque. A eſta viſta, o Governador mandou deitar hum bando, para que ninguem ſahiſſe da Cidade, naõ ſe tiraſſem os generos, e riquezas, e que a ella ſe recolheſſem os moradores da campanha para ſerem teſtemunhas do caſtigo, que elle dava aos Portuguezes pela temeridade atrevida de virem atacar huma Cidade como Dabul, defendida por hum Caſtel-

lo, presidiada com seis mil soldados, habitada de Povo immenso, e o seu porto cheio de navios de guerra, imagens para outro poder bem respeitaveis. Era vulg.

Intentou esta empreza o Vice-Rei com tanto de audacia, quanto o Governador a olhava com desprezo. Elle se entretinha com as Damas, e as convidava para Expectadoras da Tragedia Portugueza, que representariaõ os poucos insensatos, que já vinhaõ cortando o rio com quatro bateis mal guarnecidos. Navegava o Vice-Rei na ordem referida, e nella mesma foi desembarcando os soldados, que marchavaõ ao ataque do Castello. Antes de chegarem a elle lhes sahio ao encontro o Governador na testa da sua gente, e em desprezo da nossa trazia na vãguarda sete Fidalgos Mouros magnificamente vestidos, cada hum no seu andor soberbo, que representava ser o carro triunfal da imaginada victoria. Estes sete barbaros com a comitiva numerosa, que os seguia, foraõ os primeiros, que os Portuguezes fizéraõ em

pos-

Era vulg. poſtas. Foi creſcendo o eſtrago com o ardor da peleija; o Governador perdendo a corage á viſta de tantos mórtos, e por naõ entrar no ſeu número, foi o primeiro, que buſcou a ſalvaçaõ na fugida.

As trópas, que naõ tinhaõ obrigaçaõ de ſer mais valentes, que o ſeu Capitaõ, ſeguiraõ-lhe o exemplo; mas os noſſos de envolta com elles entráraõ na Cidade, aonde a crueldade paſſou além do eſpantoſo. A nada perdoou o primeiro furor: homens, e mulheres, entrando a do Governador, grandes, e pequenos, culpados, e innocentes, tudo foi paſſado aos fios da eſpada, ſem ſe dar quartel a algum vivente. Dos braços das Mãis ſe arrancavaõ os filhos, que eraõ eſmagados contra as paredes; ellas depois atraveçadas pelo ferro. Na meſma marcha, com que ganhamos a Cidade, nos fizemos ſenhores do Caſtello; e porque em ambas as partes o cabedal era immenſo, acabou a carnage, e começou o ſaqueio. Como declinava o dia, para que naõ ſuccedeſſe que a deſordem perturbaſſe

o

o gosto de taõ completa victoria, o acautelado Vice-Rei mandou tocar a recolher; mas os soldados attrahidos da cobiça, que no meio de tantas riquezas podia despertar a dos Diogenes, e Catões, naõ fizéraõ caso do estrondo das caixas, nem do som das trombetas, e se engolfáraõ no saque. Era vulg.

Esta falta de obediencia constrangeo o Vice-Rei a mandar pôr o fogo aos principaes quarteis da Cidade para forçar as trópas a buscar as suas bandeiras: incendio, que a reduzio a cinzas, e tirou a vida a grande número de pessoas escondidas pelas casas. O mesmo fim tiveraõ as muitas náos de inimigos, que estavaõ no porto; sendo tal o desprezo do sangue, e da fazenda para só se dar lugar ao furor, e á cólera, que dalli em diante entendêraõ os Barbaros do Oriente, que a praga mais fulminante, e horrenda, que elles podiaõ pedir aos seus inimigos, era dizer-lhes: *A ira dos Frangues venha sobre ti, como veio sobre Dabul.*

Nesta grande acçaõ tivemos deza-

Era vulg. ſete mórtos, e 200 feridos. Dos contrarios perecêraõ mais de quatro mil além da gente do Povo; e porque o reſto ſe ſalvou na montanha, aqui a foi perſeguir o Vice-Rei, naõ ſó para avançar a mortandade, mas para fazer arder os fórtes Caſtellos, e agradaveis quintas dos contornos de Dabul. Como já naõ havia que deſtruir, nos embarcamos, e antes de ſahir do porto o Vice-Rei recebeo hum Emiſſario de Meliqueáz com cartas redundando officioſidades reſpectivas ao reſgate de alguns Portuguezes, que fizera priſioneiros na occaſiaõ de Chaul; comprometendo-ſe ás que elles lhe eſcreviaõ, aſſim no que tocava á facilidade do reſgate em quanto os tiveſſe em ſeu poder, como pelo que pertencia á humanidade, com que elle os tratava no abatimento da ſua ſórte: tudo politica fina, com que Meliqueáz pretendia menos adoçar o eſpirito do Vice-Rei, que procurar meios para ſe inſtruir nos ſeus deſignios. O Vice-Rei, que aſſim o penſou, reſpondeo ás cartas, naõ pelas cartas, nem pelo ſeu author;

mas

mas pela materia dellas, e pela ſua mesma dignidade. Era vulg.

Com eſte ſucceſſo de Dabul damos fim aos do anno de 1508, e principiamos os do ſeguinte 1509 repreſentando ao Vice-Rei D. Franciſco ſoltando as vélas daquelle porto a cinco de Janeiro em demanda das Armadas de Babylonia, de Cambaya, e de Calecut unidas no porto de Dio. Elle foi correndo ao longo da cóſta; recolhendo os tributos, que ſe deviaõ ao ſeu Rei; dando de ſi huma viſta guerreira, e temeroſa, até chegar ao rio Maim, aonde entrou para fazer provimentos, e admirar a fabula dos cem mil ſepulchros dentro de huma Meſquita, que lhe diſſéraõ os naturaes ſerem de Hercules, e dos ſeus ſoldados mórtos, e vencidos naquella Regiaõ por hum dos Principes potentiſſimos da India nas idades mais remotas, que para conſervar a memoria da ſua façanha por todos os ſeculos futuros, mandára conſagrar á Religiaõ aquelle monumento eterno. Daqui navegou o Vice-Rei para o porto de Dio, aonde já vamos 1509

Era vulg. vello empenhado em huma das batalhas mais bem diſputadas, que as armas Portuguezas déraõ na Aſia.

CAPITULO IV.

Da grande batalha naval, que o Vice-Rei D. Franciſco de Almeida ganhou ſobre as Frótas colligadas do Egypto, de Cambaya, e de Calecut.

A voz vaga, que corria, do eſtrago de Dabul, do empenho com que o Vice-Rei da India vinha ſobre Dio para tomar de Mirhocem, e de Meliqueáz vingança inexoravel pela mórte de ſeu filho D. Lourenço, obrigou os dous Generaes a conſultarem, ſe o haviaõ eſperar dentro, ou fóra do porto. Meliqueáz foi de parecer, que os inimigos ſe eſperaſſem dentro; porque comettendo elles a ſua vulgar temeridade de ſaltar em terra, as náos, e as trópas ficavaõ expoſtas a ſoffrer todo o fogo da ſua Armada, das batarias plantadas na ribeira, e dos canhões das mura-

ra-

ralhas. Prevaleceo porém o voto façanhoſo de Mirhocem, que para fazer oſtentaçaõ do ſeu valor, ou do noſſo deſprezo, ſe ſuſtentou firme, em que ſe déſſe o combate no alto mar. Apenas appareceo a noſſa Armada, a dos tres colligados compoſta demais de cem vélas, ſahio do porto; mas naõ em tanta diſtancia, que ſe naõ ſerviſſe de hum banco de arêa para lhe facilitar a retirada, nem ſe apartaſſe do ſoccorro, que eſperava receber da artelharia da Praça. Guarneciaõ a Armada inimiga 800 Mamelucos, várias gentes das nações ferozes da Aſia, grande número de trópas de Calecut, e Cambaya, e naõ poucos Chriſtãos de Eſclavonia, e de Veneza, que preferíraõ o amor de huma ganancia vil ao zelo, que deviaõ ter pela ſua Religiaõ Santa, e queriaõ combater temerarios. Era vulg.

Já promptos para o avance, os Generaes inimigos animáraõ os ſeus ſoldados com o eſpirito deſtas palavras: Lembrai-vos, valeroſos Muſulmãos, do odio, que juſtamente tendes concebido contra os Chriſtãos, inimigos implа-

Era vulg. placaveis do voſſo Alcoraõ adorável. Ahi os tendes á viſta : ſe elles com forças infinitamente deſiguaes agora nos vencem , quem naõ os confeſſará dignos de huma memoria eterna ? Se ficarem vencidos , todas as idades os teráõ por huns loucos temerarios , merecedores de eterno deſprezo , e affronta : deſta batalha depende a ſegurança da India , a conſervaçaõ , a liberdade dos voſſos paizanos , o crédito , o reſpeito da voſſa Religiaõ. Vêde que obrigações taõ ſantas tendes , que cumprir , todas dependentes do valor , com que peleijares para glória immenſa do voſſo Profeta , para honra immortal da voſſa poſteridade.

Ao meſmo tempo o bravo Vice-Rei com huma preſença taõ firme , que parecia eſtar moſtrando no ſemblante as certezas da victoria , que no animo concebêra , chamando todos os Officiaes á ſua náo , lhes fallou aſſim : Nós ſomos chegados á occaſiaõ , em que o Nome de Jeſus Chriſto ou geralmente ſeja conhecido , ou totalmente ſe eſqueça na India ; grande número

ro dos adverſarios deſte Nome Santiſ- Era vulg.
ſimo nos rodeia: elles nada valem, ſe nós com Fé viva o invocarmos: ſe affrouxarmos neſta Fé, que ſendo tibia faz eſmorecer o valor, nós ſeremos vencidos; elles por toda a Aſia cahiráõ ſobre o Chriſtãos vagos, e eſpalhados pelas ſuas Regiões, e fazendo-os victimas do ſeu furor, acabaráõ os cultos do Chriſtianiſmo neſta parte do mundo. Eſtes motivos ſublimes devem trazer-vos á memoria os deveres dos Varões pios, e fórtes, que ou vencem, ou morrem. Permittí-me, que entre aquelles motivos ſantos vos refreſque a lembrança com huma cauſa humana, qual he a mórte de meu filho, que vós tanto amaſtes, para que appliqueis á ſua vingança alguma parte do voſſo esforço, com que o acompanhaſtes na vida.

Recolhidos os Officiaes ás ſuas reſpectivas náos, ſe ſoltáraõ as vélas, e emproamos aos inimigos. O Vice-Rei quiz aproveitar o vento eſperando a maré; mas elle ſe mudou, obrigando-o a calar a véla para naõ varar no ban-

Era vulg. banco, que o ſeparava dos contrarios. Sendo pouca a diſtancia entre huns, e outros, ſe ſerviraõ do fogo dos canhões todo o reſto do dia, o que taõ bem fizéraõ os da Praça, e 40, que eſtavaõ montados no fórte do mar. O Vice-Rei tinha deliberado ſer elle o que rompeſſe a batalha, abordando logo a Capitania de Mirhocem. Os Officiaes lhe naõ conſentíraõ eſte deſignio, em que arriſcava muito; porque ſe ſuccedeſſe perder-ſe em hum lance todo de contingencias, eſta deſgraça era baſtante para huns ſoldados taõ officioſos á ſua peſſoa, como obedientes ás ſuas ordens, perderem a corage, e conſiderar-ſe deſtroçados antes de batidos. Cedeo da ſua reſoluçaõ o Vice-Rei, e ſe offereceo eſta honra a Nuno Vaz Pereira, com ordem de levar diante a Diogo Pires na ſua galé para ir ſondando o mar, naõ ſuccedeſſe encalhar a náo.

Toda a manhã do dia ſeguinte ſe gaſtou em diſpoſições; e Mirhocem vendo as noſſas, mudou a reſoluçaõ, que tomára no Conſelho de nos vir ata-

atacar além do banco para receber soccorros da terra, e se servir da vantagem do seu fogo. Com este designio deo ordem para se avançarem as maiores náos encadeadas cada duas para cobrirem a tésta da Armada. Nos lados della postou as galéz, e embarcações ligeiras para darem repelões por intervallos sobre as nossas conforme a necessidade o pedisse. As fustas de Cambaya andavaõ em bórdos contínuos do mar para a terra, assim para sustentarem os nossos primeiros impulsos, como para darem soccorro ás suas náos, que vissem mais atacadas. O Vice-Rei fez signal á Armada para se levar, indo na vã-guarda Nuno Vaz Pereira seguido de Jorge de Mello, e sobre este primeiro movimento dos Portuguezes mandou Meliqueáz descarregar toda a artelharia da Praça, e das batarias. Viéraõ em fim ás mãos huns contra outros inimigos, e começou a batalha, em que o ruido das trombetas, o estrondo dos tambores, os gritos, que se levantáraõ em ambas as Armadas, augmentavaõ o ardor, e a corage dos soldados. Era vulg.

Os

Era vulg. Os primeiros que ensanguentáraõ o combate, foraõ déz marinheiros da náo de Nuno Vaz, que caçando huma escota no convéz, veio huma balla perdida, que a todos levou as cabeças. Nem este espectaculo triste, nem a resistencia feróz dos inimigos servíraõ de embaraço ao valente Capitaõ para se ferrar com Mirhocem. Este o queria atracar no meio com outra náo ao lado; mas o déstro Pereira mandando desparar sobre ella hum grosso canhaõ ao lume da agua, a passou por ambos os costados, mettendo-a logo a pique. Celebrado com hum viva este presagio da victoria, o Pereira, e os seus soldados se lançáraõ de tropel no castello de prôa da náo de Mirhocem, e a troco da vida de Henrique Machado, leváraõ os Mamelucos ás cutiladas até ao convéz. Neste aperto, Mirhocem fez signal a hum navio para bater o de Nuno Vaz pela poppa, em quanto elle o atacava pelo flanco, e pela frente; mas o Capitaõ prevenido, que no maior calor da acçaõ naõ deixava de observar as manobras do inimigo, vol-

voltou á ſua náo, e com as peças de guarda-leme fez tal fogo, que a inimiga em breve tempo foi ao fundo. Era vulg.

Na fadiga deſta refrega, o Pereira para tomar a reſpiraçaõ, levantou o barbote, que trazia ſobre o gorjal, a tempo que vinha huma ſéta, que o ferio na garganta mortalmente, e acabou tres dias depois. A perda do Capitaõ converteo em raiva o valor dos ſoldados para vingarem a ſua mórte no ſangue dos Barbaros. Em lugar do Pereira entrou Franciſco de Tavora com parte da ſua gente na náo de Mirhocem, aonde os Portuguezes ſe houvéraõ com tal intrepidez, que a maior parte dos defenſores ficou logo mórta, os poucos vivos ſe lançáraõ ao mar, e Mirhocem pode eſcapar em huma lancha, que o levou a terra, donde logo partio para Cambaya, temeroſo de que Meliqueaz pelo preço da ſua entrega quizeſſe comprar a paz com os Portuguezes.

Em quanto rendemos a Capitania, os outros Chéfes da noſſa Armada naõ eſtavaõ ocioſos. Pedro Barreto ferrou

ou-

Era vulg. outra grande náo de Mirhocem, e a tomou. Antonio do Campo fez o meſmo a hum dos ſeus maiores galeões; e Jorge de Mello Pereira, que tinha o favor do vento ſobre os navios de Cambaya, lançou-ſe a elles, e os metteo no fundo. Pedro Caõ, ſem ferrar outro dos do Egypto, ſe botou dentro com trinta ſoldados, ficando todos em grande perigo, que ſe fez maior, quando Pedro Caõ mettendo a cabeça pela eſcotilha para vêr os inimigos, hum Mameluco lha tirou dos hombros com hum golpe de eſpada. Os trinta ſoldados ficáraõ ſuſtentando hum combate de deſeſperaçaõ para venderem cáras as vidas; mas ſendo ſoccorridos a tempo, rendêraõ a náo, e toda a ſua equipagem. Todos os mais Capitães apriſionáraõ, mettêraõ a pique várias embarcações, degoláraõ, e fizéraõ que ſe arrojaſſem ao mar muitos inimigos: taõ igual o valor em todas as partes, que em alguma deixava de ſer inſtrumento effectivo de taõ glorioſa victoria.

O Vice-Rei fulminava os inimigos para todos os lados com hum fogo horren-

rendo da ſua náo, e elle acabou de os diſſipar. Meliqueaz, que tinha a deſfeita por inevitavel, ſenaõ impediſſe a fugida dos que buſcavaõ a terra, ſaltou nella, e ajuntando a força á authoridade, com a eſpada na maõ matava, feria, atropelava os ſoldados, que recuſavaõ obedecer-lhe. Deſte modo os miſeraveis conſternados, que cahiaõ em maior perigo, que aquelle que vinhaõ de evitar, tornavaõ a lançar-ſe ás armas para ſe bater até eſpirar; mas como o valor forçado naõ he corage, elle lhe durou pouco, porque a derrota logo foi geral. Os paráos de Calecut foraõ os primeiros, que abríraõ o caminho á retirada, fazendo-ſe ao mar, muito ſatisfeita a ſua gente com ir publicando por toda a cóſta, que a Fróta do Vice-Rei ficava derrotada. As náos de Meliqueáz, e as galéz de Mirhocem buſcáraõ a embocadura do porto; mas ſeguidas pelo bravo Ruy Soares na ſua caravella, que demandava menos fundo, ſe metteo entre duas das galéz; lançou-lhes os arpéos, combateo-as, ganhou-as, e trazendo-as a rebo- Era vulg.

Era vulg. boque pela ſua poppa, veio offerecer ao Vice-Rei eſte rico, e honrado preſente.

Nós viamos aos noſſos contrarios deſeſperados de quartel, andarem fluctuando ſobre as ondas, que eſperavaõ mais propicias que o noſſo furor; mas nem eſte refugio lhes conſentia a gente dos noſſos bateis, que os atraveſſava ſem piedade. Nós viamos, que de taõ formidavel Fróta já naõ reſtava na noſſa preſença ſenaõ huma náo de Meliqueáz, e naõ ſoffria a noſſa impaciencia, que ella ſe ſuſtentaſſe ſobre o mar depois da derrota das ſuas companheiras. Eſta náo eſtava defendida por muita gente, e artelharia: era coberta em cima de couros crús, de ſórte que naõ ſe lhe podia entrar ſenaõ pelas portinholas: cingiaõ-lhe o coſtado muitas cintas de ferro, que coſpiaõ as ballas, e abordando-a os noſſos muitas vezes, naõ lhes foi poſſivel entralla. O Vice-Rei mandou ſuſpender a abordagem, e ordenou ſe fizeſſe ſobre ella fogo contínuo até a metterem no fundo, como o veio a conſeguir Garcia de Souſa-

ſa com hum golpe de balla ao lume da agua, que a ſubmergio. A tripulaçaõ que ſe quiz ſalvar nadando, foi degolada pela guarniçaõ dos batéis. Era vulg.

Com eſta acçaõ ſe concluio a batalha, que durou do meio dia até noite, e fez tremer todos os mares, e pórtos de Cambaya, ſem mais perda da noſſa parte, que a de 300 feridos, e a de 32 mórtos, naõ faltando da Nobreza mais que Nuno Vaz Pereira, Ruy de Novaes, Pedro Caõ, Fernaõ Soares, Henrique Machado, e dous filhos de Manoel Peçanha. Dos inimigos morrêraõ quaſi quatro mil, entrando neſte número os 800 Mamelucos, de que ſó eſcapáraõ vinte e dous; muitos ſe affogáraõ; Meliqueaz degolou alguns deſobedientes, e em breve tempo deſappareceo da preſença dos Portuguezes aquella multidaõ de homens, e navios congregados de tantas partes para a ſua ruina. Muitos paráos de Calecut, e fuſtas de Cambaya foraõ mettidas a pique, ſeguindo-as neſte deſtino duas grandes náos de Mirhocem, e a famoſa de Meliqueaz, em que acabei de fallar.

Era vulg. lar. Da Armada do Soldaõ rendemos dous galeões, e duas galés; duas náos groſſas de Cambaya, e outras embarcações ligeiras, todas bem fornecidas de artelharia, munições, muito dinheiro, grande cópia de brocados, de ſedas, de pannos de algodaõ, de outros muitos generos de valor.

Toda a quantidade deſtes deſpojos o Vice-Rei por hum effeito da ſua generoſidade a deixou livre aos ſoldados, ſem reſervar para ſi mais, que tres Eſtandartes do Soldaõ com a figura, e repreſentaçaõ do Myſterio dos noſſos Altares, com que incuſcava o dominio, que tinha na Cidade Santa de Jeruſalem, e El-Rei D. Manoel mandou depois collocar por deviſa deſta victoria no Convento de Thomar. Moſtrou no ſeu deſintereſſe o Vice-Rei, á viſta de hum avultado theſouro, que elle ſe ſatisfazia com a glória de Deos, com a reputaçaõ da peſſoa, com a vingança da mórte de ſeu filho deſcarregada nos meſmos authores do delicto. Acháraõ-ſe nas náos rendidas muitos Livros das linguas mais conhecidas, e vulgares da Euro-

 pa:

pa: próva evidente, de que na Armada do Soldaõ vinhaõ individuos das mesmas respectivas Nações, que todas eraõ Catholicas Romanas, servindo os seus filhos a favor dos Barbaros em huma guerra mais de Religiaõ, que do Estado. Era vulg.

Ainda que os contrarios por abatidos pouco susto podiaõ causar ao Vice-Rei, elle naõ quiz passar a noite dentro do porto de Dio, e fez levar as náos da outra parte do banco. Meliqueaz entendeo na retirada por hum estratagema para no dia seguinte o Vice-Rei continuar a guerra, ainda naõ satisfeito da injúria da mórte do filho com haver tirado tantas vidas. Ou fosse este receio, ou elle quizesse ter por amigos a huns homens, que a experiencia lhe acabava de mostrar serem singulares no valor, na manhã seguinte escreveo ao Vice-Rei huma longa carta de elogios, que rematava em propostas de paz, e lhe mandou por Cidialle, Mouro de Granada, que o conhecia do tempo em que servio a Fernando o Catholico na conquista daquel-

Era vulg. le Reino. O Vice-Rei lhe reſpondeo em breves palavras: Que para elle crêr a ſua ſinceridade haviaõ preceder as próvas na entrega dos Portuguezes, que tinha priſioneiros; na do reſto da Armada de Mirhocem, que ſe refugiára no ſeu porto; na da peſſoa do meſmo General com todos os Rumes, que eſcapáraõ da batalha.

Huma ſó deſtas condições pareceo dura a Meliqueaz, que com promptidaõ conveio em ſe declarar vaſſallo del Rei D. Manoel; em remetter os Portuguezes priſioneiros; em entregar quatro galéz, que ainda reſtavaõ da Armada de Mirhocem; mas em quanto a fazer o meſmo á peſſoa deſte General, e ás dos poucos Mamelucos, que eſcapáraõ da batalha, reſpondeo: Que de Mirhocem nada ſabia, porque apenas poz os pés em terra partio pela póſta para a Corte de Cambaya: Que ainda no caſo de eſtar em ſeu poder, nem a elle, nem aos ſeus ſoldados ſe reſolveria a fazer delles entrega, acabando de ſervir ás ſuas ordens, e de ſe conſiderarem ſeguros debaixo da ſua pro-

tec-

tecçaõ: manobra, que em hum militar do seu caracter sería reputada pela mais vil, e indigna: Que se esta condiçaõ era indispensavel para a formaçaõ do Tratado de paz, que elle antes queria abandonar-se a todo o genero de calamidades, soffrer o pezo da servidaõ mais intoleravel, ou entregar-se a huma mórte affrontosa, que arrojar-se a huma covardia, que sobre romper todas as leis santas, naõ se conformava com os espiritos sublimes de hum homem de guerra. Era vulg.

Pareceo muito bem ao Vice-Rei, e ao seu conselho esta generosidade de Meliqueaz, e excluida do Tratado a condiçaõ referida, elle se celebrou com satisfaçaõ mutua. Ás quatro galéz entregues, e ás duas, que rendeo Ruy Soares, se mandou pôr o fogo por falta de marinheiros para o seu governo. Antes de se apartar da vista de Dio, o Vice-Rei mandou a D. Antonio de Noronha com duas náos para a Fortaleza de Çocotorá, que nessitava guarniçaõ, e munições: encarregou a Tristaõ de Gá, hum dos Portuguezes captivos,

Era vulg. as duas da Armada do Soldaõ, que aprezára, para as levar com mantimentos a Cochim; e elle foi navegando toda a cósta de Dio até esta Cidade, fazendo tributarios aos Principes, e Regulos daquelles continentes; porque formidavel na India pela passada victoria, bastava o estrondo da sua reputaçaõ para fazer inclinar os Sceptros, e abater as Coroas.

Della taõ bem estabelecida abusou o Vice-Rei, quando chegou a Cananor arrojando-se a hum impeto barbaro de vingança, que lhe desfigurou a especiosidade. Elle fez hum recreio do espectaculo triste, com que os infelices vassallos do Soldaõ seus prisioneiros, que pelo direito da guerra, naõ só dominava captivos, mas estavaõ debaixo da sua protecçaõ esperando o resgate; huns fossem enforcados, outros póstos nas boccas dos canhões a que se dava fogo, para os vêr voar em pedaços pelos ares. Nós veremos logo ao grande D. Francisco de Almeida na Aguada de Saldanha pagar com a vida ás mãos de Cafres vís esta atrocidade, que aca-

bou

bou de moſtrar, que elle buſcava a vingança nas victorias. Como a voz commua reprehendia ſemelhante inhumanidade, o Vice-Rei tomou o expediente de ſe retirar de Cananor para Cochim, aonde foi recebido pelo ſeu Rei com os applauſos, que mereciaõ as ſuas ultimas expedições. Era vulg.

CAPITULO V.

Diſcordia entre o Vice-Rei, e Affonſo de Albuquerque com os mais ſucceſſos até á morte do meſmo Vice-Rei.

A CHEGADA do Vice-Rei a Cochim poz logo em movimento o eſpirito revoltoſo de alguns homens perdidos para fazerem renaſcer entre elle, e Affonſo de Albuquerque as diſcordias começadas. Nós bem ſabemos, que a emulaçaõ, o ciume deſtes dous Chéfes, ſe os fizéraõ inimigos declarados, ſem romperem hum contra outro em acções, ou palavras, que indicaſſem o rancor; os ſeus partidarios trabalháraõ quanto

po-

Era vulg. podéraõ, para que os impulſos do odio rompeſſem as medidas da moderaçaõ. Nos conventiculos, e aſſembléas mais públicas diſcorriaõ os da facçaõ do Vi-ce-Rei contra o Albuquerque, e affirmavaõ: Que elle pela ſua temeridade, pela ſua glória vã, pelo genio tranſportado, era incapaz de manejar na India a importancia dos noſſos negocios: Que para próva deſta verdade nada mais ſe neceſſitava, que olhar para a guerra de Ormuz, aonde ſem ordem do Rei, por hum esforço da inſania, elle emprehendêra audacias capazes de derrotar a reputaçaõ do Rei, o crédito das armas, a glória dos Portuguezes, com perda da vida de todos os homens, que lhe eſtavaõ encarregados: Que Deos, porque quiz, fizéra proſperas as tentativas do deſacordo vaõ, e arrojado de hum militar ſem outro diſcernimento, que o de ſe lançar aos caſos ſem os prevenir. A eſtas razões geraes ſe ajuntavaõ outras affrontas, e dicterios, que ſobre amolgarem a reputaçaõ de hum Herόe, os ſeus authores os entendiaõ activos para lhe fecharem o caminho ao Vice-Reinado.

Pe-

Pelo contrario os do partido de Affonſo de Albuquerque diziaõ: Que o Vice-Rei empenhava todo o reſto ao lanço de huma fortuna, ou de huma vingança, como ſe acabava de vêr na batalha de Dio, em que expozéra todas as forças da India com riſco de a perder entre partidos taõ deſiguaes, ſem cauſa alguma mais que o deſpique da mórte do filho, e a vaidade de render as armas do Soldaõ: Que eſtas conſiderações baſtavaõ para elle, naõ ſó deſmerecer os applauſos, que de todas as partes ſe lhe rendiaõ; mas lhe abaterem o crédito entre as gentes, que nos lances da honra ſabem conhecer as delicadezas, de que reſultaõ louvor, ou vituperio. Era vulg.

Como a publicidade de ſemelhantes calúmnias, contra dous homens tamanhos, naõ podia deixar de chegar aos ſeus ouvidos, ſendo ambos incapazes de as ſoffrerem, entrou a fazer a immoderaçaõ os ſeus officios. Rompeo o Albuquerque atacando ao Vice-Rei, para que ſem demóra lhe entregaſſe o Governo, como El-Rei manda-

Era vulg. dava: o Vice-Rei o entreteve com a esperança, de que o faria a seu tempo, mas usando da força, e para evitar o tumulto, se apoderou do seu Competidor, e o mandou para a Fortaleza de Cananor, aonde esteve até a vinda do Marechal D. Fernando Coutinho, ordenando que todos o tratassem com as honras devidas á sua pessoa. Este Fidalgo, de quem já vamos a fallar, foi o medianeiro da paz entre os dous concurrentes, e logo depois do ajuste Affonso de Albuquerque tomou posse mansa, e pacifica do Governo. D. Francisco de Almeida partio para o Reino, aonde teria os premios devidos aos seus altos merecimentos, senaõ encontrára na jornada o fim tragico, que diremos.

El-Rei D. Manoel receoso, de que as ameaças, que fizéra Campson, Soldaõ do Egypto em Roma, produziríaõ o seu effeito na India, determinou conservar nella com mais vigor a reputaçaõ das armas Portuguezas. Com este designio, destinado especialmente á ruina da Cidade de Calecut, fez aprestar

tar huma Armada de quinze náos, de que nomeou por Commandante ao Marechal D. Fernando Coutinho, hum dos Capitães diſtinctos do ſeu tempo. Embarcáraõ na Armada mais de mil e ſeiscentos homens, ſendo os Capitães das náos peſſoas taõ illuſtres como Pedro Affonſo de Aguiar, Franciſco de Sá, Sebaſtiaõ de Souſa Delvas, Leonel Coutinho, Franciſco de Souſa Mancias, Ruy Freire, Gomes Freire, Jorge da Cunha, Franciſco Corvinel, Rodrigo Rebello de Caſtello-Branco, Franciſco Marecos, Braz Teixeira, Alvaro Fernandes, e Jorge Lopes Bixorda, que todos com felicidade ferráraõ o porto de Cananor em Outubro deſte anno. Affonſo de Albuquerque, parente, e amigo do Marechal, teve com a ſua vinda naõ vulgar complacencia: com elle ſe embarcou, e chegáraõ a Cochim, aonde ſe fizéraõ as pazes com o Vice-Rei, que com as devidas formalidades lhe entregou o Governo da India, e partio para o Reino. Era vulg.

O Marechal, e o novo Governador im-

Era vulg. immediatamente ſe diſpozéraõ para a guerra de Calecut, dando della parte ao Rei de Cochim, e aſſentando todos o muito que era preciſo ſaber-ſe o eſtado da ſua Capital, que havia ſer a inveſtida. Para eſta informaçaõ lembrou mandar vir com cautéla de Calecut a Cochim ao noſſo amigo fiel o Mouro Cogebique, que obedeceo com promptidaõ ao aviſo dos noſſos Generaes. Elle lhes fez ſaber, que o Rei de Calecut andava entranhado no Paiz em guerra viva com hum dos Principes ſeus viſinhos; mas que antes de partir deixára guarniçaõ numeroſa na Corte, bem provida de munições, e mantimentos. Naõ embaraçou eſte aviſo a reſoluçaõ primeira. Com toda a actividade ſe preparava a Armada, quando chegou a Cochim Vaſco da Silveira com cartas de Duarte de Lemos para Affonſo de Albuquerque, em que lhe pedia náos, e gente para reforçar a Fróta, com que cruzava nos mares da Arabia. Como eſte ſoccorro naõ ſe podia pôr prompto antes da expediçaõ de Calecut, Vaſco da Silveira, que pa-

para ella o chamavaõ os fados, se offereceo ao Marechal para o acompanhar. Era vulg.

Appareceo sobre Calecut a nossa Armada com mais de dous mil Portuguezes, e seiscentos Malabares de Cochim, que mandava o Rei de Porcá. Antes de desembarcarem, disse o Marechal a Affonso de Albuquerque: Que na acçaõ lhe havia ceder a vã-guarda; porque como elle ficava na India entre gentes ferozes, que lhe dariaõ muitas occasiões de ganhar honra, e a sua vinda era só a esta empreza de Calecut, a qual acabada tinha de voltar logo para o Reino, pedia naõ lhe disputasse aquelle lugar, nem da maõ lhe arrancasse huma palma, quando nas suas tinha tantas. Conveio o Albuquerque na proposta; mas com violencia, como quem conhecia no caracter do Marechal, que elle hia arrojar-se ao precipicio, que mostrou o successo. Na vãguarda dos batéis com a gente para o desembarque, hiaõ os do Marechal, e os do Albuquerque, que sendo sentidos, naõ obstante o escuro da noite, en-

Era vulg. entráraõ a soffrer hum diluvio de fogo.

Como o perigo era evidente, Affonso de Albuquerque aconselhou ao Marechal, que os batéis se dividissem para serem os tiros vagos, e mais facil a cada hum tomar a terra. Aproveitou esta industria para elle ser o primeiro em a pizar com tanta firmeza, que os defensores das trincheiras mais fórtes naõ podendo soffrer-lhe os golpes, depois de huma perda igual á resistencia, se pozéraõ em fugida. A este tempo chegava o Marechal, que com modos menos decentes ao decóro se queixava do Albuquerque. Quiz este satisfazello; mas naõ admittindo as desculpas, disse ao lingua o célebre Gaspar da Gama, que o guiasse para o Palacio do Rei; porque queria encontrar homens com quem peleijar, naõ sendo os desbaratados por outro objecto dignos para o seu valor. Elle rompeo a marcha colérico na tésta de 800 homens: Affonso de Albuquerque, certo do perigo, deixando 300 de guarda dos batéis, e para recolherem a artelha-

lharia das trincheiras rendidas a cargo de ſeu ſobrinho D. Antonio de Noronha, de Manoel de la Cerda, de Simaõ de Andrade, e de Rodrigo Rebelo, o ſeguio com os 600 Malabares de Cochim. Era vulg.

Os Naires, que eſtavaõ no Palacio de guarda ás enormes riquezas do ſeu Rei; nome, que elles adoravaõ por ſanto, e animados pelo Regedor da Cidade, fizéraõ huma defenſa toda de bizarria. Depois do primeiro impeto, tanto os atemoriſou a conſtancia, com que os Portuguezes renovavaõ os ataques favorecidos do fogo de duas peças de campanha, que o Marechal levava na ſua frente; que por pórtas occultas aos noſſos fugíraõ para a montanha, aonde eſcapáraõ ao eſtrago, deixando a Cidade, o Paço, e as ſuas riquezas em poder dos vencedores. Grande era eſta vantagem na India para as noſſas armas, ſe naõ a botára a perder hum Capitaõ mais valente, que conſiderado. Entregáraõ-ſe as trópas á pilhagem de tantas precioſidades, como eraõ as de Calecut, huma das Cortes mais

opu-

Era vulg. opulentas, e magnificas do Oriente. O Marechal lho consentio depostas as armas para as transportarem para as náos; taõ cheio de vaidade, que presumio era bastante o terror, que o seu nome causára nos Barbaros para elles perderem todos os officios de homens.

Manoel Peçanha, sábio, velho, valente, e experimentado Capitaõ, naõ podendo soffrer esta ignorancia militar em hum Chéfe, advertio ao Marechal, que a retirada dos Barbaros era menos huma fugida, que huma occasiaõ de ajuntarem as forças dispersas para tornarem á peleija: reflexaõ prudente, que o obrigava a mandar recolher a gente, tella em fórma sobre as armas, nem elle se demorar no Palacio mais de huma hora, sem fazer caso de despojos, nem riquezas, por ser hum lugar de muitos perigos, meia legua distante da praia, aonde estavaõ os batéis: Que sem demóra mandasse tocar a retirada, postasse córpos de guarda nas pórtas do Palacio, e que em quanto elle naõ ardia, se entrincheirasse para esperar os inimigos, ou

an-

antes se fosse recolhendo para a praia. Era vulg.
Cheio de confiança lhe respondeo o Marechal: Que elle agora he que conhecia a fraqueza dos Mouros da India, e a covardia dos Nayres de Calecut: Que queria descançar hum pouco do trabalho no Palacio, e que em lhe parecendo tempo mandaria ajuntar a gente.

Em quanto elle se aproveitava dos interesses da victoria, e o fogo por outra parte produzia os seus effeitos, chegava Affonso de Albuquerque, que sendo logo atacado pelos inimigos recobrados do primeiro susto, e vendo que do monte vinha descendo em demanda do Palacio huma numerosa multidaõ delles; sem passar adiante avisou ao Marechal o que succedia; como elle já andava ás mãos com os inimigos; como o terreno para a praia era muito cortado, e a retirada se havia fazer com huma pequena frente; que sem perda de instantes se retirasse, porque todos estavaõ no perigo de serem mórtos. O inconsiderado Coutinho fez responder ao Albuquerque,

que

Era vulg. que ordenasse a gente, e se fosse retirando, que elle o seguiria em vendo consumido o Palacio, a que tinha posto o fogo. Com este recado o grande Albuquerque veio fazendo huma retirada como sua por todas as partes investido; e elle era bem capaz de sustentar todo o pezo de tantos contrarios, que tinha sobre si, se muita da sua gente esgotada de sangue, e elle ferido de duas flexadas, e de huma grande pedra nos peitos, que o deixou como morto, naõ estimulasse o amor dos seus soldados para o salvarem, e recolherem nos batéis.

Ainda hia na sua retirada este Chéfe, e os inimigos sobre elle, quando o Marechal sahio do Palacio, e se sentio rodeado por huma parte do seu incendio, por outra de gróssos Esquadrões de Nayres, e de Mouros. Em tal aperto naõ havia outro partido que tomar, senaõ peleijar até morrer, como elle o executou com valor extraordinario. O Albuquerque, que ainda hia em estado de contemplar o seu perigo, quizera soccorrello; mas os solda-

dados, que marchavaõ rodeados de outro ſemelhante, naõ quizeraõ obedecer ás vozes do Capitaõ, e ſe contentavaõ com receber a gente do Marechal, que vinha fugindo. Hum golpe de eſpada levou huma perna deſte Chéfe, que com o joelho em terra vendeo a vida a troco de alheio ſangue. A ſua mórte ſería mais ſentida, ſe elle por indiſcreto naõ cauſaſſe as de Manoel Peçanha, que já na India perdêra quatro filhos no ſerviço do Rei, de Ruy Freire, de Franciſco de Miranda Chichorro, de outros Fidalgos, e ultimamente de Vaſco da Sylveira, que vindo por entre huns vallos a ſoccorrello, matou tres Nayres, que o inveſtíraõ, atropellou outros, até que aberto em feridas acabou a vida. Era vulg.

Já perto da praia recebeo o Albuquerque o golpe da pedra, que faria completo o noſſo deſtroço, ſe Diogo Fernandes de Béja naõ o levára em braços, e naõ acodíraõ D. Antonio de Noronha, e Rodrigo Rebêllo com os 300 homens da guarda dos bateis, que fizeraõ parar os inimigos, e facilitáraõ

Era vulg. o embarque. Nós tivemos nesta infeliz jornada 300 feridos, e 78 mórtos, a maior parte Fidalgos, e Cavalleiros de conhecido valor. Os inimigos perdêraõ mais de 2ↀooo homens, vinte náos de Meca, a que pozemos fogo no principio do avance. Chegáraõ os Portuguezes já de noite a bórdo das náos, e na manhã seguinte se fizeraõ á véla para Cochim, aonde Affonso de Albuquerque esteve em grande perigo de vida por causa das passadas feridas. O seu espirito incançavel, ainda mal convalecido, o fez applicar ao restabelecimento da disciplina militar, e á expediçaõ das náos para o Reino, de que eraõ Capitães Gomes Freire de Andrade, Sebastiaõ de Sousa, e Francisco de Sá.

Á desgraça do Marechal D. Fernando Coutinho succedida em Calecut se seguio a do Vice-Rei D. Francisco de Almeida na Aguada de Saldanha, pouco depois sabida na India. Naquella paragem proveo elle as náos de agua, e estando prestes para montar o Cabo, succedeo que alguns homens fossem á terra comprar gados aos Cafres, que en-

encontráraõ humanos, e condefcendentes a todas as noffas pretenções. Entre elles vinha com fua partida de gado hum bizarro negro, que os noffos desejáraõ trazer a bórdo para o Vice-Rei o veftir, e fazer beneficios, que movessem os feus paizanos a ficarem nosfos amigos. Para efte fim ufáraõ de violencia, taõ mal foffrida dos Cafres, que fahindo da Aldêa fobre os doze Portuguezes, que eftavaõ em terra, os fizéraõ embarcar arrependidos dos feus intentos. O Vice-Rei entendeo fe devia caftigar a audacia dos Salvagens com a ruina da fua Aldêa; oppondo-fe a efta refoluçaõ Lourenço de Brito, que fora Commandante da Fortaleza de Cananor, Jorge de Mello Pereira, e Martim Coelho, que lhe propozéraõ como fazer cafo, e guerra a gente taõ vil, que tal vez naõ foubeffe o que fez, nem era decente á fua peffoa, nem de a vencer refultava glória. Era vulg.

Seguíraõ contrario parecer Pedro Barreto de Magalhães, Manoel Telles Barreto, e Antonio do Campo, que na vingança dos Salvagens nada menos re-

Era vulg. reprefentáraõ, que a confervaçaõ da dignidade da Naçaõ Portugueza, e com eftes votos fó nafcidos da arrogancia fe conformou o Vice-Rei, que tinha de encher naquelle lugar com a perda da vida os Decretos da Providencia. Elle defembarcou á meia noite com 150 homens; mandou avançar para a Aldêa com a vã-guarda a Pedro, e a Jorge Barreto; elle os foi feguindo em baftante diftancia; mas os Cafres, tanto que fentíraõ aos Barretos, fe pozéraõ em arma; carregáraõ-nos com hum diluvio de fétas, e tiros de arremeço; matáraõ a Fernaõ Pereira; e elles querendo aproveitar-fe de algum gado, que tomáraõ nos curraes, retrocedêraõ a bufcar a bandeira do Vice-Rei, que já vinha chegando á Aldêa; que a fuppôz rendida, os Salvagens deftroçados, e nefta intelligencia fe fez na volta da praia, aonde naõ achou os bateis, que foraõ mais avante bufcar outra paragem de melhor embarcadouro.

Tudo concorre para as defgraças, quando ellas tem de fer inevitaveis. Torceo o Vice-Rei a marcha em deman-

manda dos bateis, levando os gados no centro, e na reta-guarda o corpo, que cobriaõ os Barretos. Já a este tempo se tinha ajuntado huma innundaçaõ de Salvagens determinados a restaurar a preza, e vingar a injúria. Os primeiros, que as suas flexas deitáraõ a terra mórtos foraõ tres Portuguezes, que guiavaõ os rebanhos. Crescendo a mortandade, inevitavel á multidaõ dos tiros, os nossos foraõ perdendo a fórma, espalhando-se para naõ serem juntos hum alvo, aonde os Cafres naõ perdessem golpe. A esta vista Jorge de Mello, que em Cochim seguira o partido de Affonso de Albuquerque, voltando-se para o Vice-Rei lhe disse: Ah! Senhor D. Francisco, quanto estimára que aqui estivessem os vossos lijongeiros da India, para os vêr arriscar pela segurança da vossa pessoa em tal aperto. O Vice-Rei lhe pedio naõ tivesse esta lembrança; mas se encarregasse do Estandarte Real, naõ succedesse que tomado pelos Salvagens, fizessem irrizaõ da insignia de hum grande Rei: Que em quanto á sua mórte, ella já naõ era immatura, e elle naõ ignorava que a merecia. Era vulg.

Já

Era vulg. Já os Cafres tinhaõ tirado a vida a Pedro Barreto, e naõ tardou em o acompanhar na sórte o Vice-Rei, que atravessado pela garganta por huma séta, cahio logo morto. Este foi o fim tragico de hum Heróe, que acabou sem glória por seguir na ultima acçaõ os pareceres de homens ligeiros em pensar, fortes em persuadir. Aos seus pés cahio o Capitaõ Diogo Pires, que lhe acodio, e os mais á vista deste catastrofe, cuidáraõ em salvar-se. Lourenço de Brito, e Martim Coelho clamavaõ aos fugitivos: Ó Portuguezes, que noticia haveis dar no Reino do vosso Chéfe? Com que corage, devendolhe tantos beneficios, vos partis, e o deixais insepulto? Como quem corria naõ voltava, os dous Capitães famosos se lançáraõ como leões aos Salvagens; mas cobertos de huma nuvem de pedras, ficáraõ esmagados. Nesta desgraçada invasaõ perdemos sessenta e cinco soldados, entre elles onze Capitães memoraveis, igualmente conhecidos pelas qualidades, e pelas façanhas: huns homens, que por meio

do

do fogo, das ballas, pelas pontas das lanças, e das espadas foraõ o terror dos seus inimigos, ganháraõ victorias famosas, se fizéraõ dignos de glória immortal: estes homens ás mãos de huns Cafres nús, Salvagens desarmados, canalha vil, viéraõ a perder as vidas, a ser por elles despojados, a ficarem na praia de Africa descompostos, como hum espectaculo da imbecillidade, e fraqueza humana, huma irrizaõ da temeridade, e arrogancia da fortuna. Era vulg.

Os interpretes dos juizos de Deos chamáraõ ao seu juizo os nossos mórtos. Do Vice-Rei se dizia, que viéra acabar nas areias adustas de Africa, aos tiros de gente infame; porque na batalha de Dio naõ procurava a gloria de Deos, nem o serviço do Rei, senaõ huma vingança da mórte de seu filho D. Lourenço, e que pagára com a pena de Taliaõ a deshumanidade, que usára com os prisioneiros em Cananor. Dos mais Capitães se affirmava, que naõ podiaõ deixar de ter semelhante fim huns homens, que se ensoberbeciaõ com as prospe-ridades; que naõ conheciaõ a modera-

Era vulg. raçaõ nas victorias; que as tiſnavaõ com a crueldade; e que faziaõ hum entretenimento de arrancar com violencia a vida eſtimavel dos homens. Em fim no fatal dia primeiro de Março de 1510, em que aconteceo eſte ſucceſſo, os noſſos que eſcapáraõ vivos, ſe recolhêraõ ás náos, de que tomou o commandamento Jorge Barreto ſem oppoſiçaõ de Jorge de Mello.

Na tarde do meſmo dia, quando já naõ appareciaõ os Salvagens, viéraõ á terra eſtes dous Chéfes a celebrar com lágrimas o funeral dos ſeus mórtos, a ſepultar-lhes os cadaveres naquellas praias deſertas. Elles os acháraõ nús, e o do Vice-Rei aberto dos peitos até ao ventre: acçaõ de Barbaros, que para os noſſos foi ſegunda láſtima ſobre a primeira dôr. No dia ſeguinte as náos ſe fizéraõ á véla, e com feliz viagem chegáraõ a Lisboa, aonde a noticia do tragico ſucceſſo de D. Franciſco cauſou ao Rei, e á Corte o ſentimento, de que elle ſe fazia digno por ſi meſmo, quanto mais acontecido a hum Fidalgo de taõ altas qualidades,

que acabava de dar tanta glória ao Soberano, á Patria huma reputaçaõ brilhante. Era vulg.

CAPITULO VI.

Trataõ-se os successos de Diogo Lopes de Siqueira na India até á primeira expediçaõ do Albuquerque sobre Goa.

EM quanto succediaõ os casos, que deixo referidos, Diogo Lopes de Siqueira, que no anno de 1508 sahíra de Lisboa com huma fróta de quatro náos, e por Capitães, além delle, Gonçalo de Sousa, Jeronymo Teixeira, e Joaõ Nunes com o destino de examinar as terras da Ilha de S. Lourenço, e de Malaca; depois de executar a primeira parte da sua commissaõ, e de ter tomado a bórdo alguns dos marinheiros de Joaõ Gomes de Abreo, que haviaõ ficado naquella Ilha, como dissemos, navegou para o rio de Matatana, correndo, e descobrindo toda a Cósta até a Ilha de Zeiland. Daqui arribou para 1510

Co-

Era vulg. Cochim, aonde foi recebido com muito agrado pelo Vice-Rei D. Francisco de Almeida, que lhe deo mais huma náo com 60 homens ás ordens de Garcia de Sousa para levar a sua Fróta com mais reforço ao descobrimento de Malaca.

Diogo Lopes de Siqueira foi o primeiro Portuguez, que entrou na Ilha de Samatra, chamada pelos antigos Taprobana, que está situada debaixo do Equador, opposta á Aurea Chersoneso para a parte do Sul. Ella tem 200 legoas de comprido, e setenta de largo: o Paiz he admiravel na fertilidade, dividido em muitos Reinos, e linguas; frequentado da maior parte das Nações da Asia, e hum pequeno braço de mar muito perigoso o separa do Continente, aonde está Malaca. Ha nelle minas abundantes de ouro, de ferro, de estanho, e de enxofre, de que faz hum grosso commercio em cambio de alguns generos, que lhe faltaõ. Nesta Ilha ferrou Diogo Lopes o porto de Pedir, e nelle contratou alliança em nome de D. Manoel com o Soberano do Paiz,

que

que era dependente do Reino de Achem. Vinte legoas avante entrou em Pacem, e fez outro igual ajuſte com o Rei da terra, que permittio ſe levantaſſe hum Padraõ em honra do Rei D. Manoel. Era vulg.

Concluidas eſtas negociações, Diogo Lopes continuou a ſua viagem para Malaca, Cidade ſituada em huma Peninſula além do Ganges, antigamente conhecida pelo nome de Ilha do ouro. Ella era entaõ o Emporio mais célebre do Oriente, governada por hum Rei Mahometano chamado Mahomet, dividida a Cidade por hum pequeno rio, e communicadas por huma ponte as ſuas duas partes. A ſoberba eſtructura das caſas, e muros formavaõ huma viſta reſpeitavel: a boa figura da gente, a ſua humanidade, a doçura da ſua lingua, o brilhante da pompa, a cultura da ſociedade, o ſeu conhecido valor, tudo concorria para ſer attendida, e frequentada das Nações. Algum dia foi Malaca parte do vaſtiſſimo Reino de Siaõ; mas os Principes, que a dominavaõ, enriquecendo-ſe enormemente, com as avultadas ganancias, direi-

tos,

Era vulg. tos, e tributos do ſeu Commercio, e ſervindo-ſe do valor dos Malayos, fizéraõ a guerra aos Reis de Siaõ, ſaccodíraõ o jugo, levantáraõ-ſe com os feudos, e ficou Malaca huma Cidade livre.

Neſte porto de Malaca lançou ferro Diogo Lopes, e immediatamente foi requerido da parte do Rei por alguns dos ſeus Miniſtros para lhe dizer, qual era a ſua Naçaõ, em que Reino habitava, que pretendia na ſua Corte. O Siqueira reſpondeo, que a Naçaõ era Portugueza, moradora nas extremidades Occidentaes do Sol, governada por hum Rei illuſtre, que deſejava unir em hum todos os Soberanos do Univerſo nos laços da amizade, do trato, do Commercio, e que eſte era o unico deſignio, com que elle de partes taõ remotas viéra a Malaca, e com que outros muitos Capitães do meſmo Rei andavaõ pelas Cortes mais famoſas da Aſia, e Africa. Tanta impreſſaõ fizéraõ no eſpirito do Rei eſtas razões de Diogo Lopes, tanto ſe deixou tocar da ſublimidade da idéa do

Rei

Rei de Portugal, que lhe mandou assegurar seria tratado em Malaca com todas as delicadezas da hospitalidade: Que elle ficava impaciente para em pessoa mesmo celebrar o Tratado de Alliança com o Capitaõ do Rei magnifico; e que para isso lhe rogava, que sem perda de tempo viesse a terra. Assim o fez o Siqueira, sendo recebido com agrados extraordinarios, juraõ ambas as partes os ajustes; o Rei conveio, em que ficasse por Feitor Rodrigo de Araujo com alguns Portuguezes, dando-lhes casa para a Feitoria, e principiáraõ os nossos a comprar, e vender, a entrar, e sahir na Cidade de Malaca com tanta segurança, como se estivessem no porto de Lisboa. Era vulg.

Já a este tempo Diogo Lopes, e toda a gente das nossas cinco náos cultivavaõ amizade muito estreita com as tripulações de quatro da China, que quando nós chegámos estavaõ ancoradas em Malaca. Estes homens fidelissimos, especialmente os Commandantes das náos, fizéraõ hum ponto de honra em instruir a Diogo Lopes no ca-

Era vulg. caracter dobrado, e mentiroso dos Malayos; lembrando-lhe a necessidade de segurar com refens no seu bórdo as pessoas de muita da sua gente, que hiaõ a terra; e que para esta precauçaõ, ainda que os de Malaca naõ fossem taõ perfidos, bastava estar elle em huma Cidade taõ remota, e ser nella estrangeiro para naõ perdoar a expediente, que podesse evitar os máos successos naõ previstos. O Siqueira, que creo com demasia as civilidades exteriores do Rei, e do Povo; que teve por indefectivel a observancia do juramento dos Barbaros, desprezou o conselho dos Chinas, naõ fez delle o uso, que devéra; continuou a frequentar Malaca como d'antes, e quando advertio o erro da imprudencia, já encontrou difficultoso o remedio.

Perturbáraõ-se com o ciume da nossa amizade os Mouros Jaos, e Guzarates, que naõ perdêraõ tempo em arbitrar meios de fazer valer a calumnia, e que ella bem persuadida por homem de authoridade tocasse forte o espirito do Rei. Com este designio ganhá-

nháraõ a ſua devoçaõ do Bandara, Governador de Malaca, Tio do meſmo Rei, e o fizéraõ crêr que os Portuguezes eraõ huns Pyratas aborrecidos de todas as Nações; huns falſarios, que com o pretexto de Commercio, e de alliança com o ſeu Rei, andavaõ infeſtando as Cortes dos Principes; huns trahidores, que áquelles, que ſe moſtravaõ maiores amigos, deitavaõ hum jugo de ſervidaõ, como ſe eſtava vendo em Cochim, e Cananor, em Çofala, e em Ormuz; huns tyrannos, que naõ eſtimavaõ victorias ſem muito ſangue, e que aos priſioneiros faziaõ victimas da crueldade. Ultimamente concluíraõ, que ſe o Rei de Malaca naõ queria experimentar a ſórte dos infelices, affogaſſe a hydra, que naſcia, antes que no ſeu terreno criaſſe forças, ou vomitaſſe o veneno. Era vulg.

Naõ foi difficultoſo a Bandara introduzir o odio contra os Portuguezes no coraçaõ do Rei minino, Mahometano de profiſſaõ, criado no meio dos enganos, ſem conhecer no governo mais máximas, que as da ſimula-

çaõ,

Era vulg. çaõ, e as da fraude. Sobre a materia quiz elle ouvir os votos do Conſelho de Eſtado composto de liſongeiros. Mas nelle ſe encontrou hum Laſaman, ſeu Almirante, que por hum esforço do bom uſo da razaõ, pouco practico naquella gente, diſſe ao Rei: Como o mundo civiliſado lhe eſtranharia a falta de palavra, e rotura do juramento, duas indignidades para qualquer homem, quanto mais para hum Soberano; como caſo taõ eſtranho requeria huma reflexaõ madura ſobre as contingencias, que podia ter, injuriando hum Rei potentiſſimo do Occidente, que tinha Capitães capazes de lhe deſpicarem as affrontas em qualquer parte do mundo, de que eraõ bons exemplos eſſes meſmos ſucceſſos de Calecut, e Cananor, de Çofala, e de Ormuz: como Malaca naõ era Potencia igual a alguma deſtas em forças para deixar de temer ruinas ſemelhantes, ou ainda maiores, originadas da meſma cauſa, que era a rotura da boa fé.

O Rei Mahomet eſtava muito prevenido para ſe inclinar aos conſelhos ma-

maduros do Almirante. O exterminio dos Portuguezes ficou determinado no Conſelho pelo meio vil, covarde, e infame do convite para hum banquete, em que Diogo Lopes, e os ſeus camaradas haviaõ ſer degollados. Huma mulher da Perſia reſidente em Malaca fez aviſar ás náos do que paſſava, o modo por que a trahiçaõ eſtava armada, e que os Portuguezes excogitaſſem os meios para naõ cahirem no laço. Entaõ conheceo o Siqueira a ſinceridade dos Chinas, a importancia do ſeu aviſo, a nenhuma deſculpa, que elle tinha no deſprezo com que o recebêra. Para ſe eſcuſar ao convite, ſe fez doente; mas ainda naõ capacitado de que o aviſo da Perſiana era verdadeiro, deixou de tomar as providencias, com que ſe devia acautelar em ſituaçaõ taõ crítica. Era vulg.

Como o primeiro eſtratagema naõ produzio effeito, o Rei, e Bandara armáraõ ſegunda intriga, que foi aviſarem a Diogo Lopes mandaſſe no dia ſeguinte todos os batéis a terra para receberem a carga das náos, porque os

Era vulg. queriaõ preferir na expediçaõ a todos os outros Mercadores. Assim o fez o Siqueira, sem deixar a bórdo mais de hum batel; mas antes de vir aquelle recado, o Rei havia feito metter nas lanchas, e manchuas da terra quantidade de armas cobertas com muitos mantimentos, e toda a tripulaçaõ de soldados com figura de tratantes para os irem vender a bórdo, e quando vissem o signal de hum fumo, que era o do ataque dos nossos batéis em terra, fizessem elles o mesmo no mar ás náos. Todas ellas foraõ rodeadas por grande número das manchuas dos fingidos mercadores, que entráraõ a vender os generos por preços taõ baixos, como quem esperava resgatallos com usuras. No navio de Garcia de Sousa entráraõ tantos, que elle teve de os lançar fóra com as armas; e por Fernaõ de Magalhães mandou aviso a Diogo Lopes, que visse como a Fróta estava cercada; que naõ consentisse aquella gente na sua náo; porque elle desconfiava de huma manobra mercantil taõ pouco vulgar.

Fernaõ de Magalhães achou a Diogo Lopes com oito Malayos taõ embebido no jogo do xadrez, que quasi naõ fez caso do recado, e se contentou com dizer ao contra-mestre subisse á gavea para vêr se os batéis vinhaõ de terra. O que elle descobrio do alto foi hum dos Malayos, filho do General da empreza, com hum punhal para o metter pelas cóstas de Diogo Lopes, e outro assenando que naõ era tempo, porque se esperava na terra o signal ajustado. Gritou o marinheiro a Diogo Lopes, que cuidasse em si, só no convéz, rodeado de oito inimigos. Elle se lançou ás armas; mas quando lhe acodíraõ, já os Malayos se tinhaõ embarcado, e fugiaõ com todas as manchuas. Ao mesmo tempo, que nos salvamos do perigo nas náos, foi visto em terra o signal do fumo acompanhado de hum vivo repelaõ sobre os batéis, e do massacro dos Portuguezes, que andavaõ pela Cidade. Unicamente escapáraõ vinte na Feitoria com Rodrigo de Araujo; e Francisco Serraõ com outros pode embarcar-se no batel da náo de Joaõ Nu- Era vulg.

Era vulg. nes, e rompendo pelo meio de muitas embarcações dos inimigos, veio dar parte a Diogo Lopes do que ſuccedia em Malaca.

Eſte Capitaõ chamou todos os Officiaes a Conſelho, aonde houvéraõ muitos, que ſuſtentáraõ, como á injúria ſemelhante, nem inſtantes ſe havia demorar a vingança, e que ſe déſſe fogo a todas as náos, que eſtavaõ no porto, excepto as dos Chinas. O maior número ſeguíraõ contrario parecer com o fundamento da diminuiçaõ da gente, da perda dos batéis, e que a Fróta ſe fizeſſe á vela para andar pairando, até vêr ſe ſe entrava em alguma negociaçaõ para ſalvar as vidas de Rodrigo de Araujo, e dos vinte Portuguezes. Com outros muitos enganos, e recados fingidos traçavaõ ainda a noſſa ruina o Rei, e Bandara; o que vendo Diogo Lopes lhes mandou dizer guardaſſem bem aos Portuguezes, que tinhaõ em ſeu poder; porque naõ tardaria muito em os vir buſcar, e tomar-lhe conta da perfidia, que acabavaõ de uſar com huma gente amiga, que nunca os offendêra.

Com

Com a pequena ſatisfaçaõ deſte recado ſahio Diogo Lopes de Malaca, e navegou 40 legoas na volta da India á Ilha da Polvoeira, aonde mandou queimar a náo de Gonçalo de Souſa, por naõ ter gente para a marear, e no Cabo de Comorim perdeo a de Jeronymo Teixeira. Em Travancor ſoube, como o Vice-Rei D. Franciſco de Almeida tinha partido para o Reino; e porque era ſeu parcial, e Affonſo de Albuquerque governava a India, naõ quiz ir vello a Cochim com temor dos aggravos, ou do aggravado. Elle lhe eſcreveo os ſeus ſucceſſos ſobre Malaca; mandou a Garcia de Souſa, e a Jeronymo Teixeira com as náos, que o Vice-Rei lhe havia dado, e de Travancor navegou para Lisboa, aonde chegou felizmente no fim deſte anno, que tratamos. Era vulg.

CA-

CAPITULO VII.

Escreve-se a primeira tomada de Goa por Affonso de Albuquerque, e os mais successos até o Hidalcaõ a recobrar.

Era vulg. O GOVERNADOR da India Affonso de Albuquerque, que depois da expediçaõ infeliz de Calecut, nós o deixamos em grande perigo de vida na Cidade de Cochim, apenas convaleceo inteiramente das suas feridas, elle quiz justificar com façanhas novas o acerto das passadas; tapar as boccas dos emulos, dizer quem era, quaes os seus sentimentos antes obrando, que fallando. A continuaçaõ da guerra reprovada de Ormuz elle a escolheo para a sua chéfe-acçaõ de Governador, e para ella aprestou huma Armada de vinte e tres náos com dous mil Portuguezes, e alguns auxiliares da India; publicando, que hia fazer huma Fortaleza na bocca do mar de Arabia, e reforçar com algumas daquellas náos a Esquadra, que

na

na meſma Cóſta mandava Duarte de Lemos. Deſpedidas as náos do Reino, ſahio elle de Cochim para Cananor, e antes de entrar em Baticalá rendeo duas de Meca muito importantes. Era vulg.

Era já pública a voz, de que o deſignio do Governador tinha por objecto a Ormuz: rumor, que trouxe a Baticalá com a ſua Fróta de quatorze navios de remo ao noſſo fiel amigo Timoja, que em huma conferencia repreſentou ao Albuquerque: Que elle com razaõ ſe admirava, de que Armada taõ poderoſa houveſſe de ſe empregar em huma guerra diſtante, arriſcada, e com menos lucro, deixando outra proxima, mais ſegura, e com intereſſes muito avultados: Que primeiro que render Ormuz, e que edificar huma Fortaleza na Arabia, eſtava conquiſtar Goa, aonde o Hidalcaõ mandava conſtruir muitas náos grandes, quantidade de fuſtas, e paráos para na primeira conjuntura invadir Cochim, e Cananor: Que a preſente para as noſſas armas era a mais favoravel, que ſe podia deſejar; porque o Hidalcaõ tinha ſido obri-

Era vulg. obrigado a marchar com gróſſos Exercitos para diſſipar as diſcordias civís, que ſe tinhaõ levantado em todos os ſeus Eſtados, e atacar a alguns dos Reis viſinhos, que lhe haviaõ declarado a guerra depois da mórte do Çabayo ſeu Pai: Que eſta mórte, e aquellas guerras eraõ a cauſa do Hidalcaõ naõ haver já vingado no ſangue dos Portuguezes os deſtroços, que elles fizeraõ na Cidade de Dabul: idéa, que elle Albuquerque devia prevenir com o temor, que lhe cauſaría a tomada de Goa; e que para o acompanhar na empreza elle ſe offerecia com a ſua Armada.

Propoz o Albuquerque em Conſelho eſte parecer de Timoja, que foi approvado por unanimidade de votos. Logo ſe procedeo a formar o plano da expediçaõ, e ſe reſolveo que eſte noſſo Alliado marchaſſe por terra a arrazar a Fortaleza de Cintacorá, pertencente ao Hidalcaõ, aonde o iria tomar a Armada. Pouco depois da ſua chegada a Goa veio Timoja, que deixava a Fortaleza rendida, e tragada do

fo-

fogo. Portuguezes, e Alliados naõ podéraõ aqui conter o júbilo, que lhes causava só o projecto concebido da conquista de Goa, que se animava com a esperança das riquezas, com a da posse da agradavel Cidade; fazendo os seus officios, em huns o amor da glória, em outros a ambiçaõ, em quasi todos o interesse, para ser geral a complacencia. Elles estavaõ vendo a Cidade magnifica situada na Ilha do seu mesmo nome, cortada do Continente por hum rio caudaloso, que por duas boccas se mettia no mar: na Ilha chamada Trisvari, que tem de cumprimento quasi tres legoas, e de largura em partes, mais de huma, donde estreita menos de meia; Emporio célebre do Oriente, depois a Capital do Estado Portuguez na Asia. Era vulg.

Esta Ilha, ainda que peqũena, póde sustentar Póvos numerosos, por ser copada de densos arvoredos todos fructiferos, por ser abundante de muitos generos de plantas, por nutrir quantidade de gados, por produzir variedades de alimentos, pela regarem fontes

pe-

Era vulg. perennes de boas aguas. A Cidade eſtava cercada de muros com altas torres defendidas de muita artelharia; as caſas eraõ viſtoſas; a temperie do Ceo excellente; o porto muito ſeguro, que convidava os mercadores Eſtrangeiros para ſe eſtabelecerem na Cidade. Os Templos, ou Meſquitas do rito Mahometano ſe haviaõ edificado com deſpezas enormes, dotados de gróſſas rendas para a ſuſtentaçaõ dos ſeus Sacerdotes. Em Goa ſuccedeo, pouco depois da ſua conquiſta, que abrindo hum Portuguez os alicerces para fazer a ſua caſa, appareceſſe nelles a Imagem de hum Crucifixo de metal, que ſe mandou a El-Rei D. Manoel para próva, de que antigamente floreſcêra em Goa o Chriſtianiſmo.

Chegado Affonſo de Albuquerque a eſta Cidade, e unida á ſua a Armada de Timoja, mandou a ſeu ſobrinho D. Antonio de Noronha, a Simaõ de Andrade, e a Simaõ Martins, que com os navios de remo entraſſem no porto, e foſſem atacar hum Fórte, que nos podia incommodar. Na ſua reta-guarda para

ra os ſoccorrer marchavaõ os batéis bem petrechados ás ordens de Jorge Fogaça, de Jeronymo Teixeira, de Joaõ da Nova, de Jorge da Silveira, e de Garcia de Souſa. O Piloto Mór foi encarregado de ſondar as embocaduras, e o rio para ſe vêr ſe podiaõ entrar ſem perigo as náos de alto bórdo. Timoja teve ordem para inveſtir com a ſua gente outra Torre pouco apartada da Ilha, bem municiada; partindo eſtes Chéfes com tanto esforço, e dando nos lugares deſtinados com tal impeto, que os inimigos, huns mórtos, outros fugidos, os deſampáráraõ. Immediatamente ſe determinou, que D. Antonio de Noronha foſſe ſobre hum lugar da Ilha chamado Pangim, e Timoja ſobre o de Bardez na terra firme. Ambos encontráraõ reſiſtencia; mas derrotando aos contrarios com corage, ambos os lugares ſe rendêraõ. Era vulg.

No dia ſeguinte ſe uníraõ todos os navios pequenos aos de D. Antonio, e o Governador naõ querendo ainda mover as náos, embarcou na galé de Diogo Fernandes de Béja para ſe moſtrar a

Goa.

Era vulg. Goa. Ao ſeu bórdo o viéraõ buſcar os Mouros de Dio eſtabelecidos na Cidade por cauſa do ſeu Commercio, e lhe repreſentáraõ: Que elles deviaõ ſer comprehendidos no Tratado de amizade celebrado entre o Vice-Rei D. Franciſco, e Meliqueáz, attendidos como bons alliados, que fielmente o informariaõ do eſtado, em que ſe achava Goa. Affonſo de Albuquerque lhes prometteo muito mais do que elles podiaõ deſejar, ſe com exacçaõ, e verdade, o inſtruiſſem nos negocios, em que elles meſmos intereſſavaõ a ſua fortuna, e a ſua vida. Com fidelidade lhe aſſeguráraõ os Mouros, que a guarniçaõ, e os habitantes de Goa, bem longe de ſe poderem defender, eſtavaõ occupados do medo, entre ſi divididos, huns querendo a reſiſtencia, outros a entrega; mas todos ſem juizo, nem conſelho para ſe deliberarem: que neſtes termos devia fazer a conta, de que Goa era huma Cidade já mettida no número das ſuas conquiſtas.

O Governador com eſte informe reſolveo eleger os meſmos Mouros por

ſeus

ſeus Deputados, e mandallos repreſentar aos de Goa em ſeu nome: Que elle vinha com aquella Armada, naõ para lhes derramar o ſangue em hum ſitio porfiado, mas para os livrar do jugo violento de hum tyranno, e os fazer goſtar o ſuave do Rei de Portugal D. Manoel: Que ſe quizeſſem entregar-ſe ſem deſembainhar as armas, lhes promettia o livre exercicio da ſua Religiaõ, huma liberdade plena, e a obſervancia das ſuas leis, uſos, e coſtumes; abatendo-lhes nos tributos a terça parte do que elles pagavaõ ao Hidalcaõ. Poucos dos ſoldados, que paſſáraõ para a terra firme, naõ conviéraõ na acceitaçaõ deſtas promeſſas. Todos os mais attrahidos da ſua franqueza, ou movidos pelo ſuſto das deſgraças, que os ameaçavaõ, abriraõ as pórtas de Goa, por onde entrou o Governador no dia dezaſſeis de Fevereiro deſte anno de 1510. Elle tomou poſſe deſta Capital em nome do ſeu Rei, e ao ſom de muitos inſtrumentos, do eſtrondo dos canhões acceitou o juramento de fidelidade dos moradores principaes, que Era vulg.

o

Era vulg. o conduzíraõ á Cidadela, dahi ao Palacio do Rei, aonde lhe entregáraõ as chaves da Cidade.

Sobre os muros, e no Arſenal ſe achou huma quantidade prodigioſa de artelharia, de armas, e munições de guerra, que pôz a todos em admiraçaõ: nos eſtaleiros 40 náos gróſſas, e grande número de embarcações ligeiras: muitos cavallos da Arabia, e da Perſia, e 160 nas cavalharices do Rei. Depois de tudo muito bem examinado, o Albuquerque proveo o governo da Cidade em D. Antonio de Noronha, a Alcadaria Mór em Gaſpar de Payva, a Feitoria, que entaõ era o Magiſtrado público, em Franciſco Corvinel; e inſtruindo-o hum Gentio da terra nas importantes rendas das Alfandegas da Ilha, de que reſultavaõ tantos intereſſes a El-Rei, elle o fez ſaber aos ſeus Officiaes para os perſuadir á neceſſidade de invernarem em Goa para ſe regularem negocios taõ intereſſantes, na qual algum delles entaõ pôz dúvida. O ſerviço, que os Mouros haviaõ feito, foraõ remunerados com indultos, e gra-

çaſ

ças particulares. Nas donzellas, que estavaõ no Palacio do Rei, se mandou ter grande vigilancia, para que ninguem as offendesse: protecçaõ, que mereceo ao Governador hum geral applauso, e dos moradores de Goa o reconhecimento mais distincto. Era vulg.

Quando os Portuguezes souberaõ por experiencia a qualidade do Dominio, de que estavaõ senhores, entendêraõ deviaõ conservar a conquista de Goa, e da sua Ilha a todo o preço para Capital de hum Estado na Asia. Com esta idéa, o Governador se applicou a ganhar a inclinaçaõ dos naturaes, a estabelecer as utilidades do público, a ter os Mouros contentes, como primeiros moveis de todo o negocio, e a prover os cargos em pessoas do Paiz, que satisfizessem aos seus paizanos. Em outros expedientes mostrou elle a sua dexteridade, e politica, aquella na eleiçaõ, que fez de Timoja para administrar as rendas públicas, e refrear as fraudes no Commercio; esta na civilidade com que tratou dous Embaixadores, hum de Ismael, Sophi da Persia,

ou-

Era vulg. outro de Ceifadim, Rei de Ormuz; que ſeus Amos tinhaõ mandado ao Hidalcaõ. A ſua meſma politica lhe inſpirou a neceſſidade de fazer Tratados de alliança com os Reis viſinhos de Goa para eſtabelecer o ſeu crédito naquelles contornos, ter amigos nas occaſiões, e com eſtes deſignios mandou Gaſpar Chanoca por Embaixador aos Reis de Vengapor, e de Narſinga, que o recebêraõ com grandes honras.

Com o meſmo caracter mandou a Rodrigo Gomes dar parte ao Sophi Iſmael do que acabava de fazer em Goa, e de caminho negociar com Ceifadim em Ormuz a ſegurança dos Portuguezes, que hiaõ commerciar á ſua Corte. Naõ chegou a ter effeito eſta Embaixada da Perſia: porque Cogeatar, receoſo de que nós ajuſtaſſemos alliança com o Sophi, matou com veneno em Ormuz a Rodrigo Gomes. Tantas acções ſublimes do Governador principiáraõ a ſer deprimidas por muitos dos ſeus Officiaes, que atacados pelo monſtro da invéja, ſe ſervíraõ do pretexto de naõ quererem invernar em Goa pa-

para sustentarem infallivel o estrago, Erá vulg.
o perigo, o destroço da nossa gente, e á força de calúmnias, de improperios, de affrontas soblevarem 900 homens contra o seu Chéfe. Este prendeo em huma noite nas casas dos conventiculos aos cabeças da sediçaõ; mas pouco depois foraõ soltos sem mais fiador, que a simples promessa, de que ficaríaõ em Goa obedientes ás ordens do Albuquerque. Alguns esquecidos desta promessa, sempre ciosos das felicidades deste grande homem, naõ respirando mais, que meios de o inquietar, por proprio arbitrio se fizéraõ á véla para Cochim, rebeldes mesmo a expensas do serviço do Rei, e da Patria.

Nesta figura se achavaõ os negocios de Goa, quando o nosso Alliado Mandaloi, Senhor do Condal, avisou ao Albuquerque, como o Hidalcaõ com a noticia da tomada da sua Capital, fizéra logo trégoas com os Principes seus inimigos; que com Exercito muito numeroso marchava a recobrar a sua perda; e que elle necessitava dos nossos

 soc-

Era vulg. ſoccorros para ſe defender no caſo de ſer invadido. O Governador lhos mandou promptos ás ordens de Jorge da Cunha, e fez paſſar á terra firme ao Adail de Goa o valente Diogo Fernandes de Faría com doze cavallos, e mil Malabares para explorar os intentos do inimigo. Como ſe ſoube que elle ſe apoderára das terras do Condal, ordenou-ſe a Jorge da Cunha, que ſe retiraſſe para a Ilha; applicando-ſe todos os cuidados á ſua defenſa.

O Hidalcaõ animou a ſua gente com hum diſcurſo vaſto, em que lhe propôz a importancia da reconquiſta de Goa; o pouco que era para temer o pequeno número de Portuguezes, que como barbaros faziaõ a guerra taõ longe dos Dominios do ſeu Rei; que elle para os atacar tinha aliſtados mais de 40$000 Infantes, e 7$000 cavallos; que com a vã-guarda deſte Exercito fizéra marchar para o paſſo de Benaſtarim Pulatecaõ, ſeu Tenente General, e hum dos primeiros Capitães do ſeu Reino, e que elle o ſeguia com o reſto das forças para lançar os Portuguezes

zes de Goa, ou morrer na empreza. Naõ obstante estas razões do Principe, e a grande superioridade das forças, os Barbaros sempre temêraõ que em occasiaõ de tanto empenho os Portuguezes se arrojassem a algumas daquellas temeridades de valor, que os ensinava a desprezar o maior número para levarem avante os projectos depois de concebidos. Era vulg.

Este, em que o Albuquerque estava mettido, tinha muito de difficultoso, seja pela gente, que lhe desertára para Cochim, seja pela pouca, que lhe ficára, seja pelos muitos póstos, que tinha de defender em toda a Ilha, seja pelo grande recinto da Cidade, que requeria huma guarniçaõ numerosa; ou seja pela desconfiança dos moradores, que já se lembravaõ do seu Principe confórme na Religiaõ com elles. Naõ perturbáraõ estas considerações o espirito sublime do Albuquerque para lhe impedirem os aprestos da defensa com ardor incrivel. Depois de fazer os necessarios na Cidade, cuidou nos passos da Ilha; encarregando o de Benastarim

Era vulg. a Garcia de Sousa, que além da gente com que guarneceo a trincheira, levou a Ayres de Sousa com o seu navio para defender o rio: no do váo chamado Gandalim, postou a Francisco Pereira Coutinho com mil homens da terra: no de Aguacim pôz a Lopo de Azevedo com alguma gente amparada do fogo da galé de Diogo Fernandes de Béja, e dos navios de Fernaõ Peres, e de Luiz Coutinho. Entre este passo, e o de Benastarim fez andar como de ronda a Simaõ de Andrade com huma galé, a Simaõ Martins em huma galeota, a Bernardim Freire, e a Pedro da Fonseca em dous batéis, e por guarda da praia de Goa a Jorge da Cunha com sessenta cavallos.

Feitas estas disposições, o Governador se recolheo á Cidade com Timoja, com os mais Capitães, e soldados, que restavaõ. Pulatecaõ, que já havia assegurado a terra firme, e plantado no passo de Benastarim descobria na Ilha o campo de Garcia de Sousa, mandou á frente delle com signal de paz a Joaõ Machado, hum dos desterrados deixado

em

em Melinde por Pedro Alvares Cabral, que elle tinha em ſeu poder com apparencias de Mouro. Garcia de Souſa o ouvio proteſtar a Fé, que guardava de Chriſtaõ no fundo do eſpirito: que por honra della, e pelos intereſſes do ſeu Soberano legitimo, vinha aviſar ao Governador da India para ſe naõ fiar nas palavras dos moradores de Goa, que o haviaõ entregar; para naõ ſe expôr aos perigos de huma guerra ſem proporçaõ contra o Exercito formidavel do Çabayo Hidalcaõ, que o podia ſubprender; para que logo abandonaſſe a Ilha de Goa ſe queria conſervar a pouca gente, que tinha, antes que o maior rigor do Inverno o pozeſſe inhabil para receber ſoccorros. Era vulg.

Affonſo de Albuquerque, que conheceo a induſtria dos Barbaros, ſervio-ſe deſte aviſo para com mais actividade mandar acabar os trabalhos começados, e pôr-ſe em eſtado de ſuſtentar, e repellir os esforços dos inimigos. Pulatecaõ obſervando pelas precauções do Governador, que de nada

lhe

Era vulg. lhe valêra a idéa do aviso, fez muitos trincheiramentos na embocadura do rio para se cobrir ao nosso fogo, e lançou nelle muitas jangadas para lhe facilitarem o transito de Salcete para a Ilha. Como Fernaõ Peres, Luiz Coutinho, Bernardim Freire, e Diogo Fernandes de Béja naõ podéraõ impedir, nem depois derrotar estas manobras, avisáraõ ao Governador, que veio em pessoa examinallas. Á sua vista entendeo, que nada mais podia fazer, que recommendar áquelles Capitães o valor na defensa do passo, quando Pulatecaõ o invadisse, e elle se recolheo a dar na Cidade, já perturbada pela perfidia dos moradores, novas, e promptas providencias.

Como a gente de Goa via taõ perto a pessoa do seu Principe, ella se cobrio de pejo pela covardia, com que entregára huma Cidade taõ respeitavel sem fazer a menor resistencia: sentia a rapidez, com que muita parte della abandonára a Religiaõ dos seus Maiores, e para dar a primeira próva dos desejos, que tinha de expiar os seus

cri-

crimes na face do Soberano; ſabendo, que o Governador ſe queria ſervir das cotias, e embarcações ligeiras da terra para a defenſa dos paſſos do rio; ella teve induſtria de as mandar ao Hidalcaõ, que eſtimou o preſente, como penhor da fé dos ſeus vaſſallos. Quizéra o Alququerque diſſimular eſta perfidia, por naõ expôr com o caſtigo a maiores contingencias huma dominaçaõ, que naſcia. Por outra parte ſe lhe fazia intoleravel, que huma trahiçaõ taõ manifeſta houveſſe de ficar impunida. Arbitrou a ſua prudencia hum meio entre juſto, e ſuave; que foi chamar os cabeças da perfidia com pretextos honeſtos, e caſtigar nas ſuas vidas o delicto da multidaõ. Deſenganou-ſe o Governador, de que ſó o ſeu valor havia tomar as medidas para a defenſa, naõ perdoando a alguma, que contribuiſſe para a ſegurança de Goa, para a reputaçaõ das armas, para o crédito da peſſoa. Era vulg.

CA-

CAPITULO VIII.

Como o Hidalcaõ reſtaurou a Cidade de Goa; da grande fome, que padecêraõ os Portuguezes, e do mais que obrou Affonſo de Albuquerque.

Era vulg. OS grandes deſejos, que Pulatecaõ obſervava no ſeu Soberano de reduzir Goa á ſua obediencia, o empenháraõ para inveſtir com todo o esforço os paſſos da Ilha; mas notando, que naõ lhe baſtava o valor para abater a corage dos Portuguezes, ſem o acompanhar de induſtria, elle arbitrou huma, que a eſtaçaõ lhe faria favoravel. Foi ella a de eſperar pela primeira noite mais tempeſtuoſa do Inverno, que chegou a 17 de Maio bem propria para a invaſaõ naõ previſta, em que Çufalarim pelo paſſo de Benaſtarim, e Melique Çufgorgi pelo de Çancalim entráraõ na Ilha com gróſſos deſtacamentos, ſem que os noſſos pelo eſcuro da noite, e pela continuaçaõ da chuva lho podeſſem impedir. Quando os inimigos foraõ ſenti-

ti-

tidos, os Portuguezes naõ deixáraõ de fazer huma resistencia, ainda que vaga, e duvidosa, cheia de magnanimidade, e de valor. Mas aquellas difficuldades, a mórte de Jorge de Sousa, a entrada na Ilha de Pulatecaõ com todas as forças, reduzíraõ os espiritos a tal aperto, que a gente desamparou os póstos da mesma Ilha para se salvar na Cidade. Era vulg.

Cresciaõ nella os cuidados com a certeza, de que mais de mil soldados dos naturaes da terra haviaõ promettido a Pulatecaõ de passarem para o seu campo na primeira conjuntura. O Governador para se descartar destes trahidores, ou para provar a verdade da sua boa, ou má fé, os mandou soccorrer o passo de Benastarim; mas elles endireitáraõ a marcha para o campo de Pulatecaõ. Os Mouros, os mercadores, e a paisanage ficáraõ expostos ao furor do Albuquerque, que mandando prender a muitos dos principaes, fez pendurar nas forcas os mais distinctos, os ricos, os poderosos; sobmettendo-se callados os humildes para depois tomarem

Era vulg. rem o partido dos vencedores. Como os inimigos podéraõ apagar o fogo, que nas ſuas embarcações ligeiras havia poſto com valor deſmedido o Adail Diogo Fernandes de Faria, elles ſe avançavaõ para a Cidade, e porque os ſeus muros em muitas partes eſtavaõ arruinados, o Governador reforçou de mais gente algumas eſtancias para oppôr á fraqueza dos muros o reforço dos peitos.

No lanço do poſtigo de Mandovi, que era o mais arriſcado, poſtou a ſeu ſobrinho D. Antonio de Noronha, e os outros, tambem arruinados, os encarregou a Ayres da Silva, a Fernaõ Peres de Andrade, a Simaõ de Andrade, a Jorge Fogaça, aos irmãos D. Jeronymo, e D. Joaõ de Lima, a Diogo Fernandes de Béja; ficando elle de ſobre-ronda para acodir, aonde a maior neceſſidade o pediſſe. Depois expedio huma fuſta a Cochim, aviſando do aperto em que ſe achava aos Capitães Jorge da Silva, e Jeronymo Teixeira, que com as ſuas náos haviaõ deſertado de Goa, pedindo-lhes o ſoccorreſſem em

oc-

occaſiaõ de tanta honra. Eſtes homens Era vulg. ſe fizeraõ deſentendidos ás vozes do ſeu Chéfe, ou arraſtados do odio, que contra elle concebêraõ, ou por ſe naõ expôrem aos perigos, que receavaõ.

O primeiro poſto atacado por Pulatecaõ na téſta de doze mil homens foi o de D. Antonio de Noronha, que naõ ſó os rechaçou, mas fazendo huma ſahida tirou a vida a grande número delles: esforço, que de nada mais ſervio, que para qualificar a noſſa corage, ſem podermos ſalvar Goa do grande poder dos Barbaros. Alguns dos Capitães deſgoſtados cuidavaõ menos na defenſa, que em ſublevar a gente para naõ obedecer ao Governador, e perſuadillo ſe embarcaſſe, antes que os inimigos os paſſaſſem á eſpada. A vinda do Hidalcaõ ſobre Goa com o réſto do poder acabou de pôr em emoçaõ aos Mouros, e moradores da Cidade, que aproveitando-ſe da noſſa perturbaçaõ, deſertavaõ em bandos. O Governador naõ podendo remediar tantas deſordens, nem oppôr-ſe aos inimigos, que por todas as partes o atacavaõ, elle ſe reti-

Era vulg. tira ao Castello para facilitar o embarque das trópas.

Naõ se desvelava menos o Hidalcaõ em impedillo de fórma, que nem hum só Portuguez lhe escapasse. Com este designio manda tupir a sahida do porto por huma grande náo carregada de arêa mettida a pique; mas o Albuquerque ordenou aos Pilotos sondassem o fundo do canal, que achando-se praticavel, se resolveo tentar o bota-fóra. Recolhêraõ-se na Armada as munições, e mantimentos; foraõ enforcados 150 Mouros trahidores, que estavaõ prezos; jarretadas as pernas aos cavallos; recolhidas a bórdo as mulheres, mininos, e Mouros amigos; mas o incendio, que D. Antonio de Noronha fez atear nos arsenaes, revelou aos Barbaros o segredo do nosso embarque, e se movêraõ para o impedir. A praia foi o campo de huma batalha formidavel, aonde disputavaõ o valor dos Barbaros com a esperança de ganharem huma victoria nova; o dos Portuguezes para salvarem comsigo outra esperança de recobrarem a que perdiaõ. Os nossos Fidal-

dalgos cobrindo a reta-guarda, naõ ſó ſuſtentáraõ todo o pezo da refrega, mas conſeguíraõ, que a gente, ainda que toda ferida, ſe embarcaſſe ſem a perda de hum ſó homem. Era vulg.

Aſſim abandonou o grande Albuquerque no dia 30 de Maio a Cidade de Goa, que dominou tres mezes, e meio; levando firme a idéa, de que tomaria ſobre ella outras medidas taõ ajuſtadas, que perpetuaſſem o dominio. Elle levou a Fróta para Ribandar, aonde naõ podia deixar de ter o Inverno, que impedio a ſahida da barra, nem lhe fugia a conſideraçaõ da grande fome, e ſede, que ſe havia experimentado, com tantas difficuldades, que vencer para as prevenir. Eſtes diſcurſos vulgares já rompiaõ em comoções ſedicioſas, e entre os Cabos deſcontentes, Franciſco de Souſa Manicas, eſquecendo-ſe de quem era, e da qualidade de Official, com a ſua náo inveſtio a barra para ſe ſeparar do Governador. Como naõ a pode vencer, e retrocedeo, o Chéfe o cobrio do pejo da degradaçaõ pública na face da Armada, prendendo-o,

Era vulg. do-o, e privando-o do poſto, que proveo em outro depois de lhe fazer ſobir o ſangue ao roſto com huma reprehenſaõ, qne podemos chamar ſanguinaria.

Já extrema a fome, que forçava a gente a comer os inſectos, a roer nos couros coſidos das arcas; as náos atacadas pelo fogo do Fórte de Pangim, que defendia a barra, e pelo das batarias, que o Hidalcaõ mandára plantar pelas margens do rio: eſtes dous incómmodos obrigáraõ o Governador a fazer dous movimentos. O primeiro foi mudar a ancorage para o rio entre a Ilha de Divar, e a Terra firme, aonde os ſoccorreo a Providencia com alguns peixes, que os marinheiros peſcavaõ. O ſegundo propoſto por Timoja, foi mandar hum dos ſeus Capitães chamado Menaique com D. Antonio de Noronha á meſma Ilha de Divar, e á de Choraõ, aonde ſubprendêraõ felizmente aos habitantes, os pozeraõ em fugida, e ſe recolhêraõ com algumas cabeças de gado groſſo, que matou a fome por poucos dias. Ella reviveo extre-

trema como antes; a ſede teve alivio pelas muitas chuvas, que adoçáraõ á agua do rio; mas redobráraõ-ſe os cuidados com o aviſo do degradado Joaõ Machado, que fez ſaber ao Governador, como o Hidalcaõ preparava muitos brulotes para lhe queimar a Armada, e oitenta navios de remo para acabarem de deſtruir as reliquias, a que perdoaſſe o fogo. Era vulg.

Sempre a Naçaõ Portugueza ſoube tomar reſoluções ſublimes no meio de negocios deſeſperados. O Governador chama a conſelho os Capitães, e ſoldados velhos: communica-lhes os aviſos do Machado: propõe-lhes as miſerias de que eſtaõ rodeados todos: como o Fórte de Pangim he o embaraço unico dos ſeus movimentos; Pulatecaõ, que o cubria com tres mil homens, o obſtaculo das ſuas reſoluções: que elle entendia naõ lhes reſtava outro refugio para a ſalvaçaõ de todos, ſenaõ atacar Pulatecaõ, e render Pangim. Como Affonſo de Albuquerque achou na ſua gente huma intrepidez bem ſuperior á ſituaçaõ triſte, em que ella

ſe

Era vulg. ſe achava: Diſpôz, que Simaõ de Andrade com cem homens inveſtiſſe o campo de Pulatecaõ: que Simaõ Martins com os eſpingardeiros, e béſteiros ſe poſtaſſe em hum paſſo eſtreito para impedir a retirada daquelle General: que Diogo Fernandes de Béja, e Affonſo Peſſoa das ſuas galéz fizeſſem fogo ſobre os que intentaſſem ſoccorrer o Fórte de Pangim: que eſte por hum lado o atacaríaõ Manoel de la Cerda, Sebaſtiaõ de Miranda, Nuno Vaz de Caſtello Branco, e pelo outro D. Jeronymo de Lima, Ayres da Silva, Jorge Fogaça, D. Joaõ de Lima, e Fernaõ Peres de Andrade.

Todas eſtas marchas aſſim concertadas; a favor de huma vaga ſurda, e da eſcuridade da noite, duas horas antes da manhã os Officiaes com os ſeus deſtacamentos ſe avançáraõ aos lugares reſpectivos dos ſeus ataques. Como os inimigos dormiaõ bem deſcuidados, de que os Portuguezes rodeados de miſerias houveſſem de ter penſamentos taõ cheios de audacia: antes de ſermos ſentidos, elles no campo, e na

Pra-

Praça ao meſmo tempo foraõ atacados. Era vulg.
Em hum repelaõ taõ rápido como breve, degollados 250 Barbaros, Pangim foi ganhado, Pulatecaõ poſto em fugida, o Hidalcaõ ficou atonito, Goa com ſuſtos novos, e nós recolhemos na Armada os viveres, as munições, a artelharia do Fórte, que era noſſa. Quatro ſoldados tivemos mórtos neſta expediçaõ, e poucos feridos; mas adquirimos tal reputaçaõ, que o Hidalcaõ temeroſo, de que marchaſſemos ſobre Goa, depois de lhe dobrar a guarniçaõ, mandou por Joaõ Machado offecer paz ao Governador.

Eſte degradado, que dava próvas da ſua fidelidade á Patria, o advertio, que naõ acceitaſſe a paz ſem condições muito vantajoſas; porque o Hidalcaõ as comettia forçado da neceſſidade para acodir á invaſaõ do Rei de Narſinga, que vinha reſtaurar a Praça de Taracol, pouco antes tomada pelo Hidalcaõ. Além diſto o Albuquerque naõ queria ligar-ſe com os vinculos da meſma paz, que lhe atavaõ as mãos para a reconquiſta de Goa; mas para entreter o tem-

Era vulg. po, em quanto o Inverno paſſava, reſolveo-ſe a fazer, mudar, e alterar propoſtas taõ eſtranhas á dignidade do Hidalcaõ, que depois de muitos, e repetidos recados rompeſſem á negociaçaõ todos os meios.

Como eſtas vantagens diminuíraõ nos Portuguezes os trabalhos, a neceſſidade, a miſeria, tomou forças o vicio, ardeo a concupiſcencia, e a viſta da formoſura das Damas de Goa, que o Albuquerque fazia guardar nas náos com toda a vigilancia, ou para as conduzir a Portugal para liſongear com a ſua eſpecioſidade a Rainha D. Maria, ou para depois as caſar com Portuguezes, como fez na ſegunda tomada de Goa; eſta viſta inclinou os affectos, que rompendo as medidas da moderaçaõ, foraõ origem de grandes deſordens. Entre os mais deſcomedidos ſe diſtinguia Rodrigo Dias, filho de hum Eſcrivaõ de Alenquer, que tinha o atrevimento de ir todas as noites á náo do General render a huma das Damas os phreneſis impuros, que ſe cohoneſtaõ com o nome de civilidades. Soube-o o

Al-

Albuquerque, e formado processo ao delinquente, teve sentença de força. Alguns Fidalgos complices mais acautelados no crime de Rodrigo Dias; pedíraõ com instancia a vida do réo; mas naõ o podendo conseguir, mettêraõ em uso todos os esforços, para que a ignominia da forca se lhe comutasse na honra de morrer degollado. Era vulg.

Sendo a alma destes officios o descomedimento, as grosserias, as vozes de sediçaõ; o Governador naõ só deixou de atendellos, mas prendeo debaixo da coberta da sua náo a maior parte dos Procuradores. Advertindo depois, que naõ podia escusar o serviço de tantos homens distinctos, manda soltallos. Elles, tomados da cólera, clamaõ, rugem, daõ bramidos queixosos, de que com huns homens da sua qualidade se use de huma contumelia, que naõ he compensavel: que elles naõ querem ser soltos, senaõ virem a Portugal naquella mesma prizaõ dura, e infame para nella representarem ao Rei quem era Affonso de Allbuquerque. Este Chéfe, a tudo superior, naõ se embaraça, sup-

Era vulg. põe as palavras de ira hum parto da loucura, que como inhabilitava a quatro Comandantes de náos para ſervirem, os privou das Capitanias, e as proveo em Antonio de Almada, em D. Joaõ de Lima, em Antonio de Matos, e em outro a que naõ ſabemos o nome.

Por aviſos novos de Joaõ Machado, quando eſtas couſas ſuccediaõ, foi informado o Albuquerque, como o Hidalcaõ ſentíra tanto a derrota do ſeu General, e a perda de Pangim, que determinava tomar ſatisfaçaõ deſta injúria; mandando ſobre a ſua Armada oitenta fuſtas bem fornecidas de artelharia, e de gente para huma invaſaõ repentina. O Governador ſeguindo o genio dos Portuguezes, que ſempre diſputáraõ aos ſeus inimigos a vantagem de ſer os primeiros em inveſtir; elle ordenou a ſeu Sobrinho D. Antonio de Noronha, que foſſe atacar a Fróta contraria no meſmo porto de Goa, aonde ella ſe preparava. Offerecêraõ-ſe a D. Antonio, e elle conſeguio levar comſigo, como ſoldados voluntarios, todos

dos os Fidalgos prezos, que esquecêraõ a injúria á vista da occasiaõ da honra no serviço da Patria. Em déz batéis o acompanháraõ outros Capitáes, nas suas galéz Diogo Fernandes de Béja, Affonso Pessoa, e Joaõ Gonçalves de Castello Branco em hum paráo. Era vulg.

Estes tres Capitáes foraõ devaçar todo o rio pela parte, que banha a Cidade de Goa, e Joaõ Gonçalves o fez com valor taõ confiado, que batia com os remos em terra. Observando que ninguem lhe tomava contas do atrevimento, voltou a incorporar-se com as galéz, que esperavaõ por D. Antonio. Elle descobrio na Ilha de Divar trinta paráos, que Çufalarim punha em movimento para o virem atacar; e receoso de ficar mettido entre este fogo, e o da Armada da Cidade, mudou a ordem de batalha, que trazia. Dividio elle em duas a sua Esquadra: huma de quatro batéis, e as galéz, que elle mandava com os dous irmãos D. Jeronymo, e D. Joaõ de Lima, com Garcia de Sousa, para investir a Çufalarim: outra de seis bateis ás ordens de

Jor-

Era vulg. Jorge da Cunha, de Luiz Coutinho, de Bernardim Freire, e de outros Capitães, para atacarem a Armada da Cidade.

Com ardor incrivel por ambas as partes durava o combate por algumas horas ſem ſe declarar a fortuna, nem perceber vantagem. D. Antonio derramava o terror na Eſquadra de Çufalarim: dos ſeis bateis á viſta meſmo do Hidalcaõ, que eſtava ſobre os muros do Goa, ſe obravaõ proezas, que punhaõ em admiraçaõ a amigos, e a contrarios. Mas em fim como nas Frótas, tanto a de Divar, como a da Cidade, já a mortandade era intoleravel, ellas viráraõ prôas, e foraõ varar em terra, aonde naõ podiaõ chegar os noſſos bateis, que demandavaõ mais fundo. D. Antonio naõ pode ſoffrer lhe eſcapaſſe Çufalarim, que foi varar defronte da pórta de Santa Catharina; e porque para eſte lugar o chamavaõ os fados, elle ſe arroja a atacar debaixo dos muros a grande fuſta pela vêr ſó com a prôa em terra, o mais corpo em boa fundura. Elle a ferrou pela poppa, e de hum

hum ſalto a entrárão os dous façanhoſos irmãos Simaõ de Andrade, e Fernaõ Peres de Andrade ſeguidos por tres valentes ſoldados. Era vulg.

Quando eſtes cinco bravos davaõ golpes, que excediaõ as forças da humanidade, D. Antonio querendo entrar a ſoccorrellos, huma ſeta deſpedida dos muros de Goa lhe atraveſſou a cocha da perna eſquerda com tanta violencia, que deo com elle no convez, ſem mais ſe poder mover. A tripulaçaõ ſentida, e officioſa, por lhe accodir, naõ ſentio apartar-ſe o batel da Fuſta, aonde os cinco Aventureiros ficavaõ expoſtos á furia de huma multidaõ barbara. Baixava a maré, ficava a fuſta em ſecco, e de todas as partes corriaõ de tropel os inimigos para acabarem com os dous Fidalgos, e os tres camaradas, que eraõ o ſeu eſcandalo. Mas o ſeu valor ſe redrobava ao paſſo, que o perigo creſcia, com tanta admiraçaõ do Hidalcaõ, que eſtava paſmado nos muros, obſervando cinco monſtros de corage, que naõ podia crêr homens. O animoſo Meſtre do batel de Luiz Coutinho com ſete

Era vulg. te marinheiros os ſalvou da eſcravidaõ, ou da mórte, quando Diogo Fernandes de Béja com o meſmo deſignio fazia esforços inimitaveis.

A noite fez recolher aos noſſos para a Armada do Governador, e eſta victoria ſería para nós huma das mais gloriosas pela grande mortandade dos inimigos, ſem perdermos da noſſa parte hum ſó homem, a naõ faltar tres dias depois D. Antonio, que foi geralmente chorado, e do Governador ſentida a ſua mórte, naõ ſó como de hum ſobrinho, que muito amava, mas como a de huma creatura da ſua diſciplina, de hum dos Officiaes mais bravos, que o Rei tinha no ſeu ſerviço. Foi ſepultado o cadaver de D. Antonio de Noronha debaixo de huma pedra na terra firme de Bardez, donde depois o meſmo Albuquerque fez trasladar os oſſos para a Cathedral de Goa.

O Hidalcaõ, que nos tornou a offerecer a paz com a infame condiçaõ de lhe entregarmos o noſſo fiel amigo Timoja, e por iſſo foi a propoſta deſprezada, naõ ſó deo públicos teſtemunhos

nhos

nhos de ſentimentos pela mórte de D. Antonio, mas mandou viſitar a Simaõ de Andrade, e a ſeu irmaõ Fernaõ Peres por Joaõ Machado, que lhes aſſegurou da parte daquelle Principe: Como elle naõ podia diſſimular a invéja, que tivéra, quando os vio obrar tantas façanhas na fuſta de Çufalarim: que com dous homens como elles, lhe era bem fácil conquiſtar toda a India; e que dalli em diante o tiveſſem na conta do ſeu mais eſpecial amigo. Os dous Fidalgos lhe reſpondêraõ: Que eſtimavaõ tanto a honra, que lhes fazia, quanto ſentiaõ na occaſiaõ, em que lhes fallava, naõ poder render-lhe maior ſerviço, que o bem pequeno, que lhe haviaõ feito; mas que eſperavõ occaſiaõ de o avançar com tanta vantagem, que elle tambem a tiveſſe de augmentar a amizade. Era vulg.

Deſte modo acabou a primeira guerra de Goa. Como os doentes eraõ muitos, logo depois da batalha de D. Antonio de Noronha o Governádor os mandou adiante para Angediva na náo de Nuno Vaz. Elle ſeguio com a Arma-

Era vulg. mada a mesma derrota; mas porque ella necessitava de muito reparo, os doentes, e feridos de cura mais prompta, a gente fatigada de descanço, elle se fez á vela para Cananor a 15 de Agosto deste anno. No mesmo dia antes de montar o Cabo de Rama, encontrou cinco náos nossas, que vinhaõ do Reino; huma ainda pertencente á Armada do Marechal, que invernára em Moçambique, de que era Capitaõ Francisco Marecos; e as quatro, que traziaõ o destino de Malaca, á ordens de Diogo Mendes de Vasconcellos com os Capitães Balthasar da Silva, Pedro Coresma, e Jeronymo Cerniche. Este encontro causou grande prazer a Affonso de Albuquerque, que nós deixaremos descançando em Cananor de tantas fadigas gloriosas, para continuarmos nos Livros seguintes com o progresso das suas façanhas, que em todas as idades haõ de occupar as cem boccas da Fama.

LI-

LIVRO XXXVIII.

Da Historia Moderna de Portugal.

CAPITULO I.

Continúa a vida del Rei D. Manoel com os succeſſos do anno de 1510 em Africa, na Europa, e na India, até novas expedições do grande Affonſo de Albuquerque.

SE os ultimos acontecimentos da India, foraõ pouco vantajoſos aos intereſſes do Rei D. Manoel, a juſto titulo chamado, o Filho da Ventura, por cauſa da perda de Goa, elles foraõ hum retroceſſo, hum fazer a meſma ventura pé atraz para logo correr á felicidade na meſma acceleraçaõ mais firme. Em Africa, depois que o Rei de Féz levantou o ſitio de Arzila, que fica referido, ella reforçou o paſſo para reparar a fadiga, que teve na India; levan- Era vulg. 1510

van-

Era vulg. vando na ſua téſta ao grande Nuno Fernandes de Ataide, e ao bravo D. Vaſco Coutinho, Conde de Borba. O primeiro, mandando oitenta cavallos, derrotou hum corpo de Mouros com mórte do ſeu Alcaide Bengamene, de outros Agarenos deſtimidos, além dos que perdêraõ a liberdade. O ſegundo invadio duas Aldêas, onde fez 30 priſioneiros, e ſe recolheo com a preza de 1600 cabeças de gado, que fornecêraõ a ſua Praça. Barraxe, e Almandarim quizéraõ deſpicar eſtas injúrias, vindo com hum groſſo Exercito bater ás pórtas de Arzila; mas os de dentro lhes reſpondêraõ em tom taõ féro, que ſe retiráraõ contentes por nos darem huma moſtra de guerreiros.

Já neſte tempo o célebre Caciz de Numidia, que eu diſſe, ſe ſervíra das ſuas indúſtrias para ſe fazer o tronco da Familia dos Xerifes, havia mandado para o Reino de Féz a ſeus dous filhos os preſumidos deificados Mahamet, e Mahumed para darem principio aos vaſtos projectos concebidos por ſeu Pai. Elles ſe apreſentaraõ no Paço do Rei

Mu-

Mulei Hamet com o ſemblante officioſo de quem vinha aliſtar-ſe no ſeu ſerviço contra os Portuguezes, que divertiaõ a muitos dos ſeus vaſſallos dos caminhos da antiga Lei do Profeta. Como elles viraõ eſtabelecido em Eéz o conceito, de que eraõ os interpretes illuminados do Alcoraõ, que os Portuguezes deſprezavaõ; foi-lhes facil conſeguir do Rei, contra o voto de hum ſeu irmaõ advertido, a permiſſaõ de ſe plantarem na téſta de huma trópa de cavallos com bandeira deſpregada, e tambor batido, como ſeus Alcaides, para andarem pelas Comarcas de Tangere, e Arzila, divertindo os Mouros da devoçaõ dos Portuguezes, confirmando-os na fé do ſeu Mafoma. Nós deixaremos os dous monſtros de ambiçaõ occupados por honra neſte exercicio da ſua piedade, que veio a ſer a pedra, aonde afiáraõ o cutélo, com que elles pretendiaõ degollar ao ſeu meſmo bemfeitor. Era vulg.

Se ſaõ baſtantes para perturbar hum genio ſoberbo as affrontas imaginadas, quanto ſe inquietaría o altivo Rei de

Féz

Era vulg. Féz com tantas executadas, e feitas? Nos transportes destas considerações, que naõ podiaõ esquecer as injúrias, e ruinas passadas, o Rei de Féz com exercito mais numeroso, que o primeiro, resolveo fazer segunda visita á praça de Arzila. Entaõ se achavaõ nella Nuno Fernandes de Ataide, D. Joaõ Mascarenhas, Capitaõ dos Ginetes, D. Francisco de Portugal, depois Conde do Vimioso, o Visconde D. Francisco de Lima, seu primo Diogo Lopes de Lima, Joaõ da Silva, Regedor da Casa da Supplicaçaõ, Alvaro Gonçalves de Moura, D. Francisco de Castro, Alcaide Mór do Sabugal, Ruy Gonçalves da Camara, Capitaõ da Ilha de S. Miguel, outros Fidalgos, soldados taõ promptos para a defensa da Praça novamente fortificada, que o Rei de Féz, quando a examinou, se póz em retirada com o seu apparato formidavel sem descarregar nella hum só golpe, na sua reputaçaõ outro mais fundo.

Almandarim, e Barraxe quizeraõ vêr de quem fugia o Rei de Féz, e ap-

apparecêraõ ſobre Arzila. D. Fernando de Caſtro ſahio com hum ſó criado a recebellos ; mas eſta temeridade lhe cuſtou a vida. Igual foi o deſtino de Jorge Vieira, que com trinta cavallos atacou a Cide Hamet, filho do Alcaide de Alcacer-Quivir. Elle, ſeu Pai Eſtevaõ Vieira, outros bravos cavalleiros perdêraõ as vidas, alguns a liberdade, e voltáraõ nove a ſentir na Praça os effeitos da confiança deſmedida. Pouco util foi o remedio, que a eſta infelicidade quiz applicar D. Franciſco de Portugal, cobrindo a frente de noventa cavallos, na invaſaõ ſobre as Aldêas de Benagarfate. Elle ſim matou, e prendeo a muitos Barbaros ; mas acodindo innumeraveis dos lugares viſinhos, D. Franciſco ficou mal ferido, deixou no campo mórtos, e captivos ; entrando no número dos primeiros Affonſo da Silva, e Martim Affonſo Chichorro ; no dos ſegundos André da Silva, e Franciſco Mouſinho. Era vulg.

El-Rei D. Manoel informado do que ſe paſſava em Africa, e na India, reſolveo ſuſtentar os intereſſes da Religiaõ,

Era vulg. giaõ, e o crédito das armas com tantas forças navaes, que faz admiraçaõ a quantidade de náos, que neſtes annos ſahiaõ do Téjo. No de 1510, de que tratamos, partíraõ para a India com o deſignio da conquiſta de Malaca as quatro náos de Diogo Mendes de Vaſconcellos, em que fallei antecedentemente. Nove dias depois partio Gonçalo de Siqueira com ſete, de que eraõ Capitães, além delle, Manoel da Cunha, Diogo Lobo, Jorge Nunes de Leaõ, Lourenço Lopes, Lourenço Moreno, e Joaõ de Aveiro. A oito de Agoſto ſahio Joaõ Serraõ com tres náos deſtinadas á Ilha de S. Lourenço para ajuſtar paz, e eſtabelecer commercio com os Reis de Matatana, e de Turubaia, que nos forneceriaõ os generos do ſeu Paiz. A quarta Armada, que pelo meſmo tempo deo á véla para Africa, com o deſtino de fazer reſpeitar a Cidade de Çafim, ás ordens do grande Nuno Fernandes de Ataide, que entaõ viéra a Lisboa; ella ſe compunha de mais de trinta náos, em que embarcou boa parte da Nobreza do Reino, e ſoldados de va-

valor, dignos da reſpeitavel empreza. Era vulg.
Nós fallaremos della neſte lugar para naõ rompermos depois o fio da narraçaõ nos ſucceſſos das outras Eſquadras na India.

Como Nuno Fernandes de Ataide hia provido no governo de Çafim, apenas poz em terra a gente, munições, e viveres, naõ lhe ſoffreo o genio incançavel eſtar muito tempo ſem fazer entradas no Paiz dos Barbaros. Ambicioſo eſte grande homem de avançar em Africa a authoridade do ſeu Rei, ſahio a cobrar os grandes tributos impoſtos aos lugares, que obedeciaõ ao meſmo Soberano, e aos deſcontentes, que recuſavaõ pagallos, reduzir a eſtado de ſe ſubmeterem ao jugo. Em quanto ás invasões dos Póvos fortificados, alguma dellas naõ era comparavel com a do Caſtello do Mouro chamado Santo, ou antes o Pagode vivo dos ſeus Povos, que o adoravaõ por hum prodigio de virtude. O Caſtello, mais que pelo ſitio, pela fórte guarniçaõ, mais que pela numeroſa aretlharia, era defenſavel pelo reſpeito deſte Solitario,

Era vulg. tinha promptas as vontades das gentes para darem as vidas em ſeu obſequio: circunſtancia, que fazia a tomada deſte Caſtello mais difficultoſa, que a de huma das Praças melhores da Mauritania.

O bravo Ataide, que conhecia a importancia de o reduzir, ſe moveo contra elle; e com tal vigor o atacou por todas as partes, que o levou de aſſalto. Quaſi todos os homens perdêraõ a vida, menos na defenſa da Praça, que na do reſpeitado trofeo vivo de Mafoma, que o Ataide mandou reſervar para varrer com elle as ruas de Çafim no ſeu triunfo. O eſtrondo deſta conquiſta fez tal commoçaõ nos eſpiritos, que de todas as partes concorriaõ com géſtos humiliantes a implorar a paz a Nuno Fernandes com as condições, que elle lhes quizeſſe preſcrever, para paſſarem a vida na tranquillidade ocioſa, em que tinhaõ ſido educados. Era o temor panico o primeiro agente deſtas ſubmiſſões; por iſſo depois de paſſado o primeiro ſuſto, Mouros innumeraveis de differentes Comarcas ſe conjurá-

táraõ, rompêraõ a noſſa alliança, fizéraõ ligas entre ſi, e dizem que com o apparato eſpantoſo de ſeiscentos mil infantes, e cinco mil cavallos, no dia 13 de Dezembro ſe apreſentáraõ ſobre Çafim para pedirem contas ao Ataide do ſacrilegio comettido na peſſoa do Santaõ captivo. Era vulg.

Nuno Fernandes aviſado pelos batedores do campo da multidaõ de inimigos, que vinhaõ ſobre a Praça, por vias differentes deo parte a El-Rei, e pedio ſoccorros a Simaõ Gonçalves da Camara, que em muitas occaſiões os havia fornecido a todas as noſſas Praças de Africa taõ importantes, quanto era ardente o zelo, com que elle ſe intereſſava no ſerviço do Principe. Succedeo naõ eſtar Simaõ Gonçalves na Ilha da Madeira, por ter ſido chamado á Corte; mas ſua mulher, que tinha eſpiritos taõ ſublimes como o marido, poz logo prompto hum Eſquadraõ luzido, e numeroſo, que mandou a Çafim ás ordens de ſeu cunhado Manoel de Noronha. O Governardor diſtribuio a defenſa dos baluartes no recinto da mu-

Era vulg. muralha por Francifco de Abreu com dous filhos de Joaõ Fernandes do Arco; por Chriftovaõ Freire; por Joaõ Efmeraldo; por Luiz de Atougia; por D. Rodrigo de Noronha; pelos dous irmãos Joaõ, e Antonio de Freitas; por outros dous irmãos Alvaro, e Manoel Mendes Cerveira; por Gonçalo Mendes Sacoto; pelo memoravel, e deftemido Joaõ Homem; por Gonçalo Martins Valente; pelo Camareiro Mór D. Bernardo Manoel; por D. Garcia Deça; por feu cunhado Alvaro de Faria, e por Nuno Vaz de Béja; ficando elle com hum corpo valente para acodir aos lugares de maior neceffidade com o feu Adail Lopo Barriga.

Efcolhêraõ os Barbaros o dia 23 de Dezembro para darem hum affalto geral á Praça. Elle foi vehemente á medida da multidaõ empenhada nelle, fem a embaraçar a mortandade, antes os montes dos mórtos ferviaõ de efcada para fobirem os vivos. Os noffos Fidalgos, mais qualificados, nefta occafiaõ naõ fe contentáraõ com fer exhortadores, que animaffem os foldados para fe

ſe arrojarem aos perigos. Elles meſmos, intrépidos, a peito deſcoberto, nos lugares, aonde só ſe deixavaõ vêr deſtroços da mórte, arrojavaõ ſobre os Barbaros tantos raios de polvora inflammada, tantas mantas ardendo em fogo, tal chuva de azeite, e pez fervendo, tudo acompanhado de huma innundaçaõ de ballas, e armas de arremeço, que os Mouros eſpantados abandonáraõ o ataque com mais preſſa na retirada, que no avance. Elles ficáraõ taõ cortados do noſſo ferro, que ſobre deſertarem muitos, até ao ultimo de Dezembro eſtiveraõ ſem acçaõ á viſta da Praça. Era vulg.

Como tanta multidaõ já naõ podia ſubſiſtir junta por falta de viveres, e forragens; ella determinou, que o meſmo dia, em que acabava o anno, coroaſſe a ſua empreza com hum aſſalto geral por todos os flancos dos baluartes, a que naõ podería reſiſtir a guarniçaõ empenhada em tantos lugares. Enganou-os a confiança, quando em todos elles ſe encontráraõ com montanhas de conſtancia, a que nada abalava a firmeza. O Governador, que temia

Era vulg. mia poder ſer entrado, como ſe elle ſe reproduziſſe, em todas as partes apparecia animando a gente, já com façanhas elegantes, já com vozes vivas. Os Fidalgos ſem mais lembranças, que as da honra, eſtimando-ſe para os perigos homens communs, pareciaõ leões, que ſe lançavaõ famintos ás prezas, aonde ellas com mais corage reſiſtiaõ. O menor dos ſoldados ſe diſtinguia de huma maneira taõ intrépida, que os Mouros naõ podendo ſoffrer o fogo, e o ferro, a fereza, e o ardor, os golpes, e a mortandade, levantáraõ o ſitio, e foraõ pela Africa derrramando o terror ſó com repetirem o nome de Nuno Fernandes de Ataide.

Da inacçaõ repentina, do ſilencio profundo dos inimigos inferio eſte Chéfe, que elles ſe queriaõ aproveitar da noite para a retirada. Occupado deſta idéa, ſahio da Praça na téſta de quatrocentos cavallos, e cem infantes para obſervar os movimentos do campo, e ſe o viſſe em marcha picar-lhe a reta-guarda. Elle o conſeguio com vantagem, matando muitos, fazendo bom

nú-

número de prisioneiros; mas para naõ ficar opprimido de tanta multidaõ, naõ quiz alongar-se de Çafim, por naõ impossibilitar a retirada. Já nos primeiros dias de Janeiro de 1511, informado de que algumas das trópas tinhaõ tomado quartéis pelos Aduares visinhos a Almedina; elle, e Manoel de Noronha, irmaõ de Simaõ Gonçalves da Camara, em duas occasiões as foraõ atacar, e as diminuíraõ com grande número de mórtos, e captivos. Mas suspendendo agora o estrondo da guerra de Africa para o renovarmos no seu tempo proprio, passemos a ouvir na India o que se anima com o brado do grande Affonso de Albuquerque. Era vulg.

CA-

CAPITULO II.

Trataõ-ſe as expedições de Affonſo de Albuquerque na India depois da perda de Goa até a reconquiſta da meſma Cidade.

Era vulg. NÓS deixamos dito antecedentemente, como o Governador Affonſo de Albuquerque, retirando-ſe de Goa com a ſua Armada, encontrára no Cabo de Rama a Diogo Mendes de Vaſconcellos com as quatro náos vindas do Reino deſtinadas á empreza de Malaca, e com a do Capitaõ Franciſco Marecos pertencente á Eſquadra do Marechal D. Fernando Coutinho, que invernára em Moçambique. Diogo Mendes ſeguio ao Governador até Angediva; e elle com a reuniaõ deſta Fróta, conſiderando-ſe em eſtado de emprehender no Veraõ a reſtauraçaõ de Goa, de que dependia a conſervaçaõ da India; repreſentou a Diogo Mendes que naõ obſtante lhe ordenar El-Rei, que o reforçaſſe para a expediçaõ de Mala-

laca, eſta ſe podia differir para ambos unidos intentarem primeiro a de Goa, que era muito mais importante. Diogo Mendes quiz ouvir o parecer dos ſeus Capitães, que ſe conformáraõ com o do Albuquerque. Era vulg.

Tomada eſta reſoluçaõ, meſmo de Angediva deſpedio elle a Francilco Pantoja com a ſua náo carregada de mantimentos para Çocotorá, com ordem de dizer a D. Antonio de Noronha, Capitaõ deſta Fortaleza, que logo ſe recolheſſe para a India; e a Duarte de Lémos, que o deſculpaſſe por naõ haver differido aos ſeus requerimentos, em razaõ dos embaraços, que lhe carretáraõ os negocios de Goa. Immediatamente ſe fez a Armada á véla para Cananor. O noſſo amigo Timoja a eſperava em Onor com hum grande refreſco, que lhe foi bem compenſado com a carta honrada, amigavel, e officioſa do Rei D. Manoel, que Diogo Mendes lhe entregou. Timoja tranſportado de goſto, eſtimando-a como couſa ſagrada, proteſtou ſobre ella, que o reſto da ſua vida ſería hum acto

con-

Era vulg. contínuo de reconhecimento no serviço de taõ grande Rei. Depois de chegar a Cananor, o Albuquerque naõ perdeo instantes nas disposições para a execuçaõ das idéas, que tinha concebido.

Elle despedio a Simaõ Martins Caldeira com tres náos para impedir na barra de Calecut a sahida das de Meca, e a Garcia de Sousa com outras tres para cruzar na mesma cósta. Diogo Mendes foi encarregado de andar com a sua Esquadra do monte de Delli até Baticalá para dar caça ás náos, que sahissem de Goa, e Gaspar de Payva com tres para observar o que se passava nesta Cidade. Quando o Albuquerque se occupava nestas disposições, foi avisado como nosso fiel amigo Trimumpara, Rei de Cochim, era morto no seu Turcol, aonde passára o resto da vida occupado no serviço dos Deoses. Seu sobrinho Naubeador, tambem nosso alliado, reinava por elle a prejuizo do legitimo Principe de Cochim, seu irmaõ mais velho, por seguir o partido, e se allistar no serviço do Rei de Calecut no tempo das guerras de Trimumpara:

in-

infidelidade, que o inhabilitou para a successaõ do Reino, que lhe tocava. Era huma das Leis fundamentaes delle bem rigorosa, que quando algum Rei se retirasse a viver solitario no Turcol, em este fallecendo, o Principe, que reinasse ao tempo da sua mórte, abdicaria o Reino para ir occupar a sua praça: lei, que naõ podia deixar de subprender aos Portuguezes, vendo que a Coroa de Cochim pela abdicaçaõ de Naubeador, hia recahir em hum Principe faccionario de Calecut, todo abandonado aos seus interesses. Era vulg.

Com as forças de ambos os Reinos se movia o Principe de Cochim para dethronar ao Reinante, e o arrojar ao Turcol sem vontade de viver na santidade imaginada. O Governador, que naõ podia deixar de olhar a elevaçaõ, e conservaçaõ de Naubeador no seu Reino, como obra da protecçaõ do Rei D. Manoel; a sua installaçaõ sobre o Throno, como huma acçaõ digna da corage do Albuquerque; elle se apresenta em Cochim com huma Esquadra numerosa para fazer valer o direito das ar-

Era vulg. armas sobre o da Lei fundamental do Reino. Bastou ouvir-se o nome do Albuquerque para o Principe, e os seus alliados suspenderem os projectos, e ficar vasia no Turcol a praça de Trimumpara. He verdade, que os grandes desejos da expediçaõ de Goa obrigáraõ o Governador a retirar-se de Cochim antes de tempo, e voltar a Cananor; mas deixando as ordens mais precisas a Nuno Vaz de Castello Branco, e a Lourenço Moreno para sustentarem os interesses de Naubeador, como dos mais importantes á reputaçaõ do Rei D. Manoel.

Aproveitou-se o Principe da ausencia do Albuquerque para entrar em Cochim com hum Exercito numeroso. Castello Branco, e Moreno lhe apresentáraõ batalha, que o Principe naõ pode recusar pelo excessivo poder, pelo ardor dos soldados, pela situaçaõ, em que se achava. Ella foi huma das mais disputadas, em que a fortuna, a multidaõ, o furor nos mostráraõ semblantes tristes; mas a tudo superior a corage Portugueza, generosamente estimu-

mulada, fez nos inimigos tal destro- *Era vulg.*
ço, que perdidos os alentos, se pozéraõ em fugida vergonhosa, taõ esquecidos da segurança do Principe, que elle só a si se deveo escapar da mórte, ou da prizaõ. O écco desta victoria, que soou por todos os Reinos daquelle continente, naõ só firmou no Throno a Naubeador, mas tirou a esperança ao Principe de já mais reinar em Cochim, sem meios de outra subsistencia, que de continuar no serviço do Rei de Calecut.

Outro ruido, que punha em suspençaõ parte da Asia, eraõ os aprestos marciaes, que o Albuquerque fazia em Cananor. Chegáraõ elles aos ouvidos do Rei de Cambaya, e o obrigáraõ mandar á mesma Praça hum Plenipotenciario para lhe representar da sua parte: Que sendo voz pública, como elle preparava huma Armada para navegar ao Golfo da Arabia, lhe pedia que na passagem quizesse vir a hum dos seus pórtos, aonde ambos podessem formar os Artigos de huma paz duravel. O mesmo Ministro levava cartas

pa-

Era vulg. para o Governador de cincoenta Portuguezes do naufragio de D. Affonſo de Noronha, que eſtavaõ captivos em Cambaya. Sobre a ſua liberdade lançou o Governador as primeiras linhas para os preliminares, e o Miniſtro lhe aſſegurou as boas intenções de ſeu Amo a eſte reſpeito. Elle ſe recolheo ſatisfeito por todo o genero de honras, que lhe foraõ acceitaveis pela delicadeza: firme na promeſſa, de que na primeira occaſiaõ ſe concluiría a alliança, que já ficava em tanto vigor, como ſe o Tratado eſtiveſſe aſſignado.

No principio de Novembro já o Governador tinha prompta para a expediçaõ de Goa huma Armada de trinta, e quatro náos, em que embarcáraõ 1500 Portuguezes, e 300 Malabares. Chegado a Onor, quiz o Albuquerque authoriſar as vodas de Timoja, que ſe recebeo com huma filha da Rainha de Gozompa; aſſiſtindo lhe com toda a Nobreza luminoſa, e brilhante. Aqui o informou eſte amigo fiel, como o Hidalcaõ, depois que reſtaurára Goa, lhe reforçára as obras ex-

exteriores, lhe profundára os fossos, Era vulg.
reparára as muralhas, augmentára a artelharia, e lhe mettêra huma guarniçaõ de nove mil homens a maior parte Turcos. Naõ servíraõ estes maiores embaraços de obstaculo ás nossas resoluções. Fez-se Conselho de guerra, e nelle ficou determinado, que Timoja passaria da Terra firme para a Iha de Goa; que tres navios seus se uniríaõ á nossa Armada; e que Medio Rao, seu Capitaõ valente, e honrado, iría lançar ferro dentro da barra defronte de Banganim.

Este Official, considerando-se Chéfe estimado, revestio o espirito de tal fereza, que se lançou intrépido sobre Pangim, e a guarniçaõ, que defendia este porto, naõ podendo sopportar-lhe os golpes, occupada de terror abandonou o posto, e se refugiou na Cidade. O Governador, que destinára o dia 25 de Novembro para dar a Goa o primeiro assalto; para fatigar a guarniçaõ com o desvélo da noite antecedente, mandou que as galéz, e huma náo em toda ella naõ cessassem de lhe fazer fogo. Duas horas antes de amanhecer es-

Era vulg. eſtava prompta nos batéis a gente deſtinada para o ataque, que chegou a terra no ſilencio mais profundo. O Governador, que ſe encarregou do avance pela porta chamada depois dos Bacharéis, levava em hum Eſquadraõ 500 Portuguezes, e os 300 Malabares de Cananor com parte dos noſſos Capitães. Sobre outro lado do muro haviaõ marchar com 300 homens os dous irmãos D. Jeronymo, e D. Joaõ de Lima, Diogo Fernandes de Béja, e outros. No meio deſtes dous córpos haviaõ mover-ſe para hum ataque particular 200 ſoldados ás ordens de Diogo Mendes de Vaſconcellos, de Gaſpar de Payva, de Ruy de Brito Patalim, de Nuno Vaz de Caſtello Branco com varios Officiaes de conhecido valor. Para atacarem o lanço até ao eſteiro chamado de Timoja, foraõ deſtinados 300 homens, que mandavaõ os dous irmãos Simaõ, e Fernando Peres de Andrade, com Ayres da Silva, Manoel da Cunha, e Antonio Rapoſo.

Ao romper o dia marcháraõ eſtes córpos ao meſmo tempo para os luga-

res

res dos ſeus reſpectivos ataques. De nada importou a reſiſtencia valeroſa, a innundaçaõ de fogo, o diluvio de ballas, que os inimigos arrojavaõ, para elles deixarem pouco a pouco de ir ganhando terreno. Á porta, que hoje dizemos de Santa Catharina, eſtava hum bravo Capitaõ Mouro com grande número de gente para fazer deſtacamentos aos lugares mais apertados. Vendo elle a audacia façanhoſa, com que os Portuguezes ſe lançavaõ aos póſtos de mais reſiſtencia; mandou ſahir dos muros a ſua trópa para ſuſpender a furia dos noſſos repelões. Entaõ foi o combate de deſeſperaçaõ; mas conſeguindo todos os noſſos córpos ganhar as eſtancias, ſobre que cada hum delles contendia, os inimigos cortados do ferro, e do medo, ſe foraõ retirando circunſpectos. Era vulg.

Pelas portas, que ſe abríraõ para receber os fugitivos das obras exteriores perdidas, quizeramos nós entrar de tropel com elles. Os de dentro as fechavaõ, quando chegava Diniz Fernandes de Mello, que intentou impe-

Era vulg. dillo mettendo-lhe a lança foccorrido por Diogo Fernandes de Béja, que accodio para o ajudar a fuftentalla, naõ fuccedeffe os inimigos arrancar-lha das mãos, e cerrarem a pórta. Nefta contenda de a abrir, e a fechar, viaõ os noffos, que fe a abriaõ, ficava franco o primeiro paffo para a victoria; os contrarios, que fe a fechavaõ, tinhaõ conftante a efperança da defenfa. Concorriaõ os noffos para a metterem dentro; o bravo Mouro, que eu diffe, fe esforçava para repellir os impulsos. Em fim treze Portuguezes impavidos a mettêraõ dentro, entráraõ, foraõ carregando os inimigos, e nós naõ lhes faremos a injúria de deixar no efquecimento os feus nomes, dignos de glória immortal. O primeiro, que rompeo efta porta de Santa Catharina, foi Frederico Fernandes feguido de Diniz Fernandes de Mello, de Diogo Fernandes de Béja, de D. Jeronymo de Lima, de Vafco Fernandes, de Antonio Vogado, de Pedro Gomes de Lemy, de João Lopes de Alvim, de Antonio de Soufa, de Gafpar Caõ, de Simaõ Velho,

lho, de Alvaro Gomes, e de Francisco Coelho de Viseo. Era vulg.

Grande foi o perigo destes treze homens, insultados por huma quantidade de inimigos, que os cobriaõ de huma nuvem de armas de arremeço despedidas das ruas, das janellas, e dos tectos das casas. Elles estavaõ nos termos de perder a grande vantagem ganhada, senaõ fossem soccorridos com alguma gente por Ayres da Silva, Mendo Affonso de Tangere, Fernaõ Peres de Andrade, Manoel da Cunha, Gaspar de Payva, e outros, que reforçáraõ o combate, e mettêraõ aos inimigos em desordem. Dos nossos se avançáraõ vinte com temeridade a perseguir muitos, que hiaõ a refugiar-se no Palacio do Hidalcaõ; mas vendo os poucos, que os seguiaõ, fizéraõ maõ baixa sobre elles, matáraõ a Vasco da Fonseca, a Cosme Coelho, e D. Jeronymo de Lima foi jarretado de golpes, de que cahio esmaiado. A este espectaculo todos os mais voltavaõ cáras, quando chegavaõ Ayres da Silva, e Mendo Affonso, que com as vozes, mais com o

Era vulg. exemplo animáraõ os camaradas para levarem os Barbaros a golpes, até os metterem pelas eſcadas do Paço, que elles buſcavaõ para ultimo aſylo.

Alguns dos Portuguezes, já derramados por toda a Cidade, accodiraõ ao eſtrondo deſte choque, ſendo o primeiro D. Joaõ de Lima, que encontrando a ſeu irmaõ D. Jeronymo no eſtado triſte, que fica dito, já lutando com a ultima agonia, o amor fraternal o fez parar ſentido, deſejoſo de ſoccorrello. Mas o eſpirito de D. Jeronymo, ainda naquella hora occupado dos ſentimentos da honra, lhe diſſe com vozes languidas: Que vos detendes? Marchai avante, que ſemelhante occaſiaõ nada a perturba: eu morro no meu officio; vós continuai no voſſo. Aſſim o fez D. Joaõ, que em hum grande largo junto ao Palacio vio deſeſperada a peleija, os noſſos poucos rodeados de muitas trópas de cavallo, e pelotões de Infantaria, perdida a eſperança de refugio, quaſi entregues nas mãos da mórte. A eſte aperto accodio com a ſua gente Diogo Mendes

de

de Vaſconcellos, que havendo por outra parte entrado na Cidade, foi levando diante de ſi os inimigos deſpedaçados a cutiladas, até chegar ao terreiro do Paço. Era vulg.

Já alguns dos noſſos levavaõ parte dos Barbaros de tropel pelas ſuas eſcadas, quando a Manoel de la Cerda lhe mettêraõ no roſto hum ferro de lança com hum pedaço da haſte, que delle ficou pendente. Eſta viſta gentil, e a formidavel de hum Ethiope monſtruoſo, que montado a cavallo ſuſtentava a refrega com ardor incrivel, enfureceo aos Portuguezes, que ſe lançáraõ a elle, e o deitáraõ em terra morto. Hum criado do la Cerda pegou do cavallo, e o offereceo a ſeu Amo, que montou nelle com o ferro pregado na cara, taõ inſenſivel á dôr, e á perda do ſangue, que ſe lançou ao combate com a vivacidade de quem com forças inteiras começava a peleija. Os Barbaros perdêraõ nella os eſpiritos com a mórte do Ethiope, com a de muitos dos ſeus camaradas feitos em póſtas: terror, que naõ ſó os pôz em fugida

pre-

Era vulg. precipitada, mas tirou a outros o acordo para naõ sentirem, que se arrojavaõ dos muros para rebentarem na quéda.

Em quanto estas cousas succediaõ na Cidade, o Governador, que havia desembarcado mais longe, e teve de sobir huma ladeira atropelando montes de perigos, depois de se mandar informar por Simaõ Martins da origem do grande estrondo, que ouvia ás portas de Santa Catharina, elle se avançou para a rua dos Bacharéis. Neste passo o obrigou a fazer alto huma multidaõ de Mouros formados, que se vinhaõ retirando, e encontrando este novo tropeço, determináraõ vender cáras as vidas. O Governador se lançou a elles com o impeto da corrente, que tudo leva diante. A restistencia dos Barbaros foi heróica; mas morta a maior parte, o resto posto em fugida, entrou o Governador na Cidade pela porta dos Bacharéis, e degollados da guarniçaõ tres mil homens, o grande Affonso de Albuquerque rendeo Goa.

A sua primeira acçaõ na entrada desta Capital foi dar as graças ao Grande Deos das

das Batalhas; e quando parecia, que conquista semelhante havia custar aos Portuguezes a melhor parte das suas trópas, nós tivemos a perda de quarenta homens mórtos, e o trabalho de curar 300 feridos. Eu naõ duvido nos prodigios, que dizem obrára o Ceo nesta occasiaõ: mas que demonstraçaõ mais evidente da presença Divina em nosso soccorro, que vermos huma Cidade magnifica taõ fortificada, defendida por armas innumeraveis, cheia de hum Povo numeroso, presidiada por nove mil homens escolhidos, que fizeraõ huma resistencia denodada, e façanhosa, no espaço breve de seis horas render-se a 1300 Portuguezes, e a 300 Malabares de Cananor, seus auxiliares? O Governador advertido, para que os soldados naõ se desmandassem, naõ esquecessem a disciplina, e com a victoria naõ se fizessem arrogantes, mandou tocar a recolher, fechar as portas, e postar córpos de guarda para depois dar as providencias á conservaçaõ da Cidade, que elle destinava para Capital do Estado Portuguez na India. Era vulg.

CA-

CAPITULO III.

Das dispozições de Affonso de Albuquerque depois da conquista de Goa, e dos successos de Africa no principio do anno de 1511.

Era vulg.

RENDIDA a Praça de Goa com tanta gloria das nossas armas, como o Albuquerque previo que ella viria a ser huma das Cidades mais consideraveis da India, nada esqueceo de quanto podesse contribuir para a sua conservação, da sórte que nós o temos experimentado pelo espaço longo de 265 annos. No mesmo dia da victoria, que se completou ás déz horas da manhã, o Governador mandou dar fogo aos arrabaldes, naõ só para poupar o número de gente, que necessitava para os guarnecer; mas pelo ter assim promettido em desaggravo á perfidia dos Canarins na guerra passada. Tomou-se conta dos despojos, que naõ foraõ muitas riquezas, pelas haverem transportado os moradores para a Terra firme. Encontramos

com

com tudo o de que tinhamos mais necessidade, que era muita artelharia, immensas armas de todos os generos, huma quantidade prodigiosa de munições de guerra, e de bocca, e huma multidaõ de navios de todas as sórtes. Era vulg.

Quando nos occupavamos nestas manobras chegou o nosso amigo Timoja, que nos trazia tres mil homens de soccorro; e achando tudo feito, deo desculpas taõ evidentes da causa da demora, que o Governador naõ pode deixar de reconhecer a sua sinceridade. Sem perda de tempo fez elle publicar muitos Regulamentos para a boa Economia da República, que hia a fundar. Ordenou, que professor algum da lei de Mafoma ficasse na Cidade, nem na Ilha: que poderiaõ ficar os Gentios, que quizessem, com tanto, que pagassem ao Rei D. Manoel os mesmos tributos, que delles cobrava o Hidalcaõ; e que os Mercadores, seguros na boa fé, continuassem como d'antes os seus tratos. Para que elles assim o entendessem, mandou a Fernaõ Peres de Andra-

Era vulg. drade, a Pedro da Fonſeca de Caſtro, e a Antonio de Sá, que com tres náos foſſem advertir a todas as embarcações, que encontraſſem, vieſſem com toda a ſegurança a Goa tratar do ſeu Commercio.

Deo o governo da Cidade a Rodrigo Rebello, e porque com eſta promoçaõ vagava o de Cananor, elle o proveo em Manoel da Cunha, filho de Triſtaõ da Cunha, que partio logo a encarregar-ſe delle, e a apreſtar as couſas neceſſarias á Armada, com que Diogo Mendes de Vaſconcellos havia ir a Malaca. Deſpedio a Jorge Botelho, e a Simaõ Affonſo Biſagudo para irem cruzar na barra de Calecut; fazendo eſtes Capitães, e os nomeados a cima, várias prezas importantes pelos lugares dos ſeus deſtinos. Dadas eſtas providencias aos negocios de fóra, o Governador politico, e ſoldado, advertio que a vantagem da ſua conquiſta obrigaria Póvos menos guerreiros, que os Portuguezes, a nada perdoarem para reduzirem Goa ao eſtado de huma das mais fórtes Praças, e de huma das Ci-

da-

dades mais soberbas do Universo. A constancia desta idéa o obrigou a escogitar arbitrios, que lhe correspondessem, ainda que encontrada aos sentimentos do seu predecessor o Vice-Rei D. Francisco de Almeida, que naõ queria firmar o estabelecimento dos Portuguezes na India no dominio de Praças, senaõ na superioridade sobre os mares. Era vulg.

Para formar huma Colonia de vassallos fiéis, ligados com os vinculos de huma mesma communhaõ, o Albuquerque depois de fazer baptizar as Gentias, que captivou agora, e que prendeo na primeira tomada de Goa, casou a todas com Portuguezes; repartindo por cada casal fundos de terra para a sua subsistencia. Na noite das vodas succedeo, que o tumulto fosse causa de alguns dos maridos trocarem as mulheres. Quando amanheceo conhecêraõ o engano, desfizéraõ o cambio, e se contentáraõ, com que o negocio da honra ficasse hum por outro. Para confortar os espiritos com a glória da reputaçaõ, ordenou se levantasse hum grande cunhal, aonde fez abrir os no-

mes

Era vulg. mes dos que mais ſe deſtinguíraõ na tomada da Cidade. Como os genios Portuguezes naõ ſaõ capazes deſtas excepções, todos os que naõ víraõ os ſeus nomes gravados na Pyramide, entráraõ a comover-ſe. O Albuquerque prudente, para os ſocegar, mandou que aquella face da pedra ſe eſcondeſſe no angulo de huma parede; e que na contraria ſe gravaſſem as palavras da Eſcritura: *Lapidem quem reprobaverunt ædificantes, hic factus eſt in caput anguli.*

Ao meſmo tempo ordenou, que todos os Pagodes do rito gentilico, e as Meſquitas do Mahometano foſſem arrazados, e que os materiaes ſerviſſem nas obras da fortificaçaõ. Entaõ principiou a época feliz da magnificencia de Goa, pouco depois naõ ſatisfeitos os ſeus moradores ſó com edificarem na Cidade caſas brilhantes; mas pela campanha, e pelas margens do rio Palacios ſoberbos: tudo demonſtrações das riquezas monſtruoſas, que no meſmo tempo ſe tiravaõ da Cultura, e do Commercio. Tantos ſucceſſos felices pelo curſo das idades animados em Goa, como

mo no centro do noſſo poder em Aſia, Era vulg.
tem juſtificado bem as Máximas entaõ reprovadas do grande Albuquerque pela emulaçaõ dos invejoſos, e já mais ſe arrependêraõ os Portuguezes, que depois ſeguíraõ os ſeus regulamentos. Com eſtes ſucceſſos damos fim aos do anno de 1510, e na entrada do de 1511 nos fornece materia para a Hiſtoria a continuaçaõ das gentilezas de Nuno Fernandes de Ataide.

Eſte Commandante depois de fazer 1511
levantar o ſitio de Çafim no ultimo de Dezembro, de ter picado a reta-guarda do Exercito dos Mouros; nos primeiros dias de Janeiro ſahio a inveſtir os lugares junto a Almedina, aonde Manoel de Noronha, que ſe arriſcou a perder-ſe, fez nos Barbaros o eſtrago, que fica referido. Entre outras expedições menos conſideraveis deſte Chéfe, que baſtáraõ para ſe eſtabelecerem gróſſos tributos por huma vaſta extenſaõ de terreno dos Reinos de Féz, e de Marrocos, foi muito importante a dos Aduares ao lado de Conte, que elle ſubprendeo na frente de 460 caval-

Era vulg. los, e de 500 Infantes. Os Aduares amigos, que ficavaõ ſobre a marcha, lhe ſahiaõ ao caminho a implorar a ſua clemencia. Nos contrarios, aonde levava o deſtino, elle por hum lado, e pelo outro o ſeu Adail Lopo Barriga, deſcarregáraõ golpes taõ pezados, que paſſados á eſpada 300 no primeiro repelaõ, 600 ſubmettêraõ a liberdade. No deſpojo de 300 camellos, e cavallos, de mil bois, e de 50000 cabeças de gado miudo ſe eſcolheo a quantidade, que ſe podia conduzir.

Acabada a refrega appareceo no campo o noſſo fiel alliado Abentafut, que veio ſentir-ſe ao Ataide de naõ o querer occupar neſta empreza, ſendo elle noſſo Capitaõ do Campo. O Chéfe o tratou com as demonſtraçóes do maior agrado, e o Mouro proteſtou que elle preferia a fidelidade de ſubmetter aquellas Comarcas á obediencia do Rei D. Manoel ſobre quantos intereſſes lhe tinhaõ mandado propôr os Soberanos de Fez, de Marocos, de Sus, e de Hehaõ: fiidelidade, de que elle continuou a dar as próvas

mais

mais constantes. Deste modo tratava- Era vulg.
mos em Çafim os negocios militares, sem interrupçaõ alguma do Commercio, depois que Nuno Fernandes de Ataide lhe permitio a abertura. Na campanha se degollavaõ os homens; mas na Praça entravaõ, e sahiaõ livremente a commercio franco com os generos mais preciosos os Mercadores Mouros, e Judeos com huma segurança pasmosa na simples palavra do Commandante.

E para deixarmos aqui referidos os successos de Africa neste anno, devo lembrar a respeito da sua conquista o Tratado de limites, que El-Rei D. Manoel celebrou com a Rainha D. Joanna de Castella, no qual ficou na nossa demarcaçaõ o Reino de Féz. Agora que Fernando o Catholico governava por sua filha, succedeo fugir-lhe de Castella para aquelle Reino hum Fidalgo, que chamavaõ D. Pedro, o Bastardo. Este homem culpado, cahido da graça do seu Rei, de condiçaõ intrigante, desejoso de applacar a cólera do Soberano, fiado na grande amizade de Ale-

Bar-

Era vulg. Barraxe, Mouro poderoſo, e Governador de huma Praça de Berberia, naõ penſa menos, que em ſubmetter a Fernando o Reino de Féz, liſonjeando a Barraxe com o nome de Rei tributario do de Caſtella. Goſtou o Barbaro da doçura do nome, e diſpôz por ſeu meio, que Fernando deixaſſe vir D. Pedro a Heſpanha para tratar com elle negocios de importancia.

Taõ bem ouvida foi a propoſta pelo Rei de Caſtella, que no meſmo inſtante eſqueceo o tratado freſco, as razões do ſangue, a obrigaçaõ de amigo; em fim as Razões de Eſtado, as do intereſſe fizéraõ bem os ſeus officios nos annos velhos do Rei Catholico. Voltou D. Pedro a Africa com a acceitaçaõ do convite, e para dar huma tintura groſſeira á perfidia, que contra nós maquinava, veio a ſer noſſo hoſpede em Alcacer-Ceguer. Rodrigo de Souſa, que a governava, e que com o eſpirito de penetraçaõ, de que era dotado, obſervava em D. Pedro a irregularidade dos diſcurſos, e as anfibologias nas palavras; entreteve-o alguns dias,

dias, até que pode haver cartas, que D. Fernando escrevia a Barraxe, de que tirou cópias, que mandou a D. Manoel, logo que o Castelhano sahio de Alcacer. Subprendeo-se El-Rei com as idéas deste attentado de seu Sogro, que se conformava á vista da numerosa Armada, que se preparava em Malaga. Era vulg.

Quando de huma parte se faziaõ queixas por hum tom, que pareciaõ mysterios, e da outra se davaõ negações frias, que manifestavaõ a duplicidade; o Papa Julio II. representou ao Rei D. Fernando, que contra elle se ligavaõ Luiz XII. de França, e os Venezianos, que o soccorresse para cobrirem o Reino de Napoles ás invasões de tantos inimigos. Fataes foraõ estes officios aos projectos concebidos sobre Féz, que deviaõ ficar preteridos á vista da conservaçaõ de Napoles. Como a occasiaõ punha a D. Fernando em maior necessidade de cobrir os designios tratados com Barraxe, elle entendeo, que o conseguia convidando a D. Manoel para entrar na Liga contra França, e Veneza. El-Rei, naõ só se fez

Era vulg. desentendido ás propostas dos Embaixadores de Castella; mas mandou fornecer de viveres, e munições a seis galéz Francezas, que entrárao em Lisbóa, com sentimento profundo de D. Fernando. Finalmente, como esta guerra na Europa embaraçou a expedição de Africa, D. Fernando já mais a lembrou, D. Manoel nunca mais a sentio.

Antes destas cousas succederem em Africa, e no tempo em que ellas aconteciaõ, Duarte de Lemos, que como fica dito, se encarregou do Commandamento da Esquadra destinada para o Cabo de Guardafú, quando em Moçambique soube do naufragio, e da mórte de seu tio Jorge de Aguiar; elle chegou a Ormuz, e naõ podendo conseguir do Rei Ceifadim, e de Cogeatar concluir a Fortaleza, que o Albuquerque principiára, contentou-se de estar com elles em paz, sem obrar por aquellas partes nada de memoravel. De Ormuz foi a Mascate, e por enfermar gravemente em Çocotorá, se fez levar a Melinde, aonde recobrou a saude. Elle avisou ao Albuquerque por Vasco

da Silveira da repugnancia, que encontrára em Ormuz para a continuaçaõ da obra da Fortaleza: repugnancia, que naõ podéra desfazer pela desproporçaõ das suas forças, que pedia lhe augmentasse com soccorros effectivos. Duvidou o Albuquerque fazello com o pretexto do embaraço dos negocios de Calecut; mas assegurando naõ tardaria em se lhe unir para ambos irem á Arabia atacar huma Armada, que se dizia aprestava o Soldaõ do Egypto para invadir a India. Era vulg

Como este rumor foi falso, e o Albuquerque o em que cuidava entaõ era a conquista de Goa; D. Affonso de Noronha, que estava provido na Fortaleza de Cananor, e Francisco Pereira de Berredo embarcáraõ na náo de Antaõ Nogueira para a India. Na viagem aprezáraõ elles huma grande náo de Cambaya carregada de mercadorias preciosas; mas sobrevindo huma tormenta, esta náo foi varar na Cósta de Dabul, e ficou a sua guarniçaõ prisioneira do Hidalcaõ. A de Antaõ Nogueira correndo com o mesmo tempo, quiz to-

Era vulg. mar o porto de Damaõ pertencente a Cambaya, aonde naufragou. D. Affonso de Noronha, que se lançou ao mar para se salvar nadando, perdeo a vida. Nos fragmentos da náo escapáraõ 50, que saõ aquelles, que nós dissemos escrevêraõ ao Albuquerque sobre o seu resgate pelo Embaixador de Cambaya, que da parte de seu Amo lhe foi offerecer a paz a Cananor, quando elle se preparava para a segunda jornada de Goa.

Reparou Francisco Pantoja parte desta perda, tomando outra náo de Cambaya muito mais importante, que a primeira, mandada por Alecaõ, parente do Rei Mamud, a qual conduzio a Çocotorá. A quem havia pertencer esta preza, se ao Governador da India, se a Duarte de Lemos por ser feita no destricto da sua jurisdicçaõ, isso foi assumpto de huma disputa entre elle, e Francisco Pantoja. Pouco depois veio Duarte de Lemos para Cananor, aonde foi recebido do Albuquerque com demonstrações delicadas de verdadeira amizade, que lhe protesta-

tava o quanto sería completa a sua sa- Era vulg.
satisfaçaõ, se hum Capitaõ de tanto merecimento, como era o seu, quizesse acompanhallo na jornada de Goa, para onde estava a partir.

Muito longe do coraçaõ sincero do Albuquerque estava o dobrado de Duarte de Lemos. Huma inimizade occulta, que o arrastava, naõ só o fez escusar-se áquelle honrado convite; naõ só o induzia a deprimir com os seus amigos as acções mais bellas do Albuquerque; mas ainda depois de restaurada Goa com tanta glória, elle naõ podia conter-se sem declamar, que huma acçaõ sem consequencias custára a vida aos mais bravos Portuguezes: que deixára exhauridos os Erarios Reaes: que naõ podia conter o gosto de se escusar a huma empreza, que sería a causa da nossa ruina: que as acções do Albuquerque eraõ indignas de hum homem de guerra; e que nellas mais se descobria de felicidade, e de fortuna, que de prudencia, e de valor.

Se o Albuquerque fosse outro homem, estas calúmnias eraõ bem capa-

zes

Era vulg. zes de o chegarem ás ultimas extremidades. Com tudo, elle soffreo, e callou para naõ confrontar o seu caracter sabio, e valeroso com o indiscreto, e temerario de Duarte de Lemos. Quando esta emulaçaõ estava no maior vigor, sem que alguem o pensasse, elle recebeo ordem da Corte, para que com a sua náo se recolhesse logo ao Reino, e unisse as mais á Armada do Governador. Tudo ficou em socego, e elle expedito para tratar com o Rei de Cambaya o cambio dos 50 Portuguezes pelos seus vassallos, que captivára Francisco Pantoja. Usando porém de hum impeto de generosidade, sem esperar a resposta do Rei Mamud, lhe mandou livre a seu parente Aleeaõ: generosidade a que correspondeo o Principe enviando-lhe soltos a Diogo Correa, e a Francisco Pereira com os mais captivos.

CA-

CAPITULO IV.

O Governador da India, depois de dar em Goa as ultimas providencias, de concluir a controversia com o Vasconcellos, parte para a conquista de Malaca.

O ESTRONDO da conquista de Goa, como adquirio para o Albuquerque huma grande reputaçaõ, elle entrou a receber as honras devidas a hum Conquistador. Concorrêraõ logo a pagar os feudos os Ministros dos Principes tributarios, que eraõ o Rei de Baticalla, e o Principe de Chaul. Para se congratularem com o Albuquerque da victoria, viéraõ da parte de seus Amos Embaixadores dos Reis de Narsinga, de Cambaya, de Calecut, de Vengapor, de Onor, e de outros muitos, que com as suas comitivas brilhantes engrossáraõ a Corte do Governador, como huma das dos maiores Principes. Por outra parte as familias dos recemcasados, a quantidade de moradores, **Era vulg.**

a

Era vulg. a frequencia das Nações, tudo concorria para Goa parecer huma Cidade luminosa. O Governador entretinha com politica assim os Ministros públicos, como as pessoas particulares para serem testemunhas das dispozições bellicas, e civís, com que elle regulava ambas as Economias da Cidade para a fazer hum Emporio, que elles fossem acclamando pela Asia respeitavel.

Ao contrario o Hidalcaõ naõ podia soffrer a fidelidade do competidor da sua fortuna, e conveio em quantas invectivas lhe propunhaõ os seus Generaes para a restauraçaõ de tamanha perda. Elles se nos deixavaõ vêr muitas vezes nas immediações da Ilha com semblantes de assustar; mas todas as suas tentativas serviaõ de nos firmar o crédito, de confirmar o nosso poder em Goa, de sobirem a alto tom a reputaçaõ do Albuquerque, tanto mais sublime, quanto mais atacada.

Este Chéfe incançavel, ao mesmo tempo que se occupava em tantos nego-

cios

cios sérios, elle hia engrossando a Armada para combater a do Soldaõ nos mesmos pórtos da Arabia: elle despedio com tres náos a Diogo Fernandes de Béja para navegar a Çocotorá, receber nellas a guarniçaõ, e arrazar a Fortaleza, como Praça indifferente, inutil ao serviço do Rei: elle aconselhou prudente a Diogo Mendes de Vasconcellos, que lhe pedia reforços para ir sobre Malaca, suspendesse hum projecto, que era taõ difficultoso como o da conquista de Goa, e necessitava de huma Fróta, como entaõ naõ era possivel fornecer-lhe; que se unido com elle participára da glória daquella conquista; agora, sem se separar da mesma uniaõ, fosse adquirir outra semelhante no ataque da Armada do Soldaõ, para marchar da Arabia para Portugal coberto de honra. Era vulg.

Oppôz-se o Vasconcellos, naõ só aos verdadeiros sentimentos do Albuquerque; mas á resoluçaõ bem ponderada no Conselho da India. Irritado contra ella até se tomar do furor, rompeo com o Albuquerque todas as medi-

Era vulg. didas: clamava, que elle se oppunha ás Ordens Reaes na negaçaõ dos soccorros, com que elle queria ir vingar a honra do seu Principe; que elle a pezar de todos os obstaculos, havia antes acabar na observancia do regimento, que se lhe déra em Lisboa, do que contravillo condescendendo aos sentimentos teimosos do Governador. Observou este, que todas as manobras do Vasconcellos o precipitavaõ; e contra elle, e os seus Officiaes mandou deitar hum bando com pena de degredo, e de confiscaçaõ de bens, se sahissem do porto sem licença sua; fulminando aos Pilotos, e Mestres com sentença de morte por castigo da desobediencia.

Nada refreia hum espirito altivo, quando concebe por affronta ceder dos primeiros designios. O effeito, que a ordenaçaõ do Governador produzio em Diogo Mendes, foi esperar huma noite escura com vento favoravel, e seguido dos seus Capitães, botar barra fóra. Esta noticia subprendeo, indignou ao Governador, que naõ podia deixar de sentir o abatimento da sua authori-

da-

dade á viſta do deſprezo formal, que Diogo Mendes lhe fazia. Elle manda a algumas galéz, e náos, que o ſigaõ, com ordem de o reconduzir ao porto, e que ſenaõ o quizeſſe fazer, o meteſſem no fundo. Foi preciſo hum principio de combate, huma balla deſarvorar a verga grande da náo, outra matar dous marinheiros para Diogo Mendes amainar. Todos prezos, entráraõ pela barra de Goa, aonde logo ſe ajuntou o Conſelho para deliberar ſobre hum caſo taõ inſolito. Era vulg.

Era neceſſario dar hum exemplo, que nas trópas conſervaſſe a diſciplina; formar proceſſo da contravençaõ ás ordens do primeiro Chéfe, e ſobre a evaſaõ furtiva, que Diogo Mendes fizéra do porto. Elle foi ſentenciado em degredo para o Reino, e que em quanto naõ partia, eſtiveſſe prezo no Caſtello de Goa. Outro Acordaõ ſemelhante ſe lavrou contra o Capitaõ Pedro Quareſma, que ſem embargo de ficar no rio, naõ deſcobrio a conjuraçaõ ao Governador. Jeronymo Cerniche, que a aconſelhou, e a promoveo, foi julgado

Era vulg. do merecedor de se lhe cortar a cabeça, os Pilotos, e Mestres de serem enforcados. Em dous destes se fez a execuçaõ nas vergas de huma das náos. Por Jeronymo Cerniche, e pelos mais Pilotos intercedéraõ os Embaixadores de Narsinga, de Cambaya, e toda a nossa Nobreza. O Governador differio promptamente a estas súpplicas, e lhes comutou em desterro a pena de mórte, degradou dos seus póstos aos Officiaes, que na primeira occasiaõ foraõ mandados para Portugal.

O Albuquerque, que vencida huma perturbaçaõ domestica, se justificava com lhe ajuntar huma façanha para avançar a reputaçaõ; deixando Goa bem presidiada, com huma Armada de vinte, e tres náos se fez á véla para o mar da Arabia. Os ventos contrarios o forçáraõ a arribar a Goa, aonde se resolveo em conselho pleno, que aquella monçaõ se aproveitasse na viagem de Malaca. Ao parecer se seguio a execuçaõ; e dando em Cochim novas providencias, que se reduzíraõ a encarregar a Duarte de Mello de Serpa a inspec-

çaõ

ção ſobre a marinha; a deixar em Cochim cinco náos commandadas por Manoel de la Cerda para na entrada do Verão fazer a guerra a Calecut, e ter cuidado na ſegurança de Goa; elle navegou para Malaca com dezoito náos, em que levava 800 Portuguezes, e 600 Indios. Era vulg.

No diſcurſo da viagem tomamos quatro navios de Cambaya muito importantes, que hião para Malaca. Depois ſobreveio hum temporal, que levou a Fróta á Ilha de Çamatra, aonde ferrou o porto de Pedir. O ſeu Rei liſongeou ao Governador, mandandolhe a bórdo nove Portuguezes, dos que Diogo Lopes de Siqueira deixára em Malaca, donde elles fugírão para ſe approveitarem da boa hoſpitalidade daquelle Principe. Entre eſtes vinha João Viegas, que lhe deo noticia da mórte executada em Bendara por querer tirar a vida ao Rei de Malaca, e que o Principe Nahodabeguea, noſſo inimigo na meſma Cidade, por complice no crime de Bendara, ſe pozera em ſeguro, fugindo para Pacem. Logo ſe fez o Go-

Era vulg. Governador na volta deſte Reino, e pedio ao ſeu Soberano lhe entregaſſe a peſſoa do Principe refugiado; o que elle prometteo fazer com promeſſas de ganhar tempo para o Principe o ter de chegar a Malaca, aviſar ao Rei da vinda do Albuquerque, e com eſte ſerviço expiar a culpa paſſada.

Mas quando a fortuna perſegue a hum infeliz, nada lhe detem os impulſos. Perto da Ilha da Polvoeira encontrou a noſſa Armada a náo, que levava a Nahodabeguea, e foi logo atacada. Eſte Principe, que ſabia havia encontrar aos Portuguezes inexoraveis, quiz antes morrer no leito da honra, que ás mãos de hum verdugo, e ſe defendeo até acabar, e com elle todos, que tiveraõ por injúria ſobreviver, quando elle morria. Os noſſos o acháraõ aberto em feridas ſem deitar huma ſó gota de ſangue a beneficio de huma pedra, que trazía, criada em hum dos animaes, a que no Reino de Siaõ chamaõ Cabrizias, que ſendo-lhe tirada ſe eſgotou em hum inſtante. Fizeraõ-ſe outras prezas, e depois appareceo a

náo

náo, que nos mares de Pacem fez desviar as nossas, por parecer, que ardia em hum incendio voraz, quando elle era fogo artificial atiçado no convéz, facil de apagar, e com que as suas gentes se escapáraõ. Dous da tripulaçaõ vieraõ na lancha a bórdo da Capitania, e pedindo licença ao Governador para fallar, lhe disséraõ: Era vulg.

Que hum Chéfe taõ magnanimo, como elle, naõ podia deixar de lhe perdoar o incendio imaginado da sua náo, quando a mandou atacar; porque a isso os obrigára o amor da vida, e da liberdade: que nella nada havia, que podesse despertar o gosto delicado de homem taõ magnifico, naõ sendo elles pyratas, nem mercadores, que levassem generos, ou tivessem feito prezas; que ao contrario, todos eraõ Fidalgos honrados do Reino de Pacem, partidarios do infeliz Sultaõ Zeinal, que fora dethronado, do Patrimonio Real, e hereditario excluido por hum usurpador violento: que elles hiaõ pedir soccorros á Ilha de Java para fazerem, que o seu Soberano legitimo remontasse o

Thro-

Era vulg. Throno dos ſeus maiores; mas que havendo tido o encontro feliz do General Portuguez, a que toda a Aſia chamava Heróe completo, elles lhe pediaõ em nome dos fiéis vaſſallos de Pacem, que para glória do Rei de Portugal, e ſua, amparaſſe com as fórças daquella Armada a hum Principe perſeguido.

O Albuquerque acceita eſta propoſta com humanidade jucunda; promette ſoccorrer o infeliz Zeinal, e emquanto elle em peſſoa naõ o hia cumprimentar, deputou a Fernando de Andrade para ir a Pacem, e o inſtruir nas intenções ſaudaveis, que elle acabava de formar a ſeu reſpeito. A relaçaõ, que mandou o Andrade do eſtado triſte, em que achou eſte Principe abatido, tocou com ſenſibilidade ao Governador, que apreſſou a partida para a conferencia com Zeinal. Eſte ſe prometteo tributario da noſſa Coroa, logo que o Albuquerque o reſtituiſſe ao Reino: empreza, que ſe havia ajuſtar em Malaca, para onde nos ſeguio Zeinal, embarcando na noſſa Capitania, ou porque

que assim se considerava mais seguro, Era vulg.
ou por naõ perder de vista os objectos
das suas esperanças.

No primeiro de Julho ancorou a Armada em Malaca no meio de muitas náos de diversas Nações, que com inquietaçaõ entráraõ a mover-se para se separarem della. O Governador sentio as consequencias deste temor panico, que teve por offensivo do seu crédito, e manda publicar que elle naõ vinha áquelle porto declarar guerra, senaõ a quem quizesse fazer-lha: advertencia, que tranquillisou a revolta, socegou os espiritos, e facilitou o trato de cinco Capitães de outras tantas náos da China, que vieraõ render-lhe os mesmos obsequios, que antes haviaõ feito no mesmo porto a Diogo Lopes de Siqueira. O Governador lhes agradeceo a civilidade com huma cêa esplendida, em que os licores da Europa serviraõ de lhes derramar nos corações jucundidades. Nós participariamos dellas pelos motivos dos cumprimentos do Rei; das desculpas da injúria feita ao Siqueira pelas sugestões de Bendara, que el-

Era vulg. le lhe caſtigára com pena de mórte; pelos deſejos vehementes, que tinha de huma paz; pela conſervaçaõ da vida de Rodrigo de Araujo, e dos mais Portuguezes, que haviaõ ficado em Malaca, ſe todas eſtas expreſsões foſſem ſincéras.

Á viſta dellas encontrou o Governador em negociaçaõ. Pedio ſe lhe reſtituiſſem os Portuguezes, e lhe foi reſpondido, que naõ o podia fazer por andarem diſperſos. Requereo lugar para a fabrica de huma Fortaleza, e deixando-o na ſua eleiçaõ, nada ſe lhe aprompta-va para ella. Ao meſmo tempo recebia elle cartas do Araujo, e noticias dos Capitães Chinas, que o aviſavaõ, de que o Rei de Malaca eſperava huma grande Fróta para vir combater a ſua; que na Praça haviaõ nove mil canhões montados com gente á proporçaõ para os ſervir; e que a guarniçaõ em grande número tudo tinha prevenido para huma vigoroſa defenſa. O Albuquerque para ſe juſtificar na face de tantas Nações, que eſtavaõ em Malaca, as inſtruio na perfidia, que lhe ma-

maquinavaõ, quando a ſua intençaõ naõ era romper o Commercio, nem inquietar a paz das Monarquias, antes ao contrario moſtrar-ſe amigo commum, e trabalhar pela concordia entre os Soberanos. O Sultaõ Zeinal, que naõ penetrava o fundo deſtas politicas, nem ſabia conhecer o meſmo que via; temeroſo de que elle vieſſe a ſer a victima da diſcordia ameaçada, huma noite fugio da náo do Governador, e foi pedir a protecçaõ do Rei de Malaca, que neceſſitava ſer protegido. Era vulg.

Já ſem eſperança de conſeguir a concordia por meio de negociações, o Governador quiz vêr ſe a lograva por effeito do medo. Antes que chegaſſem os ſoccorros, que ſe eſperavaõ na Cidade, mais juſtificada a reſoluçaõ com a fugida de Zeinal, no dia ſeguinte manda elle dar fogo ás caſas, que eſtavaõ pelas margens do mar, a tres náos de Cambaya ſurtas no porto, e principiou o terror a fazer na gente da plebe os ſeus officios. Os clamores populares conſtrangêraõ o Rei Mamud a enviarnos Rodrigo de Araujo com os mais

Era vulg. Portuguezes, que alli deixára Diogo Lopes, para fazer propoſtas de paz, pedirem a retirada das trópas de terra, e a extinçaõ do incendio. Do tom deſta linguagem entendeo o Governador a pouca firmeza dos inimigos; conveio, em que ſe apagaſſe o fogo; mas ficou bem advertido pelo Araujo, de que quanto com elle ſe uſava eraõ eſtratagemas, que o obrigavaõ a eſtar á lerta.

Eſta negociaçaõ nova com o Albuquerque foi acompanhada de huma ordem mandada intimar pelo Rei a todos os Commandantes das náos de Mercadores para naõ ſahirem do porto. Rompeo logo a voz pública, que Mamud queria nelle as Nações para Expectadoras da tragedia dos Portuguezes, quando chegaſſe a Armada, que o Rei eſperava. O Governador contrapôz á eſta outra ordem ſemelhante, rogando aos Capitães Chinas naõ ſe apartaſſem de Malaca ſem o verem reduzir a cinzas a Cidade. Immediatamente foi obſervar o ſitio, por onde havia fazer o ataque, e achou mais cómmodo o da ponte,

te, e o lugar de huma Meſquita em pouca diſtancia della, aonde os Mahometanos ſe haviaõ entrincheirado. Na veſpera do Apoſtolo Patraõ de Heſpanha poſtamos em terra dous Eſquadrões. O primeiro, que marchou a inveſtir a ponte, era mandado por D. Joaõ de Lima, e com elle Fernaõ Peres de Andrade, Gaſpar de Payva, Jayme Teixeira, Fernaõ Gomes de Lemos, Vaſco Fernandes Coutinho, e Sebaſtiaõ de Miranda com outros bravos ſoldados. Era vulg.

O ſegundo buſcou o mais groſſo da povoaçaõ, e na ſua téſta o Governador com Duarte da Silva, Simaõ de Andrade, Jorge Nunes de Leaõ, Ayres Pereira, Joaõ de Souſa, Antonio de Abreu, Pedro de Alpoem, Diogo Fernandes de Mello, Simaõ Martins Caldeira, Nuno Vaz de Caſtello Branco, e Simaõ Affonſo Biſagudo, bravos conquiſtadores de hum dos Emporios da Aſia. O Rei Mamud, além de outras defenſas, havia feito armar vários elefantes, que deviaõ levar humas pequenas torres ambulantes guarnecidas

de

Era vulg. de ſoldados eſcolhidos, em hum dos quaes eſtava elle reſoluto a montar, quando principiaſſe o combate para defender em peſſoa ao ſeu Reino, e vaſſallos. Pelo meio de hum incendio marchavaõ intrépidos os noſſos Eſquadrões ao ſom das caixas, e trombetas, que enfureciaõ os animos para ſe avançarem ſem piedade á degolla. O Governador com impeto monſtruoſo ganhou a fortificaçaõ pela parte da Meſquita; mettendo os inimigos pela bocca de huma rua, por onde os foi levando ás cutiladas. O primeiro, que montou o muro, foi Simaõ de Andrade; e quando D. Joaõ de Lima, e o ſeu Eſquadraõ ſe conduziaõ com corage em nada deſemelhante, appareceo o Rei em hum elefante ſeguido de outros.

Eſte Principe fez parar os ſoldados, que fugiaõ de todas as partes, ſendo a ſua reſiſtencia hum inſtrumento da maior animoſidade, e furor dos Portuguezes. Na Praça grande de Malaca ſe reuniraõ os elefantes em fórma de batalhaõ com eſpadas atadas nos dentes para deceparem com as trombadas

as

as noſſas fileiras. O deſcoſtume de combatermos como inimigos animaes ferozes, com os aparatos artificiaes mais temeroſos, pôz em ſuſpenſaõ o noſſo valor. No meio deſte pavor houvéraõ entre nós dous deſtemidos, que quizéraõ confortar as ſuas indúſtrias com a Fortaleza dos brutos. Fernaõ Gomes de Lemos ao lado direito, e Vaſco Fernandes Coutinho ao eſquerdo com as lanças enriſtadas lhes abríraõ caminho, e aos primeiros que paſſavaõ, as mettêraõ pelo ventre. Eſtes elefantes ſentindo-ſe feridos entráraõ em fúria: deſconhecêraõ a voz dos ſeus guias; chocáraõ huns contra os outros; recuáraõ ſobre os inimigos com maior impetuoſidade, que a do avance ſobre os Portuguezes, e creſceo a deſordem a favor da ſua fortuna. Era vulg.

O Rei em grande perigo teve de deſmontar-ſe, combatter a pé para ganhar o Palacio, aonde as guardas trabalháraõ para lhe ſegurar a peſſoa. Elle o conſeguio ferido gravemente em huma maõ: infelicidade, que foi neceſſario occultar aos ſoldados mettidos em derro-

Era vulg. rota para lhes naõ augmentar a conſternaçaõ. Entaõ o Albuquerque, que eſtava rodeado de inimigos, deixando parte da gente na cabeça da ponte para a defender, ſe arrojou com tanto impeto aos que eſtavaõ nella, que os mais foraõ paſſados á eſpada, e o reſto lançando-ſe ao rio, a gente dos batéis o fez em poſtas. O meſmo ſuccedeo a hum groſſo Eſquadraõ, que eſtava firme na bocca de huma rua: vantagens, que nos deixáraõ ſenhores da ponte, aonde nos fortificamos. Como o combate tinha durado da madrugada até ao meio dia, e os ſoldados eſtavaõ cançados, o Governador naõ quiz entaõ entranhar-ſe na Cidade até ao Palacio do Rei; mas mandou dar fogo a todas as caſas por ambos os lados da ponte, e as mais que corriaõ da Meſquita ao Paço: manobra, que durou até ao pôr do Sol, e para deſcançarmos della, nos recolhemos ás náos a eſperar o outro dia. Neſte foi grande a mortandade dos inimigos: nós tivemos treze mórtos, e ſetenta feridos; recolhemos na Armada 52 canhões, que ſe ganháraõ, e

o

o nosso temor obrigou muita da gente a fugir aquella noite da Cidade. Era vulg.

CAPITULO V.

Como foi conquistada a Cidade de Malaca, e dos intentos do Hidalcaõ sobre a restauraçaõ de Goa.

TANTO dominou o medo aos de Malaca á vista dos prodigios de valor, que os nossos acabavaõ de obrar, que o Rei de Paõ, pouco antes recebido com huma filha de Mamud, naõ teve corage para estar mais tempo na companhia de seu Sogro; que Utetimuta Raja, Mercador Jao poderosissimo, com presentes ricos se mandou offerecer ao Governador para empregar todas as suas faculdades no serviço do Rei de Portugal; e que outros muitos para se porem a coberto do nosso furor, naõ se declarassem pelo partido dos Portuguezes. Os Chinas satisfeitos das nossas vantagens, porque lhes passava a monçaõ, rogáraõ ao Albuquerque os dei-

Era vulg. deixaſſe partir, e elle lhes pedio, que como paſſavaõ pelo Reino de Siaõ, levaſſem comſigo a Duarte Fernandes, hum Portuguez da companhia de Rodrigo de Araujo, bem inſtruido na lingua Malaya, que mandava por Embaixador áquelle Rei.

Bem via o de Malaca no ſemblante dos ſucceſſos a pouca firmeza das ſuas eſperanças; mas elle ſe determinou a ſuſtentallas com a reſpiraçaõ de hum ar heróico. Elle deo novas ordens para ſe reforçarem a ponte, a Meſquita, os córpos de guarda; para a artelharia ſer melhor ſervida. Elle mandou ſemear de pontas de ferro eſcondidas os caminhos, que hiaõ para o Paço, e encheo toda Malaca de huma quantidade prodigioſa dos inſtrumentos de matar: perigos, aonde os Portuguezes encontrariaõ o ſeu deſtroço, ſe o Gentio Ninachetu naõ os aviſaſſe para elles no aſſalto mudarem de medidas. Eſte aviſo foi cauſa do Governador differir a expediçaõ para o dia dez de Agoſto; gaſtando os que mediáraõ em preparar a grande náo, que foi de Zeinal, com mui-

muitos fógos artificiaes, cobertos os bórdos de ſaccos de terra, que recebeſſem as ballas; commandada por Antonio de Abreu para por ambos os lados fulminar aos que defendeſſem a ponte, aonde ella ſó podia chegar nas aguas vivas, que ſe eſperáraõ. Era vulg.

Ao apontar o dia determinado a náo ſe applicou á ponte apezar de toda a reſiſtencia dos contrarios. No meſmo ponto inveſtio o Albuquerque a Cidade, e começou o combate logo imagem do horror. Nos primeiros impulſos o Abreu foi ferido de huma balla, que lhe paſſou ambas as faces. O Governador preſumindo-o em eſtado de naõ poder mandar a acçaõ; ordenou a Diniz Fernandes de Mello, e a Pedro de Alpoem o foſſem ſubſtituir. O brioſo ſoldado o naõ conſentio; repreſentando que a ferida naõ o devia privar da honra, que hia ganhando, quando ella lhe naõ prendia os pés, as mãos, a lingua, eſta para mandar, os outros para combater. Na continuaçaõ da peleija foi tal a ſua preſença de eſpirito na deſtribuiçaõ das ordens, a ſua corage nos avances, que elle poz

em

Era vulg. em fugida com grande eſtrago a todo o preſidio da ponte. Pela ſua parte o Albuquerque ſe conduzia com taes xtremos de valor, que os Barbaros naõ lhe podendo ſuſtentar a preſença, abandonáraõ a Meſquita, e hum Fórte viſinho á Cidade.

Sobre hum Elefante rodeado de tres mil homens, appareceo o Rei para acodir aos ſeus neſte aperto; mas vendo-os em derrota, e as eſtancias perdidas, ſe foi retirando para o Paço. Os Portuguezes circunſpectos naõ quizéraõ entaõ ſeguillo, e perdêraõ a melhor preza. Entaõ ſe amparou o Albuquerque de algumas caſas, a que tinha perdoado o fogo; plantou nas ſuas ſoteias peças de campanha, que bateſſem as ruas; mandou que as embarcações ligeiras rondaſſem o rio; a dous Eſquadrões, que entraſſem pelas ruas ſem perdoarem a ſexo, nem a idade; e ſobrevindo a noite, ceſſou a peleija, e ſe separáraõ os combatentes.

Já os Portuguezes contavaõ ao Rei Mamud no número dos ſeus priſioneiros; mas elle na meſma noite ſe refugiou no ſertaõ com ſuas mulheres, e filhos, com o enorme theſouro de Ma-

la-

laca, em que os nossos tinhaõ firme a esperança de ficar ricos. Quando amanheceo, e os Portugezes nada víraõ no Palacio, tomados da cólera lhe déraõ fogo. Voltáraõ sobre a Cidade, aonde ninguem lhes resistia, naõ cuidando as trópas, que restavaõ, em mais expedientes, que nos de se salvarem. Nesta consternaçaõ, já tudo abandonado á pilhagem, o Governador postou salvas guardas nas casas de Utetimuta Raja, de Ninachetu, dos Pegus, Jaos, e Quelins nossos amigos para as livrar dos insultos. Os despojos, com que os soldados se remuneráraõ as suas fadigas, foraõ monstruosos; e entre elles tres mil peças de artelharia, e naõ nove mil como disséra o Araujo; huma quantidade prodigiosa de armas, de munições de guerra, e bocca, de máquinas naõ conhecidas dos nossos, de aprestos para Armadas: em fim tanto de tudo, que só dos generos, que se acháraõ pelas casas, importou o quinto para El-Rei 200$000 escudos de ouro. Era vulg.

Taõ grande conquista, riquezas immensas, huma Cidade brilhante, huma

Era vulg. ma glória eſplendida, tantos inimigos mórtos, nós o compramos a troco de bem poucas vidas. Os noſſos Officiaes, e ſoldados ſe conduzíraõ por modo taõ ſublime, que enchêraõ de admiraçaõ aquellas Regiões. Daqui em diante ſe empregou o Governador em ganhar a benevolencia dos Póvos, que temiaõ aos Portuguezes, como gente feroz. Principiando pelos negocios da Religiaõ, deo graças a Deos por taõ conſummada victoria; fez edificar huma Igreja com o titulo da Aſſumpçaõ da Senhora; e paſſando aos temporaes, mandou publicar bandos, para que os Mercadores, e familias, que haviaõ fugido da Cidade, voltaſſem para ella ſem ſuſto: encarregou o governo dos Mouros a Utetimuta Raja, o dos Gentios a Ninachetu para adminiſtrarem ſobre elles juſtiça confórme ás Leis da Cidade; advertencia ſaudavel, que attrahio grande número de Eſtrangeiros: fundou no lugar da Meſquita a Fortaleza, que ſe chamou Famoſa, de que fez Commandante a Rodrigo de Brito Patalim; ſervindo-ſe para ella da pedra das ſepultu-

turas dos Reis, e dos Grandes, que mandou desfazer: cunhou moeda com as Insignias do Rei D. Manoel, e florecendo como d'antes o Commercio, Malaca se restitue debaixo da sujeiçaõ Portugueza o explendor primitivo. Era vulg.

O Governador advertido, de que o Rei apartado da Cidade oito legoas, deixando a guarda do rio encarregada ao Principe Alodin seu filho, poderia formar intentos de reentrar na sua Corte; destacou para o irem atacar aos dous irmãos Simaõ, e Fernando Peres de Andrade com outros Capitães, alguns Portuguezes, Jaos, e Gentios da terra. Elles deraõ nos inimigos com tanto esforço, que lhes arruináraõ as trincheiras, totalmente os derrotáraõ; com todas as bagagens, e sete elefantes se recolhêraõ victoriosos a Malaca. Esta perda junta á tristeza, que o Rei afflicto tinha concebido, de naõ fazer a paz com os Portuguezes sugerido pelo Principe Alodin, e por alguns dos seus Officiaes, foraõ golpes, que o matáraõ de repente: Principe de coraçaõ acanha-

Era vulg. nhado, que ſem preſença de eſpirito perdeo a conſtancia na deſgraça.

Eſta mórte abrio o paſſo para muita gente de Malaca tomar o noſſo partido. Entre ella Laſaman, que fizéra as funções de General do Rei defunto, ſe offereceo ao Governador para ſervir ao de Portugal. Elle lhe acceitou o convite; aſſegurando, que os homens do ſeu merecimento tinhaõ lugar em toda a parte, na ſua eſtimaçaõ o mais diſtincto; que podia reſtituir-ſe a Malaca, aonde naõ acharia menos os agrados do Rei morto. Huma carta anonyma, que debuxava ao Albuquerque com as côres da tyrannia, e má fé, divertio a Laſaman do ſeu intento, e penetrou o fundo da alma do grande homem, que em nada penſava tanto, como em guardar a integridade da palavra, e o ſagrado das promeſſas.

Adoçou o noſſo Chéfe eſte deſprazer com a vinda dos Embaixadores de muitos Principes daquelles continentes, que lhe rendiaõ honras, e o tratavaõ em tom de Teſta coroada. Ao meſmo tempo chegou de Siaõ Duarte Fernan-

des,

des, que fora eſtimado daquelle grande Rei com exceſſo, e enriquecido com donativos precioſos. Elle aſſegurava ao Albuquerque quanto lhe era agradavel a alliança com o ſublime Rei de Portugal: que a ſua victoria ſobre Malaca o enchêra de prazer: que elle eſtava prompto para contribuir em tudo, quanto foſſe vantagem do Imperio Portuguez; eſtimar a Dignidade delle Governador, e de todos os Capitães do grande Rei. Para elle retribuir eſta reputaçaõ do Monarca, ſenhor de onze Provincias, que cada huma dellas era hum Reino reſpeitavel, e que todo o enchia de honra, mandou a Antonio de Miranda de Azevedo, e a Duarte Coelho, que com os ſeus poderes plenos, e ricos preſentes foſſem a Siaõ gratificar ao Rei as condeſcendencias benevolas, com que o tratava a elle, e a ſua Naçaõ. Era vulg.

Eſtes Enviados enchêraõ bem os ſeus deveres junto á peſſoa do Rei, e da Rainha ſua Mãi, que dobráraõ com elles as attenções. Ainda que taõ grande o Rei de Siaõ, naõ contribuio pouco para a ſua humanidade a noſſo reſ-

Era vulg. peito, eſtar elle bem inſtruido nas Embaixadas ſolemnes, que, como a hum Soberano, haviaõ mandado ao Albuquerque os Reis poderoſos de Java, de Pegu, e de outros grandes Eſtados, ſollicitando a alliança, a amizade, o Commercio com os Portuguezes; fazendo elogios ſingulares ás ſuas virtudes. Contra elles ſó o Principe Alodin naõ podia disfarçar o odio, que herdára de ſeu Pai com o reſto dos Eſtados de Malaca. Elle ſe quiz esforçar para reſtituir a ſua perda: ajuntou trópas, pedio ſoccorros, fez amigos, compoz hum pequeno Exercito, quiz arriſcar-ſe a hum combate; mas ſendo tambem herdeiro da deſgraça do Pai, perdidas as forças, e as eſperanças, teve de ſe fortificar na Ilha de Bintaõ, donde lançou ao Governador, para ir paſſando em imagem de Principe vida de particular. Mas os movimentos do Hidalcaõ ſobre Goa naõ nos conſentem maior extenſaõ nos negocios de Malaca.

CA-

CAPITULO VI.

Escreve-se a guerra do Hidalcaõ contra Goa, em quanto Affonso de Albuquerque estava em Malaca.

A IMPACIENCIA do Hidalcaõ para restituir a Cidade de Goa naõ lhe consentio que passassem muitos dias depois da partida do Albuquerque sem tentar fortuna, talvez considerando que ou elle na empreza poderia arruinar-se, ou ganhando a Cidade, a perda nos combates, e a guarniçaõ, que lhe deixasse, diminuiria as forças, que poriaõ Goa em fraqueza para fortificarem Malaca. Estes bem pensados designios o resolvêraõ a mandar com tres mil homens a Pulatecaõ sobre as Tanadarias da Terra firme. Melrrao, e Timoja, sempre fiéis aos interesses de Portugal, lhe sahíraõ ao encontro com quatro mil soldados da terra, e alguns cavallos, que facilmente o desbaratáraõ. Pulatecaõ soube recobrar a sua Praça; voltou á carga com trópas novas em maior Era vulg.

Era vulg. número; venceo aos dous Generaes, que envergonhados de apparecerem em Goa, como se hum revez da fortuna fosse affronta, formárao a intençao de irem pedir soccorros ao Rei de Narsinga.

Timoja difficultava esta jornada, que o expunha a soffrer o resentimento do Rei Crisnára, seu inimigo. Melrao lhe facilitou o perdao, que conseguio; mas com effeito Timoja foi assassinado, e como elle em Narsinga nao tinha outro contrario mais que o Rei, a voz pública o fazia author da sua mórte. Pulatecao soberbo com a victoria, determinou entrar na Ilha. Crisna, nosso amigo, mandou este aviso a Rodrigo Rebello, Capitao da Cidade, que cuidou em reforçar os póstos; mas nao obstante as suas prevençóes, Pulatecao em huma noite tenebrosa, como na primeira guerra, pelos lugares em que era prático metteo na Ilha 1Ɵ500 homens. Na mesma noite tomou no passo de Naroa duas caravellas com morte de quasi todos os Portuguezes, que se defendèrao com vigor extraordinario.

rio. Os defenſores de Benaſtarim, Aguacim, e mais póſtos avançados, ao eſtrondo deſta invaſaõ ſe recolhêraõ á Cidade. Era vulg.

Todo o empenho do experimentado General era eſcogitar modos de chamar parte da guarniçaõ ao campo para entaõ atacar a Cidade enfraquecida. Para o conſeguir ſobornou hum Canarim aſtucioſo, e déſtro, que mandou a Goa informar ao fiel Cogebiqui, como elle víra em Goa Velha 200 homens, que facilmente ſeriaõ desbaratados, ſe foſſem inveſtidos. Rodrigo Rebello, que tinha a gente prompta eſperando a volta do Adail Diogo Fernandes de Faria, que na madrugada mandára explorar a campanha, crêo ao ruſtico ſimulado, que Cogebiqui lhe proteſtava naõ ſer digno de fé, e reſolveo ſahir da Praça ſobre os inimigos. Aos primeiros paſſos fóra della deſappareceo o trahidor, que o guiava, ſem baſtar eſta ſegunda perfidia para o Rebello conhecer a fraude. Ao contrario accelerando a marcha dos 35 cavallos, que levava, ficando-lhe os 500 Indios muito pela reta-guarda, aviſ-

tou

Era vulg. tou o campo de Pulatecaõ, obſervou a deſigualdade, conheceo o engano. Se elle foſſe menos ardente faria huma retirada com honra; ſe reflectiſſe no conſelho prudente de Cogebiqui, naõ acabaria com a nota de temerario, ſequaz do proprio capricho.

Mas a fortuna, quando quer traçar a ruina, favorece a audacia. O Commandante arrojado, ſó com o voto de Manoel da Cunha igualmente atrevido, com a cavallaria, e alguns Malabares, ſem eſperar os Canarins, ſe lançou ſobre Pulatecaõ, que eſtava occupado em receber a gente, que paſſava para a Ilha em jangadas. Neſte repelaõ foraõ os dous Aventureiros taõ felices, que degolláraõ mais de 300 homens; fizeraõ que muitos ſe arrojaſſem ao rio, aonde ſe affogáraõ, e conſtrangêraõ Pulatecaõ a buſcar o refugio de humas paredes velhas, aonde ſe fez fórte com 80 Turcos. A eſte tempo chegavaõ os Canarins, que vendo os inimigos mettidos em derrota, ſe dividíraõ para os perſeguir na retirada. Rebello, e Cunha ſe avançavaõ, eſpada em maõ, para levarem

o

o casaráõ á escalla. Cogebiqui prudente os quiz dissuadir do intento com a lembrança, de que nelle estava Pulatecaõ resoluto com muito mais gente que a sua, toda atrevida: que naõ arriscassem sem fructo as suas pessoas, quando aquelles contrarios estavaõ prisioneiros, se fossem atacados de longe com armas de arremeço. Era vulg.

O Commandante, e o Cunha, soberbos com a victoria, desprezáraõ o conselho prudente, e os inimigos vencidos; com quatorze cavallos entráraõ pelas roturas do casaráõ; mas os dous pagáraõ a pena da temeridade, cahindo atravessados pelos peitos de duas lançadas, e os mais feridos se pozeraõ em retirada.

Ficou Pulatecaõ senhor do campo, porque a gente desmandada se recolheo á Cidade, que estimou a Cogebiqui por hum Capitaõ sabio, e previsto. Tratou-se de eleger Governador para a Praça, e por unanimidade de votos foi reconhecido Francisco Pantoja, que pelo nascimento, qualidades, e valor era digno do emprego; mas elle de tudo esquecido o recusou, sem reparar que des-

Era vulg. desanimava a gente com os motivos da escusa pública, que reduziaõ Goa ao estado de huma Praça indefensavel. A Nobreza, e Povo, que tinha outros sentimentos, e conhecia em Diogo Mendes de Vasconcellos espiritos para maiores emprezas, que a defensa da Cidade, naõ obstante o Albuquerque o deixar prezo, elles o nomeáraõ Governador de Goa. Entaõ allegou Francisco Pantoja o seu direito; mas os seus requerimentos foraõ desprezados á proporçaõ do muito, que a pessoa estava desattendida, o seu valor ultrajado.

O novo Governador applicou logo todos os cuidados para bem sustentar a dignidade do seu emprego. Elle fez trabalhar nas fortificações, dobrou a guarniçaõ, proveo a Praça de viveres, e com 200 Portuguezes, e 600 Canarins se fez prompto para sustentar o sitio de hum Exercito, que cada dia se engrossava. Pulatecaõ, que estava senhor da Ilha, para facilitar o trajecto das trópas levantou no passo de Benastarim huma Fortaleza, que proveo de grossa artelharia; e já com emboscadas, já com for-

força descoberta vinha insultar a Cidade para conseguir, que a pequena guarnição sahisse a campo. O Governador a nada taõ attento, como á conservação do seu pouco mundo, tinha pela maior glória sacodillo da frente das muralhas com a gente em cima dellas. Entaõ experimentou elle duas próvas de amizade, huma em Crisna, que no mesmo dia, em que tomou posse do governo, sem se assustar com o perigo de Goa, lhe pedio o admittisse dentro da Cidade com a sua gente para o servir, como lhe foi concedido; outra em Francisco Pereira de Berredo, que veio de Cananor em huma fusta com trinta Portuguezes offerecer-se para seu companheiro nos trabalhos. Era vulg.

Impaciente o Hidalcaõ porque o sitio se prolongava tanto, o encarregou a seu cunhado o Turco Rosalcaõ, que levava ordem para Pulatecaõ lhe obedecer. O ciume metteo aos dous Chéfes em desordem, que nos poderia ser util, se alguns dos defensores de Goa fossem menos crédulos. O Turco astucioso escreveo ao Governador, assegurando-lhe

que

Era vulg. que elle naõ lhe vinha fazer a guerra; mas a caſtigar Pulatecaõ, que a intentára ſem ordem de ſeu Amo: que para deſtruirem eſte homem arrogante era neceſſario, que elle uniſſe ás ſuas as forças da Praça; e que para próva da ſua ſinceridade, ſe elle niſſo condeſcendeſſe, traria aos Portuguezes, que naufragáraõ em Dabul para lhos entregar. O Governador com a maior parte dos Officiaes acreditáraõ a ſuggeſtaõ, e déraõ ao General fraudulento ſoccorros por mar, que contribuíraõ muito para a ruina de Pulatecaõ.

Apenas Roſalcaõ ſe vio livre do ſeu competidor, fez ſaber a Diogo Mendes, que elle naõ ſó deixava de lhe mandar os Portuguezes captivos, como lhe promettêra; mas lhe requeria, que ſem demora entregaſſe Goa a ſeu dono, ſem ſe expôr a que elle levaſſe tudo a fogo, e ſangue, naõ dando quartel a algum vivente. Todos ſe ſubprendèraõ á viſta deſta perfidia abominavel, e cuidáraõ em reparar a ſua condeſcendencia indiſcreta por meio de huma tal defenſa; que naõ deixaſſe lugar vazio entre

a

a perdá das vidas, ou ganhar a victoria completa. Tomou novas forças a guerra, acautelados os Portuguezes na defensa dos póstos, escusando-se ás sahidas, que naõ tivessem vantagens evidentes. A entrada do Inverno rigoroso, que fechava os mares, pedia outra circunspecçaõ a respeito das munições, e viveres, que se deviaõ poupar. Nelle foi tal a continuaçaõ das chuvas, que deitáraõ a terra hum grande lanço do muro: brecha capaz de entrarem de frente Esquadrões formados em batalha. Era vulg.

Igual ao nosso susto foi a confiança dos inimigos nesta fatalidade. Rosalcaõ, até entaõ suspenso por causa das innundações, rompe todas as difficuldades, e se avança para levar Goa de assalto. Elle marchou com intrepidez a montar a escalada; mas encontrou outro muro de peitos fórtes, que fez invencivel a fraqueza do arrazado. Peito a peito se combatêraõ furiosos, sitiantes, e sitiados, ambas as partes com effusaõ de sangue, muito maior a dos inimigos. Nós perdemos de huma balla a Cogebiqui, que nos fizéra tantos

Era vulg. ſerviços com fidelidade, acabando com a glória de valente ſoldado, e de Capitaõ advertido. Eſta perda foi contrapezada com o goſto da retirada dos inimigos melancolicos, confuſos, e taõ cortados, que nos deraõ tempo para repararmos a ruina dos muros. Entaõ conheceo Roſalcaõ, que para vencer Portuguezes lhe eraõ mais neceſſarios os eſtratagemas, que o valor, e arbitrou de dia moſtrar-ſe com géſtos de nos combater; de noite fazer tocar trombetas, que ſerviſſem de nos alvoroçar, para que a guarniçaõ rendida ao ſomno, deſeſperaſſe de ſe defender.

O noſſo deſterrado Joaõ Machado, de quem tenho dado noticia tantas vezes, e que fazendo bem o papel apparente de Mouro, commandava neſte ſitio huma companhia dos inimigos, aviſou ao Governador a indúſtria de Roſalcaõ; que os trombetas andavaõ eſcoltados por huma companhia; que ſahiſſe contra ella, e a derrotaſſe para ſe vêr livre deſte incómmodo. Aſſim ſe executou com felicidade; ceſſou o eſtron-

trondo das trombetas; mas o ſeu lu- Era vulg.
gar foi ſubſtituido pelos eſtragos da fome, inimigo mais inexoravel, que naõ deixa perceber veſtigios de humanidade. Ella foi cauſa, naõ ſó de nos fugirem; mas de apoſtatarem ſetenta homens, entre elles Fernaõ Lopes, diſtinto em qualidade, que cambiáraõ pelos alimentos do corpo os premios eternos da alma. A apoſtaſia deſtes homens foi o auxilio efficaz, que tocou até ao fundo o eſpirito de Joaõ Machado. Elle contrapõe aos impios a reſoluçaõ de vir lançar-ſe nos braços das anguſtias de Goa para ſe declarar Chriſtaõ, abandonando as honras, e fartura do campo com apparencias de Mouro.

Tinha elle de huma Moura dous filhos pequenos, que baptizára, e naõ lhe era poſſivel trazellos comſigo. Tranſportado de zelo, porque ſenaõ perdeſſem ſendo Mouros, pedindo a Deos perdaõ da ſua atrocidade, huma noite os afoga na cama, queixando-ſe de lhos haverem as feiticeiras embruxado. Deſta acçaõ taõ oppoſta á natureza, e aos principios da Religiaõ, de que elle vi-

nha

Era vulg. nha fazer huma profiſſaõ aberta, fingio o Machado, como de obra alheia, hum ſentimento taõ extremoſo, que ſe lhe permittio para deſafogo o paſſeio por toda a Ilha. Os Portuguezes captivos, e os apoſtatas o acompanhavaõ; e chegando perto de Goa, lhes deſcobrio os ſeus ſentimentos; a reſoluçaõ com que vinha; que a todos rogava naõ quizeſſem commutar a glória da eternidade por huma paſſagem mais commoda da vida do tempo tranſitoria, e caduca. Á efficacia das ſuas vozes nenhum dos apoſtatas ſe moveo; os captivos todos entráraõ com elle em Goa, que teve por preſagio dos bons ſucceſſos a acçaõ piedoſa dos Portuguezes reputados Mouros.

Roſalcaõ quiz deſpicar eſta injúria feita a Mafoma com reforçar contra a Praça os ataques; mas ſem ſe atrever a inveſtilla. O Governador para provar os motivos da inacçaõ, appareceo na téſta de oitenta cavallos diſcorrendo pelo campo, aonde carregou o groſſo dos inimigos, que mandava Roſalcaõ em peſſoa, com impulſo taõ vehemente,

que

que degolados muitos dos valeroſos, Rosalcaõ com os prudentes buſcou a ſegurança na fugida. Eſta bella acçaõ do Governador foi acompanhada de outra naõ menos illuſtre de ſeu amigo Franciſco Pereira de Berredo, que compadecido da fome, que ſe ſoffria na Praça, ſem temor das náos dos inimigos, da ferocidade do mar no rigor do Inverno, na meſma fuſta, em que veio de Cananor, foi a Baticala, e em poucos dias negociou com tanta dexteridade, que entrou pela barra com vinte paráos carregados de mantimentos. Era vulg.

Experimentou Goa outra vantagem na chegada das náos de Joaõ Serraõ, e de Payo de Sá, que vinhaõ de deſcobrir a Ilha de S. Lourenço, como El-Rei lhes ordenára na ſua partida de Lisboa. Como já entrava a Primavéra, veio pouco depois Diogo Fernandes de Béja com 200 Portuguezes, a artelharia, e munições da Fortaleza de Çocotorá, que ſe mandára desfazer. Quaſi na ſua reta-guarda chegou Manoel de la Cerda da Coſta do Malabar com as ſeis náos, que o Albuquerque lhe dei-

xou

Era vulg. xou encarregadas para a guerra de Calecut, e nellas 200 homens com abundancia de mantimentos : ſoccorros opportunos, que ſobleváraõ a Cidade das oppreſsões ; que lhe seguráraõ a defenſa, fazendo a Roſalcaõ mais circunſpecto.

Neſte anno ſahio de Lisboa para a India D. Garcia de Noronha, ſobrinho do Albuquerque commandando huma Eſquadra de ſeis náos com os Capitães Pedro Maſcarenhas, Manoel de Caſtro Alcaforado, Jorge de Brito, D. Ayres da Gama, e Chriſtovaõ de Brito. Deſtas náos quatro invernáraõ em Moçambique, a de D. Ayres veio a Cananor, a de Chriſtovaõ de Brito entrou em Goa, que com eſtes reforços, a que os inimigos naõ fizéraõ oppoſiçaõ, nada temia os repelões, com que Roſalcaõ queria naõ ſe moſtrar medroſo. No ultimo, em que foi desbaratado na ſahida, que fez o Governador com Chriſtovaõ de Brito na vã-guarda, ficou elle deſenganado do principal projecto, ſatisfeito com dominar a Ilha, e fortificar Benaſtarim para eſperar occaſiaõ mais favoravel ás ſuas vaſtas idéas.

CA-

CAPITULO VII.

Continuaçaõ dos ſucceſſos de Affonſo de Albuquerque em Malaca, com outros acontecimentos.

QUANDO Goa ſoffria as calamidades, que acabo de referir, o Governador da India em Malaca eſtava rodeado dos embaraços, que lhe maquinava Utetimuja Raja, que devendo pela eſcuridade do ſeu naſcimento ſer moderado, a ſua oppulencia deſmedida o fez taõ ſoberbo, que já na vida de Mamud, e agora no governo do Albuquerque, naõ ſe contentava com menos, que a dignidade de Rei de Malaca. Como na vida daquelle Soberano naõ pode lograr o deſignio, entendeo que o conſeguiría, ſe o Albuquerque ſe fizeſſe ſenhor da Cidade, ſendo hum Eſtrangeiro, que havia receber os ſoccorros da India, e por iſſo ſe declarou na guerra a favor do ſeu partido. Era vulg.

Naõ paſſou muito tempo depois da conquiſta, que elle naõ ſe abriſſe com

Era vulg. os moradores da Cidade, e lhes declaraſſe: Que deviaõ advertir a grande diſtancia, em que os Portuguezes eſtavaõ da India para terem ſoccorros effectivos: que elles eraõ mui poucos, incapazes de reſiſtir ao Principe Alodin, ſe com maiores forças vieſſe recobrar Malaca, e que como elles deviaõ entaõ temer que o Principe lhes imputaſſe o crime de infidelidade, pedia a prudencia que para evitar as contingencias funeſtas, cuidaſſem deſde já nos expedientes. Aqui teve lugar toda a abertura do eſpirito ambicioſo, que offereceo toda a ſua potencia, a dos ſeus amigos, a das ſuas riquezas para impedir as tentatativas de Alodin, para lançar fóra os Portuguezes, ſe elles o quizeſſem eleger Rei de Malaca.

Huma eſperança vaga dominava ao ſugeſtor, e aos ſugeridos, eſtes goſtoſos com as promeſſas da liberdade, o outro vaidoſo com os aſſombramentos de Monarca. Mas ellas em hum, e nos outros depreſſa ſe deſvanecem. Viraõ elles os ſábios Regulamentos do Governador para a eſtabilidade da nova Re-

pú-

públicá; as providencias regulares para a ſua economia; o freio, que lhes deitava com a fabrica de huma Cidadela inconquiſtavel; a força das náos, que deſtinava para a ſegurança do porto, e perdêraõ toda a corage os eſpiritos arrogantes. Utetimuta Raja, que nas calamidades dilatava o coraçaõ; na face do deſalento dos ſeus complices, ſem fazer mudança no fim das ſuas intenções, elle cuida em mudar de meios. Com facilidade arma correſpondencia, e faz promeſſas ao Principe Alodin de o ſervir com a peſſoa, com a fazenda, de lhe pagar as trópas, ſe elle quizeſſe vir arrancar os ſeus Eſtados do poder da tyrannnia. Recobrou alentos o Principe, que naõ duvidou offerecer logo todos os officios de Rei a Utetimuta Raja, ſe lograſſe o projecto, naõ querendo da Soberania para ſi, mais que o nome, e a figura: ultima extremidade, a que ſe arroja a ambiçaõ, o furor, ou a demencia nas repreſentações de dominar. Em vulg.

Para o trahidor avançar o deſignio era neceſſario metter o ſegredo em mui-

Era vulg. tas boccas, que tapava com promessas de grandes vantagens individuaes. Os mais interessados temêraõ que, se a conjuraçaõ se descobrisse, elles seríaõ as victimas da indignaçaõ dos Portuguezes: temor, que inclinou a muitos dos conductores das cartas, e repostas a entregallas ao Albuquerque, instruindo-o nas idéas de Alodin, e Utetimuta Raja, de seu Filho Paciaco, e de Patripa seu genro. A politica do Albuquerque teve entaõ por conveniente dissimular, mostrar-se agradavel ao Povo, e conferir unicamente com Rodrigo de Araujo o modo, com que elle podería trazer á Fortaleza os tres conjurados. A pretençaõ do Persa Coge Abrahem, creatura de Utetimuta Raja, o facilitou; porque pedindo ao Governador o officio de Quetual, elle lhe respondeo que naõ tinha dúvida; mas que sendo o emprego importante, para naõ haverem queixosos era preciso, que elle trouxesse á Fortaleza as pessoas principaes da Cidade para as ouvir, e fazer com ellas que approvassem a nomeaçaõ.

Suc-

Succedêraõ as cousas, como o Governador as desejava. Ao sahir da Assembléa Utetimuta Raja, seu Filho, seu genro, todos os mais trahidores foraõ prezos. Formou-se logo o processo, em que elles se defendêraõ com ár de fidelidade, com alegria de innocentes, com constancia de bons servidores, na intelligencia de que contra o seu crime naõ haviaõ próvas. Apresentáraõ-se em juizo as cartas, e respostas da propria letra dos réos, e cahio de golpe a firmeza fingida, a fé, e innocencia affectadas. O temor das penas os arrojou aos pés do Governador para implorarem a sua clemencia; mas o crime era de natureza, que escondia a face ao perdaõ. Mandou-se levantar hum cadafalço no mesmo lugar, em que Utetimuta Raja quiz assassinar a Diogo Lopes de Siqueira, e desprezadas as gróssas sommas, que a mulher do trahidor offerecia pela sua vida, pela do Filho, e genro, a todos foraõ cortadas as cabeças. Malaca, ao mesmo tempo que ficou respeitosa á severidade dos Portuguezes, naõ desestimou o fim tragi-

Era vulg.

gi-

Era vulg. gico dos arrogantes, origens de tantas calamidades na Républica.

Compóstos estes delicados negocios, o Albuquerque despedio tres náos ás ordens de Antonio de Abreu com os Capitães Simaõ Affonso Bisagudo, e Francisco Serraõ para descobrirem as Ilhas Molucas. Sahio Antonio de Abreu de Malaca nos ultimos de Dezembro, levava 200 Portuguezes, além dos soldados da terra; mas compellido dos tempos contrarios, arribou ao Reino de Java. Daqui passou á Ilha de Amboino, dependente das Molucas, e foi ter á de Banda, que communica o seu nome a outra quantidade de Ilhas, que a rodeiaõ, e que produzem muitas plantas odoriferas, entre ellas as que criaõ a maça, o cravo, a noz moscada, e das folhas se compõe medicinas excellentes. Os moradores saõ Mahometanos; naõ se sugeitaõ a algum dominio, e quando entre si tem controversias, elegem hum Arbitro prudente, que as decide, e os compõe.

Antonio de Abreu foi tratado com humanidade por estes Póvos ferozes, já

já instruidos no modo, com que os Portuguezes se conduzirao em Malaca. Elle se lhes mostrou officioso aos seus obsequios, tao condescendentes, que lhe permittírao levantar em Banda huma coluna com as Devisas do Rei D. Manoel. Nao lhe consentindo os contínuos temporaes avançar o descobrimento na fórma das ordens do Governador, o Abreu voltou para Malaca. Francisco Serrao sahio de Banda, e levado á toa pela mesma tormenta, naufragou na Ilha de Ternate, huma das Molucas, junto aos escolhos, que os naturaes chamao Lucopines, aonde erao contínuos os insultos dos pyratas, e corsarios, que viviao da rapina. Era vulg.

Estes Barbaros viérao em muitas barcas insultar a náo, que por destroçada do tempo nao ficou em estado de defender-se. Serrao usou de destreza para sahir do perigo, escondendo-se nas lanchas com parte da gente á sombra de huns rochedos para os atacar em poppa. Assim o fez o bravo Official com tanto valor, que os Barbaros attonitos se submettêrao, offerecendo-se aos Portu-

Era vulg. tuguezes para guias, que os conduziſſem ao Paiz incognito, em que eſtavaõ. Como nelle naõ ſe conhecia a coragem do eſpirito; a que os noſſos moſtráraõ neſta occaſiaõ eſtimulou aos dous competidores Almançor, Rei de Tidor, e Boleifa, Rei de Ternate, para ſolicitarem a alliança com os Portuguezes naufragados. Boleifa ſe adiantou nos ajuſtes, e mandou dez navios com mil homens de equipagem para receberem a Franciſco Serraõ com as ſuas gentes, que o ſervíraõ contra Almançor.

O Governador em Malaca tinha-ſe deſcartado de hum trahidor, e adquirio outro. Como pela mórte do primeiro ficára vago o emprego de Juiz dos Mouros, elle o conferio a Patecatir, homem poderoſo, inimigo declarado de Utetimuta Raja, por lhe negar huma filha para mulher. A viuva ſagaz, mulher ſem conſideraçaõ nas paixões, deſejoſa de vingar a mórte do marido, attrahe Patecatir á ſua devoçaõ com a promeſſa da filha, com a de ſeis mil homens pagos á ſua cuſta para dar ſobre Malaca,

ca, e ficar ſenhor da Cidade. Outras imaginações de ſer Rei arraſtaõ Patecatir a acceitar as condições: recebe a moça em ſegredo: entra na execuçaõ dos deſignios, e fez pôr o fogo aos quarteis principaes de Malaca. Acode o Albuquerque a apagar a rebeliaõ, e o incendio com tanto ardor, que Patecatir ſe retirou para a ſegurança do lugar de Upi em eſtado de ja mais ſe lhe eſvahir o cerebro com os fumos de Rei. Era vulg.

Reſtituida a tranquillidade a Malaca, o Governador ſe preparou para voltar á India. As diſpozições, que deixou na Cidade conquiſtada, foraõ arbitradas pela ſua conſummada prudencia. Do governo ficou encarregado Ruy de Brito Patalim, como diſſemos; da Alcadaria Mór, e Feitoria, Rodrigo de Araujo; a Capitania do mar a Fernaõ Peres de Andrade com homenagem ao Governador da Praça, e por ſeus Capitães da Armada Lopo de Azevedo, Vaſco Fernandes Coutinho, Joaõ Lopes de Alvim, Pedro de Faria, Jorge Botelho, Chriſtovaõ Maſcarenhas, Ayres Pereira

Era vulg. ra de Berredo, Chriſtovaõ Garcez, e Antonio de Azevedo. Para adminiſtrarem juſtiça aos Gentios eſtava já criado Juiz Ninachetu; para o ſer dos Mouros nomeou a hum Caciz dos Malaios; para os Jaos a Aregemut Raja, e a Tuaõ Calaſcar. O perſeguido Sultaõ Zeinal novamente pedio a graça do Albuquerque, que o admittio na Cidade; mas vendo que lhe differia a reſtituiçaõ ao Reino para quando outra vez vieſſe da India, tornou a fugir de Malaca.

Coberto mais de gloria, que acompanhado de forças, partio Affonſo de Albuquerque para a India com quatro náos carregadas das precioſidades tomadas na nova conquiſta, levando a bórdo muitos Officiaes mecanicos, Jaos de naçaõ, para ſervirem ao Eſtado. Indo as náos em conſerva pela Ilha de Çamatra, defronte da cóſta de Dauru lhes ſobreveio hum temporal taõ furioſo, que a do Albuquerque varou em huma penha, aonde ſe fez em pedaços. A guarniçaõ parte pereceo nas ondas, parte ſe ſalvou nas praias de Pacem, e

o

o Albuquerque deveo a vida a Pedro de Alpoem, que no batel o livrou do perigo, e recolheo na ſua náo. Neſte naufragio ſe perdeo hum theſouro; os preſentes precioſos dos Reis da India; as raridades, que ſe haviaõ ajuntado em grande quantidade por preços avultados para ſerem remettidas a El-Rei, entre ellas a célebre pedra de tancar ſangue, que trazia o Principe de Malaca; as vidas dos melhores Officiaes, e ſoldados, que era o que mais importava; o que o ſeu Chéfe mais ſentia. Era vulg.

A náo de Jorge Nunes de Leaõ ſe ſeparou da de Simaõ Martins, que levava todos os Jaos com a eſcolta de treze Portuguezes. Os Barbaros ſe aproveitáraõ da occaſiaõ: matáraõ a Simaõ Martins, que tinha ſervido em muitas occaſiões com grande honra, e aos Portuguezes, excepto quatro, que no batel foraõ dar a Pacem; mas elles naufragáraõ em Timiáo na meſma cóſta de Çamatra ſem gozarem o bem da liberdade. Serenado o mar, o Albuquerque,

Era vulg. que ajuntou do deſtroço as reliquias,
1512 que pode, e continuando a viagem, em que a fome, e ſede renováraõ os trabalhos, ultimamente chegou a Cochim ſem mais deſpojos de tantos triunfos, que a reputaçaõ, e a glória.

LI-

LIVRO XXXIX.

Da Hiſtoria Moderna de Portugal.

CAPITULO I.

Trataõ-ſe os ſucceſſos do anno de 1512, *eſpecialmente os da India.*

Era vulg. 1512

ESPERAVAÕ pelo Governador em Cochim os cuidados de Goa para ſe caracteriſar como Heróe ſemelhante ao mar, que no movimento contínuo tem o ſeu deſcanço. Alli o informáraõ do que ſe paſſára naquella Cidade, depois que partíra para a de Malaca; como Roſalcaõ eſtava ſenhor da Ilha com huma Praça fortificada em Benaſtarim: viſinhança, que tinha Goa como bloqueada, ſempre nos ſuſtos de ſer inveſtida: que ella o eſperava para a pôr a coberto dos inſultos com a reſtauraçaõ da Ilha, e rendimento de Benaſtarim; mas que em quanto em peſſoa naõ hia

a

Era vulg. a eſtas expedições, ella tinha neceſſidade de ſocorros.

Sem perda de tempo mandou o Governador oito catures com gente, ordem a Manoel de la Cerda para governar a Praça, e a Diogo Fernandes de Béja proviſaõ de Capitaõ do mar. O deſprazer, que lhe cauſou huma deſordem ſuccedida em Cochim na ſua auſencia, que teve por conſequencia o degredo de Simaõ Rangel, innocente, e zeloſo do bem público, para Goa; elle o ſuaviſou com a chegada da náo de Pedro Maſcarenhas, que era huma das da Fróta de ſeu ſobrinho D. Garcia de Noronha, e vinha provido na Fortaleza de Cochim. Outra complacencia ſemelhante teve com a vinda do Embaixador de hum dos Reis mais poderoſos das Maldivas, que ſollicitava a noſſa alliança com a ſubmiſſaõ de vaſſallo, e tributario de Portugal: alternativa dos acontecimentos humanos, que com pezares e prazeres, com felicidades e infortunios hia tecendo a heróica vida do grande Affonſo de Albuquerque.

A proſperidade das armas Portuguezas

zas na India foi acompanhada no principio deste anno do nascimento do Infante D. Henrique, que depois de Cardeal veio a ser Rei destes Reinos. A muita neve, que cahio no dia, em que nasceo, servio de materia aos investigadores dos futuros para preconisarem no Infante huma candura de espirito, que se faria luminosa com a pureza da vida, com a integridade da continencia, com fecundidade de virtude: horoscopo bem levantado pela exactidaõ, com que a liberdade do Infante auxiliada da graça fez verdadeira a lisonja do calculo. Era vulg.

Tornando aos successos de Malaca, os seus moradores depois da partida do Albuquerque se deixáraõ rodear da consternaçaõ, nascida do temor panico, de que a sua ruina sería infallivel ás mãos de tantos inimigos poderosos, que os cercavaõ. Já parecia que chegava a execuçaõ destas idéas tristes, quando se rompeo a voz, de que Lasaman com huma Fróta consideravel vinha levar Malaca a ferro, e fogo. Fernaõ Peres de Andrade para mostrar aos mo-

Era vulg. radores, que para os defender naõ lhes fazia falta o Albuquerque, ſahio a buſcar Laſaman no meſmo rio de Muar, aonde ſe dizia que ajuntava a imaginada Fróta. Patecatir, que havia feito eſpalhar eſta voz falſa, ſe aproveita da occaſiaõ para vir de noite ganhar huma barca noſſa, que defendia a cabeça de huma trincheira. Elle a tomou, e fez a gente priſioneira com o ſeu Capitaõ Affonſo Chainho, ao qual mandou cortar a cabeça, quando Fernaõ Peres, que naõ achou a Laſaman, o foi atacar, o deſtroçou, e o fez mudar de poſto.

A eſta victoria, que acabavaõ de ganhar Fernaõ Peres, e Affonſo Peſſoa, quiz pôr tropeços hum novo Eſquadraõ de 400 Barbaros com tres elefantes na ſua frente armados de Caſtellos, que denodados, e brioſos ſe avançáraõ ſobre as noſſas fileiras. Jorge Botelho matou o que vinha na vã-guarda, e a trópa bem ſervida tomou o partido de retirar-ſe, ficando em noſſo poder o Fórte, que era o refugio de Patecatir chamado Rei de Malaca. Fer-

naõ

naõ Peres, que naõ o perdia de viſta, passados poucos dias o foi inveſtir no novo poſto, aonde ſe entrincheirára com dobrada força. Nunca ſe devem deſprezar os inimigos vencidos, que ſaõ homens, e o eſpirito humano nos abatimentos ſabe recobrar corage. Tanta foi a noſſa confiança neſte choque, que cedemos a Patecatir huma eſpecie de victoria, em que Fernaõ Peres, e Pedro de Faría ficáraõ feridos, e mórtos no campo doze homens, em que entráraõ Rodrigo de Araujo, perda ſenſivel, Chriſtovaõ Maſcarenhas, Antonio de Azevedo, Jorge Garcez, e Chriſtovaõ Pacheco. Era vulg.

Patecatir ſoberbo com a ſua vantagem, aviſou a Laſaman, para que unindo a ſua Fróta com a do Rei de Darguim, vieſſem ambas ſoccorrello no ſitio, que deviaõ pôr a Malaca. Fernaõ Peres de Andrade poupou o caminho a Laſaman, buſcando-o no meſmo porto de Muar, aonde ſe atacáraõ os dous Chéfes com hum valor taõ igual, que durou dous dias o combate, ſempre indeciſa a fortuna. Cedêraõ em fim, e

Era vulg. ſe pozeraõ em fugida os inimigos mais atemoriſados da corage Portugueza, que da ſua meſma mortandade, do incendio de algumas das ſuas náos, do deſtroço de outras varadas em terra, que tambem foraõ paſto do fogo. Quando Fernaõ Peres ſe recolhia victorioſo a Malaca, entravaõ no ſeu porto com tres náos os Capitães Franciſco de Mello, Jorge de Brito, e Martim Guedes mandados da India pelo Albuquerque com muitos obreiros para trabalharem na Fortaleza, e na fabrica de ſeis galéz novas, que nos aſſeguraſſem a ſuperioridade daquelles mares.

A falta de mantimentos, que ſe padecia na Cidade, obrigou o meſmo Andrade a ir buſcallos no corſo pelo Eſtreito de Cincapura. O primeiro encontro, que teve, foi com hum grande junco de Patecatir carregado delles, que trouxe para Malaca. Lopo de Azevedo, e Jorge Botelho ſahíraõ com igual deſtino, e voltáraõ com outros tres juncos do meſmo dono, que fornecendo Malaca com abundancia, reduzíraõ o campo de Patecatir a huma fome

me extrema. Pouco depois chegáraõ Gomes da Cunha do Reino de Pegu com huma náo carregada de viveres, e Antonio de Miranda da ſua Embaixada de Siaõ muito favorecido do ſeu Rei, com raridades eſtimaveis, com generos, e mercadorias de grande preço. Era vulg.

Ruy de Brito Patalim, Governador de Malaca, informado da neceſſidade, que padecia a gente de Patecatir depois da perda dos ſeus juncos, mandou a Fernaõ Peres, que foſſe deſalojallo do campo, que occupava para tirar a Malaca o ſuſto deſte eſpantalho transformado, e contrafeito Principe. A eſte tempo já elle ſe havia alliado com o Principe Alodin, e com Laſaman para ſer a guerra mais vigoroſa pela uniaõ de tres intereſſados. Com todos ſe portou Fernaõ Peres taõ façanhoſo, que Patecatir deſtruido abandonou as viſinhanças de Malaca, e com a ſua familia, e theſouros ſe retirou para o Reino de Java. Alodin naõ quiz eſperar golpe ſemelhante, e recolheoſe com tempo para a Ilha de Bintaõ.

Era vulg. Faltava o deſtroço de Laſaman para ſer completo o triunfo de Fernaõ Peres; mas quando elle mandava virar as prôas em ſua demanda, ſoube que o inimigo fizera huma retirada mais vergonhoſa, que as dos dous chamados Principes de Malaca, ſem que já mais foſſe ouvido o nome de Laſaman: época eſta bem feliz, em que a Cidade entrou a goſtar as doçuras da victoria, ſem ſe nauſear com os deſabrimentos do combate.

Quando Malaca gozava eſtas proſperidades, o Albuquerque em Cochim naõ ſe deſcuidava dos apreſtos neceſſarios para Goa poſſuir outras ſemelhantes. Elle teve meios de os fazer bem promptos com a chegada das quatro náos da Eſquadra de ſeu ſobrinho D. Garcia de Noronha, que o anno paſſado invernára em Moçambique, e trazia na ſua conſerva outras duas, que no preſente ſahíraõ de Lisboa. A mais forte, que mandava Jorge de Mello, ſe compunha de oito náos, e a ſegunda, que vinha ás ordens de Garcia de Souſa, era de quatro, nas quaes vinhaõ mais

de

de 2ↀooo ſoldados, e que no dia 20 de Agoſto déraõ a Cochim huma agradavel viſta. O Albuquerque taõ poderoſo naõ quiz differir por mais tempo o ſeu reſentimento contra Roſalcaõ, nem conſentir no ſeu dominio de Benaſtarim hum jugo pezado ſobre Goa. Elle ſe embarcou com toda a gente em huma Armada de dezaſeis náos, acompanhado de D. Garcia, e de Pedro Maſcarenhas, que naõ obſtante eſtar occupado no governo de Cochim, esforço algum foi baſtante a impedir-lhe jornada de tanta honra, que naõ ſeguio Jorge de Mello, por ir tomar poſſe do governo de Cananor. Era vulg.

A Armada fez alto em Baticala, em quanto ſe requeria da parte do Governador ao Chéfe da Cidade lhe reſtituiſſe huma náo de Calecut carregada de pimenta, que tinha ſido conſtrangida a tomar aquelle porto, havendo-a vendido hum Arabe a Simaõ Rangel. Naõ ſe atrevendo o Chéfe a recuſar a entrega, o Governador mandou a náo para Cochim. Em Onor o perſuadio Melrrao naõ demoraſſe a empreza de

Be-

Era vulg. Benaſtarim, por lhe conſtar com certeza que o Hidalcaõ fazia levas para formar hum corpo de 20 mil homens deſtinados para a Ilha de Goa. Sobre eſte aviſo o Albuquerque apreçou a marcha, e apenas chegou, bateo a Praça com o fogo da Armada. Hum dos noſſos artelheiros teve a felicidade de deſmontar hum groſſo canhaõ dos inimigos, que nos incommodava mais, que o reſto da ſua artelharia: mas naõ obſtante eſta vantagem, o Governador determinou vir a Goa para diſpor os meios de ſitiar a Benaſtarim com formalidade.

Bem entendeo Roſalcaõ pela retirada do Governador, que o ſeu deſignio era atacallo por terra. Para lhe cortar o paſſo fez ſahir da praça hum groſſo deſtacamento de Infantaria, que elle cobria na téſta de 250 cavallos. Avançou-ſe Roſalcaõ até ao ſitio chamado as duas Arvores, naõ longe de Goa. D. Garcia de Noronha, Manoel de la Cerda, Pedro Maſcarenhas, Lopo Vaz de Sampayo, os mais Fidalgos, e Officiaes com quatro mil homens,

mens, e hum impulso bem proprio da sua magnanimidade, leváraõ os inimigos a golpes, até os metterem pelas portas de Benastarim. Esta acçaõ se passou com tanto ardor da parte dos Portuguezes, que chegando á raiz das muralhas, se serviaõ dos piques, e alabardas, como de huma especie de escadas, para sobirem ao assalto. O Albuquerque, vendo a gente exposta a todo o fogo da Praça, já mórtos Diogo Correa, que fora Capitaõ de Cananor, Jorge Nunes de Leaõ, Martim de Mello, e mais de cem feridos, em que entravaõ os primeiros Fidalgos, mandou tocar a recolher. Era vulg.

Para se formar o sitio com regularidade determina o Governador postar sobre ferro as náos nas paragens, donde podessem batter Benastarim. Elle marchou por terra com tres mil Portuguezes, em que entrava bom número de Fidalgos, e dous córpos de Canarins, e Malabares, que mandavaõ Crisna, e Rulabranco. Foi Benastarim investida por mar, e terra; mas se os sitiantes bem a atacáraõ, os sitiados me-

lhor

Era vulg. lhor a defendêraõ. A Praça eſtava rodeada de muros mui largos, com muitas torres, donde ſem ceſſar ſe fazia fogo dia, e noite. Só a fome atemoriſava aos defenſores, que eraõ muitos, e quanto maior o número, menos ſe reſiſte áquelle voraz inimigo. Elle ſó obrigou Roſalcaõ a fazer huma ſahida vigoroſa, que forçaſſe o noſſo campo a retirar-ſe para buſcar remedio á neceſſidade commua.

O primeiro repelaõ foi taõ violento, que deitou a terra a trincheira de Manoel de Souſa Tavares, Commandante da artelharia, que ficou ferido, e os ſoldados com a fórma perdida. Como a fome fazia creſcer a raiva, no ſegundo impulſo padeceo maior deſordem a trincheira de Garcia de Souſa; e ella paſſaria a completa na de D. Garcia de Noronha, ſe a tempo naõ acodiſſe Pedro Maſcarenhas, que na téſta de hum batalhaõ, fez reunir os ſoldados diſperſos, metteo-os no fogo, e tanto os chegou aos inimigos, que depoſto o uſo de todas as outras armas, viéraõ os Portuguezes a puchar pelas eſ-

eſpadas. Entaõ foi tal o terror dos Barbaros, que fugíraõ para a Praça com a felicidade de naõ perderem hum ſó homem neſta refrega. O Governador, reſtabelecidos os póſtos, e determinado a impedir outras tentativas ſemelhantes, até que a miſeria ſem perda de vidas obrigaſſe a render Benaſtarim, fez dilatar as linhas do campo, que ficou coberto ás irrupções dos contrarios. Era vulg.

Os inimigos, que á viſta deſte trabalho tivéraõ a entrega por inevitavel, opprimidos da fome, cançados da continuaçaõ do ſitio, batêraõ a chamada, e pedíraõ capitulaçaõ. O Governador a concedeo com a clauſula de ſer ſó elle o author dos Artigos, que ſe reduzíraõ: Á entrega da Praça com toda a artelharia, armas, munições, e cavallos, que eſtavaõ nella: Á dos ſetenta apoſtatas, e deſertores, que haviaõ renunciado o Chriſtianiſmo, e fugido do ſerviço do ſeu Rei, com promeſſa de lhes naõ tirar as vidas: Á das caravellas, que tomára Pulatecaõ no paſſo de Naroa, e todas as mais fuſtas, que havia na Ilha: Que a guarniçaõ podia reti-

Era vulg. tirar-ſe com todo o ſeu movel para a Terra firme; mas deſarmada, ſem alguma das honras militares. Executáraõ os Barbaros com pontualidade eſte vergonhoſo Tratado, e ao meſmo tempo que elles paſſavaõ para o Continente, o Governador tomava poſſe de Benaſtarim.

Elle ſe recolheo a Goa, para onde mandou ir os ſetenta infames, que ſe levavaõ ſegura a vida em virtude do Tratado, huma epiqueia igualmente piedoſa, e politica, arbitrou meio para ſe fazer nelles hum exemplo público, que abſtiveſſe aos relaxados, aos fracos, aos puſilanimes de cahirem nas enormidades deſta natureza. Ordenou o Governador, que a todos elles, ſem exceptuar o abominavel Cavalleiro Fernaõ Lopes, lhes foſſem cortados os narizes, as orelhas, as mãos direitas, e os dedos polegares das eſquerdas, como marcas infames, que a todos denunciaſſem a ſua trahiçaõ, e apoſtaſia. Fernaõ Lopes foi depois deixado ao deſamparo na Ilha de Santa Helena, aonde quiz expiar os crimes com as plantas,

tas, e arvores, que fez criar nella com admiravel ſagacidade, e indúſtria, para que as noſſas náos, que navegaſſem para a India achaſſem melhor cómmodo neſta chamada *Eſtallagem do Mar.* Era vulg.

CAPITULO II.

Das ultimas vantagens dos Portuguezes na India eſte anno de 1512, *e ſucceſſos do meſmo anno em Africa.*

AFFONSO de Albuquerque, que depois de huma ſérie continuada de victorias podia deſcançar á ſombra da ſua reputaçaõ, cortados, e temeroſos ſeus inimigos, ſem alentos para deſembainharem as armas; elle entrou a recolher os fructos de tantas vantagens em novas diſpoſições, que cada vez fizeſſem mais brilhante o nome Portuguez na Aſia. Já deſneceſſarias em Goa tantas náos, e tantos homens, mandou a D. Garcia de Noronha vieſſe para Cochim deſpachar a Fróta, que havia partir para o Reino; e que depois cruzaſ-

ſe

Era vulg. ſe com a que levava nos mares de Calecut, para lhe naõ eſcaparem naquelle anno as náos de Meca. Deſpedio com outra eſquadra a Garcia de Souſa para dar aviſo aos Mercadores, que os cavallos da Perſia os trouxeſſem a Goa, aonde ſe lhes rebaixaria huma conſideravel parte dos direitos: perda, que facilmente ſe reſtituiria com a quantidade de cavallos, de que ſe faria hum monopolio em Goa para ao depois ſe venderem por alto preço aos Eſtrangeiros.

Da meſma reputaçaõ do Governador naſcia o cuidado, com que ſollicitavaõ a noſſa alliança, naõ ſó os Reis viſinhos, mas ainda os mais diſtantes das noſſas Praças. O de Vengapor, que confinava com os Eſtados do Hidalcaõ, foi o primeiro, que depois da tomada de Benaſtarim mandou hum Plenipotenciario ao Governador com o rico preſente de ſeſſenta jaezes magnificos; pedindo a alliança com Portugal debaixo das condições de fornecer a Goa de todos os mantimentos, de que neceſſitaſſe, e de fazer a guerra ao Hidal-

dalcaõ, cada vez que nos fosse conveniente; permittindo-lhe elle comprar naquella Cidade 300 cavallos cada anno. Esta propoziçaõ taõ vantajosa por si mesma, o Albuquerque a acceitou gostoso, e com hum presente brilhante ordenou a Gaspar Chanoca, que voltava a Narsinga pedir ao seu Rei o porto de Baticala, fizesse caminho pela Corte de Vengapor para da sua parte gratificar, e agradecer ao Rei as suas boas, e officiosas vontades. Era vulg.

Ao mesmo tempo que o Governador pedia ao Rei de Narsinga a Baticala, que era hum porto mal habitado pelos seus vassallos, com pouco commercio de Estrangeiros, e agora conveniente para o dos cavallos, que vinhaõ a Goa, o Hidalcaõ lhe enviava dous Embaixadores a pedir o ajuste da paz firme, e duravel, com a permissaõ de nos comprar cavallos, quando os necessitasse para a guerra. O Governador tratou estes Ministros com distinções especiaes, e com elles mandou ao Adail Diogo Fernandes de Faria para concluir, e formar o Tratado dos ajus-

Era vulg. ajuſtes. Meliqueaz por hum Emiſſario ſe congratulou com elle pela conquiſta de Malaca, pelo rendimento de Beneſtarim, enviando-lhe de preſente huma náo carregada de refreſcos. O Rei de Cambaya lhe mandou outro Embaixador, que trouxe todos os Portuguezes captivos naquelle Reino: tudo effeitos admiraveis do crédito bem eſtabelecido do grande Albuquerque, merecedor pelas ſuas façanhas, de que ſe lhe inclinaſſem officioſas as Coroas mais luminoſas do Oriente.

Se tantos Miniſtros Eſtrangeiros na Corte do Governador da India deſafiavaõ as delicadezas da ſua civilidade, elle a apurou com Mattheus, que o Preſte Joaõ da Ethiopia enviava a Liſboa por ſeu Embaixador a El-Rei D. Manoel. O Albuquerque para moſtrar ao meſmo tempo a tanta publicidade de gentes a ſua piedade á Religiaõ Catholica, que eſte Miniſtro profeſſava, o recebeo com huma prociſſaõ ſolemne, em que fez levar a precioſa Reliquia da Santa Cruz, que elle trazia para da parte de ſeu Amo a offerecer em

Liſ-

Lisboa ao Rei, acompanhando este apparato pio huma pompa magnifica, e brilhante. Nesta acçaõ foi indizivel o júbilo dos espiritos Portuguezes, por verem nas Regiões taõ remotas da Europa o Ministro de hum Rei Christaõ, que com tanto culto, e respeito tratava o madeiro da verdadeira Cruz para confusaõ dos Novadores, que desprezaõ o que nós rendemos ás Reliquias adoraveis, confórme ao uso introduzido até agora do tempo da Igreja primitiva, que elles crêm verdadeira, Catholica, e Apostolica. Era vulg.

Continuando a reputaçaõ do Albuquerque a produzir os seus effeitos, o número dos Ministros Estrangeiros cresceo em Goa com a chegada dos Embaixadores de Ormuz; mas o que entaõ levava mais as attenções, foi o modo com que se conduzio a nosso respeito Naubeadarim, novo Rei de Calecut nomeado por seu Tio o velho Çamorim Apparecêraõ sobre a barra daquella Corte as náos de D. Garcia de Noronha. Immediatamente lhe escreveo Naubeadarim, protestando o muito ob-

se-

Era vulg. ſequio, de que os Portuguezes lhe eraõ devedores; que todos ſabiaõ a grande inclinaçaõ, que ſempre lhes tivera; que ella o movia a offerecer-lhe a paz da parte de ſeu Tio, e lugar para ſe fazer nos ſeus Eſtados a Fortaleza, que nós ſempre deſejámos. O Governador com extrema complacencia acceitou a propoſta, mutuamente ſe firmou o Tratado, e para conſtruirem a Fortaleza em Calecut deſpedio logo a Gonçalo, e a Franciſco Nogueira, a Gonçalo Mendes, e elle ſe preparou para a jornada de Adem, encarregando a Pedro Maſcarenhas o governo de Goa.

Eſtes foraõ na India os ſucceſſos memoraveis do anno de 1512, a que correſpondêraõ naõ menos luminoſos os de Africa. Corria o mez de Junho, que ſaſona os fructos da terra, quando Barraxe, e Almandarim ſe reſolvêraõ a caſtigar com a aſſolaçaõ dos campos aos Mouros tributarios de Portugal. Na frente de trópas numeroſas entráraõ elles pelos territorios de Arzila, e quanto nelles havia foi paſto do fogo. Paſſou a lavrar o incendio nas ſeáras de

Tan-

Tangere, aonde as columnas de fumo impediaõ as luzes do Sol. D. Duarte de Menezes, que governava esta Praça, sensivel ao clamor dos Mouros amigos, e prejudicados, determinou reparar-lhes o damno, antes que se fizesse geral. Em quanto os batedores exploravaõ o campo, elle se posteu á porta da Praça na tésta de 200 cavallos, e 300 infantes, esperando as noticias, que elles lhe trouxessem. Era vulg.

Informado de que os inimigos eraõ muito superiores em número, que estavaõ acantonados nas faldas de huma montanha, aonde se naõ podia chegar sem romper muitos desfiladeiros, D. Duarte se avançou para coroar a montanha; mas os Mouros, ou naõ querendo ser forçados no mesmo posto, ou para levarem os Portuguezes mais longe de Tangere, aonde naõ podessem ser soccorridos, fingíraõ huma retirada. D. Duarte, que lhes percebeo a idéa, e naõ esperava mais soccorros, que os do seu valor, os foi seguindo. Elles voltáraõ cáras, e com os seus costumados alaridos se movêraõ ao com-

Era vulg. bate. Entaõ lhes disse Barraxe: Camaradas, com esforço, naõ com vozes, he que se atacaõ Portuguezes: elles saõ pouco sensiveis a gritos, que o vento leva: callai as boccas, apertai os punhos.

Quando elle assim fallava, o bravo Pedro Leitaõ com sessenta cavallos o investia, sustentando impavido o primeiro impulso da multidaõ dos Barbaros, que o rodeavaõ. D. Duarte, que do seu posto observava a impetuosidade dos Mouros, mandou á Infantaria, que os investisse pelo flanco; elle os busca com a cavallaria pela frente; he geral a refrega; saltaõ em terra os turbantes pegados ás cabeças; Almandarim he o primeiro, que foge com cem cavallos perseguidos pelo Leitaõ, que os vai fazendo em póstas; Barraxe sem esperanças de deixar de perder a vida, ou a liberdade, por despenhadeiros intrataveis se salva em huma montanha. Em fim, com a perda de cinco mórtos, e de vinte e tres feridos compramos huma gloriosa victoria, em que tiramos a vida a 600 Barbaros, fizemos 200 capti-

ptivos, tomámos carregados de riquezas 250 camellos, e cavallos, entrámos ricos, e gloriosos em Tangere, aonde a primeira acçaõ de D. Duarte foi encaminhar a marcha de toda a trópa ao Templo para dar as graças ao Senhor das victorias. Era vulg.

Em quanto succediaõ estas cousas em Tangere, naõ estavaõ ociosos os fronteiros de Çafim. Os Mouros seus Comarcãos, e tributarios, sugeridos pelos Reis de Féz, e de Marrocos, duvidavaõ pagar os feudos costumados. Alguns permanecêraõ constantes na fidelidade; mas os rebeldes determinou Nuno Fernandes de Ataide, que fossem castigados. Com este designio mandou a Lopo Barriga atacar a cabeça das Capitánias de Bida, onze legoas distante de Çafim, plantada no outeiro de Xiatima junto ao Rio Arguz. O nosso Alliado Abentafut se incorporou com a gente de Lopo Barriga, e andáraõ ambos pelas Aldêas na cobrança dos tributos, que se deviaõ. Os de Xiatima injuriados desta, que chamavaõ extorsaõ, fizéraõ entender aos ou-

 tros

Era vulg. tros Mouros ſeus viſinhos, que violencia ſemelhante era huma cauſa commua, que elles conformes deviaõ repelir: Com 800 cavallos ſoccorrêraõ os convidados aos de Xiatima, que marcháraõ a inveſtir o Caſtello de Mirabella, aonde Abentafut fazia a ſua reſidencia.

Naõ tinha elle entaõ mais de 160 cavallos; mas pedindo auxilio aos Dabidenſes confederados, para moſtrar aos de Xiatima, que naõ os temia, ſahio a eſperallos no campo. O alentado, e fiel Capitaõ, naõ ſó conſeguio deſbaratar aos ſeus inimigos neſte encontro; mas reſtaurou os negocios de Portugal, deixando os Mouros ſobmettidos, effectiva, e deſembaraçada por aquella parte a cobrança dos tributos. Para ſe lograrem as meſmas vantagens pela de Azeze, Aldêa poderoſa ſituada no monte do Ferro, Nuno Fernandes mandou ſobre ella a Lopo Barriga com Abentafut, que a deſtruíraõ. O meſmo ſuccedeo aos Mouros de Tazarot, que reſolutos a deſpicar a affronta dos ſeus amigos de Azeze, o meſ-

mesmo Nuno Fernandes os atacou em pessoa, obrigando-os a retirar-se menos vaidosos, mais diminuidos. Era vulg.

Como El-Rei D. Manoel tinha grande cuidado, em que a mocidade illustre se instruisse na Aula de Marte, que estava sempre aberta em Africa, mandou para Çafim a D. Joaõ de Menezes, filho do Conde da Tarouca, e a D. Alvaro de Noronha, que depois foi Governador de Azamor, cada hum com cem cavallos para servirem, e em tudo estarem ás ordens de hum Professor taõ sábio na sua Arte, como Nuno Fernandes de Ataide. Como estes dous Fidalgos só respiravaõ desejos de se assignalar, a occasiaõ se offereceo, Nuno Fernandes fez-lhes o gosto, naõ os quiz ociosos. Os moradores de Almedina, huma das Cidades mais nobres da Provincia de Ducala, a respeito da soluçaõ dos tributos estavaõ divididos em bandos, huns a favor de Portugal, outros de Féz. Nuno Fernandes intentou fazer a sua espada o arbitro desta discordia: com ella na maõ amanheceo hum dia diante de Almedina,

co-

Era vulg. cobrindo a frente de 400 cavallos, e de poucos infantes.

A numerosa guarniçaõ de 6ϕ000 homens de pé, e de 600 de cavallo, que já sabia da nossa marcha, quando D. Alvaro de Noronha com parte da gente marchava a atacar a porta de Marroços, e Nuno Fernandes com D. Luiz de Menezes se movia á que lhe ficava opposta; elles as achárão abertas, e aos Mouros formados em batalha com a reta-guarda nos muros esperando a visita. Os Portuguezes foraõ acomettidos com impeto taõ bizarro, que retrocedêraõ; mas sempre com cáras ao inimigo, que perdeo vinte homens, e elles tres. Applacou-se a escaramuça, e sem mais vantagem, entendeo o nosso Chéfe, que devia recolher-se a Çafim. Póde ser, que com esta retirada se quizesse conservar inteiro para subprender os Aduares dependentes de Almedina, aonde nada obrou por ser sentido antes de tempo.

Os Barbaros reforçados pelo Rei de Marrocos, e pelo Senhor da Serra, fiados no número viéraõ plantar o campo

po a tres legoas de Çafim, quando nesta Praça havia 700 cavallos, entrando cem, que D. Nuno Mascarenhas agora trouxéra de Portugal. Quiz Lopo Barriga saber as forças dos Mouros, e huma noite com 30 cavallos forçou a guarda do campo, matou seis, e captivou quatro. Das informações que estes nos déraõ, resultou marchar o mesmo Official no dia seguinte com 150 cavallos, e D. Nuno Mascarenhas com os cem da sua companhia, cobrindo-lhes o Governador a reta-guarda. Já perto dos inimigos D. Nuno se pôz de emboscada; Lopo Barriga os acometteo, degollou cinco, prendeo quatorze, fez huma grande preza de gados, e se retirou, para onde estava D. Nuno. Entaõ cahio sobre elle a multidaõ dos Mouros picados do seu atrevimento: sabe D. Nuno da emboscada, e se travou entre todos o choque mais desesperado, que até entaõ fora visto na campanha de Çafim. Muitos dos nossos ficáraõ desmontados, alguns feridos, nenhum morto; mas das marchas, e do combate taõ fatiga-

Era vulg.

ga-

Era vulg. gados, que o Governador, abandonadas 20 mil cabeças de gado, se recolheo com elles para a Praça.

Desejoso de desaffrontar esta apparencia de menos vantagem, o bravo Ataide, sabendo que o Exercito do Rei de Marrocos acampava junto ao Cabo de Cantim, deo ás suas trópas oito dias de descanço, e huma noite a tempo que o Rei ceava, se lançou sobre dous Aduares, que captivou. Quando se recolhia com 300 prisioneiros, e muitos gados, as trópas do Rei o assaltárão, e perseguírão toda a noite com tal diluvio de armas de arremeço, especialmente pedras, que o lugar do combate ficou chamado *o campo das pedradas*. Sem mais perda que a de hum ferido, elle entrou com todo o despojo em Çafim. Sabendo pouco depois, que o Rei mudára o campo para a Serra de Benimagra, o Chéfe infatigavel determinou subprendello.

Elle com 500 cavallos Portuguezes, e Abentafut com hum Esquadrão dos seus Mouros o assaltão a favor da noite. Os Barbaros atonitos com a continua-

nuaçaõ dos inſultos, com a fúria do repelaõ, mettidos em deſordem, cuidáraõ mais em ſalvar-ſe, que em defender-ſe. O Rei, porque fugio em hum cavallo em oſſo, eſcapou de ſer prezo; a ſua ſoberba ficou abatida, as ſuas forças deſtroçadas, o ſeu pavilhaõ, huma das ſuas principaes mulheres, muitos Nobres em noſſo poder: captivos 400, deſpojos immenſos, gados em grande cópia, que tudo com marcha lenta viemos conduzindo a Çafim, ſem haver em todo o caminho quem de nada nos pediſſe contas. Era vulg.

Uniformidades de ſucceſſos na Hiſtoria, parece que ſaõ capazes de nauſear os eſpiritos; mas os de Nuno Fernandes de Ataide ſaõ taõ heróicos, que fazem a repetiçaõ deleitavel. Poucos dias depois da victoria referida ſe deixáraõ vêr dos muros de Çafim as trópas attrevidas de Almedina commandadas pelo alentado Xeque Jahomazonde, que quiz enganar-nos com emboſcadas. Lopo Barriga com 160 cavallos os ataca por hum lado, por outro Nuno Gato com força ſemelhante. Eſte re-

Era vulg. retrocedia a 700 Barbaros, que o carregavaõ; mas ſoccorrido pelo ſeu camarada, tanta preſſa ſe déraõ em vencer, que os inimigos voltáraõ cóſtas, ſopportando por eſpaço de huma legoa golpes horrendos com eſtrago laſtimoſo. Lopo Barriga, a troco de feridas perigoſas, cortou pelas proprias mãos a cabeça ao Xeque Jahomazonde, que trouxe arvorada em hum pique, e a plantou em huma das pórtas de Çafim por troféo do ſeu valor. A ſua entrega, para ſe lhe fazerem as honras da ſepultura, foi depois o preço da paz com os Mouros da Xerquia. Eſta paz, como nos diminuia o número dos inimigos, deixou a Nuno Fernandes de Ataide mais deſembaraçado para a guerra com o Rei de Marrocos, e com o Xarife, que ſerá a materia do Capitulo ſeguinte.

CA-

CAPITULO III.

Continùa a guerra de Africa, e os ſucceſſos do Reino de Congo.

FORMIDAVEL o nome de Nuno Fernandes de Ataide em Africa, elle ſe determina a avançar a reputaçaõ propria, e o terror nos Barbaros de Marrocos com façanhas novas. Como os Pôvos da Xerquia ſe ſubmettêraõ, e Abentafut abonava a ſua fidelidade, elle, e o Ataide uniraõ as ſuas reſpectivas gentes para fazerem a guerra ao Rei de Marrocos, e ao Xarife, conjurados para a ruina de ambos. Tinhaõ elles os ſeus Reaes na ſerra de Montes Claros, doze legoas diſtante de Çafim, no lugar que chamaõ Duaõ. Ordenou o Chéfe a Lopo Barriga, e a Abentafut foſſem explorar o campo contrario pelo lado do monte Athlas. Informado da ſua poſitura, ſe reſolveo atacallo de improviſo; mas com impulſo taõ vehemente, que os Barbaros em eſtado de naõ ſe defenderem, nem ſe ſalvarem, foraõ Era vulg.

Era vulg. raõ degolados mil ſobre a marcha, ficáraõ 150 captivos, e tomamos toda a bagagem, que enriqueceo a guarniçaõ de Çafim.

Os Portuguezes mais animados com eſta victoria, immediatamente entraraõ pelo territorio de Xiatima, que deixáraõ aſſollado com muitos mórtos, e alguns captivos. A noticia deſta irrupçaõ forçou o Xarife a plantar-ſe na téſta das ſuas trópas para nos combater a todo o riſco. Lopo Barriga, e Abentafut com ardor igual lhe ſahíraõ ao encontro, e depois de hum choque bem diſputado, a victoria ficou indeciſa; mas nós tivemos a vantagem de prender a hum filho de Mezeára, Rei de Dará. Com pouco intervallo de tempo os meſmos Chéfes marcháraõ ſobre o lugar de Tanli no territorio de Xiatima, que quizéraõ levar á eſcala. Os ſeus moradores, que naõ tinhaõ mais exercicio, que o de cuidar na multiplicaçaõ das abelhas, e ſabiaõ por experiencia quanto ſaõ duras de ſoffrer as picadas dos ſeus ferrões; elles trouxéraõ aos muros quantidade de colmêas,

a

a que déraõ fogo para exaſperar a có- Era vulg.
lera dos habitantes dos cortiços : lançáraõ-os ſobre os Portuguezes, que incommodados pelas ferroadas das induſtrioſas artiſtas do mel, lhes cedêraõ a victoria. Animáraõ-ſe os Barbaros com a ſua inquietaçaõ para deſpedirem armas de arremeço, que lhes feríraõ alguma gente.

Como a conquiſta de Tanli era couſa de pouca importancia, Barriga, e Abentafut ſe retiráraõ para Aguz a ajuſtar os meios de ſe defenderem do Rei de Marrocos, que marchava com grande Exercito. Tinha entaõ chegado a Çaſim com boas trópas Nuno da Cunha, que depois foi Governador da India: ſoccorro, que veio a tempo para Nuno Fernandes reforçar os dous Cabos acantonados em Arguz com eſte hoſpede na téſta de 200 cavallos. No primeiro encontro com os inimigos a perda de ambas as partes foi conſideravel; mas nós tivemos a vantagem infeliz de prender hum Mouro aſtuto, que mettido a tormento para declarar as idéas do Rei de Marrocos neſta guerra, de-

cla-

Era vulg. clarou: Que Abentafut tinha huma intelligencia ſecreta com o meſmo Rei; que elle lhe fazia aviſos de quanto ſe paſſava entre os Portuguezes; e que ſe elles naõ preveniſſem as conſequencias de ſemelhante perfidia, o ſeu damno ſeria inevitavel.

Huma noticia deſta importancia, que Nuno Fernandes havia averiguar antes de partir, de tal ſórte o ſubprendeo, que ordenou a Lopo Barriga, e a Nuno da Cunha ſe apartaſſem ſem demora da companhia de Cide Abentafut. Naõ obedeceo a eſta ordem D. Rodrigo de Caſtro, que com tres criados ſe fez delle iſſeparavel. O Mouro generoſo, offendido de procedimento ſemelhante, naõ quiz levallo em ſilencio, nem ſoffrello palmado. Elle enviou hum expreſſo a Nuno Fernandes com huma carta, em que lhe dizia: Que até ao fundo da alma o feria a injuſtiça, que com a ſua peſſoa acabava de ſe uſar: que ſe admirava de hum General da ſua prudencia differir taõ cégamente aos conſelhos, e noticias de hum Mouro ladraõ, e infiel, quando

os

os ſeus ſerviços feitos á Coroa de Portugal o punhaõ a coberto de toda a calúmnia; que para confundir aos ſeus emulos, para dar as ultimas próvas da fidelidade de vaſſallo, que jurára ſer del Rei D. Manoel, marchava já com tres mil homens de cavallaria todos da ſua gente a dar huma batalha ao Exercito formidavel do Rei de Marrocos, na qual a ſua mórte, ou o ſeu triunfo foſſe o pregaõ immortal da pureza incontraſtavel dos ſeus ſentimentos. Era vulg.

Com eſta carta ficou Nuno Fernandes corrido, ſem outro recurſo, além do arrependimento, para a ſua credulidade facil. Elle deſpedio logo a Henrique de Parada com doze Cavalleiros para levar a Abentafut a reſpoſta com tantas deſculpas, que bem perſuadiſſem ao aggravado a confiança extrema, que ſempre tivera nelle; e que no dia ſeguinte a vería confirmada no ſoccorro de 500 cavallos, que lhe mandava para ir atacar o campo do Rei de Marrocos. O bravo Abentafut ſem eſperar a reſpoſta do Ataide, marchou á ſua expediçaõ, e quando chegou Parada já elle

hia

Era vulg. hia no alcance dos inimigos vencidos. Occupado das imagens da injuſtiça, que ſe lhe fizéra, com os ſeus tres mil cavallos ſe lançou taõ furioſo ſobre os córpos avançados do Exercito, que levando-os de tropel ſobre o groſſo do campo, o metteo em deſordem, naõ deixando ao Rei, e ſoldados mais acordo, que para a fugida.

Neſta victoria, a todas as luzes admiravel, foi horrivel a mortandade eſpecialmente no alcance. Os captivos foraõ muitos, os deſpojos immenſos, todo o campo ficou no poder dos vencedores. Depois de tudo concluido chegáraõ Lopo Barriga, e Nuno da Cunha com os 500 cavallos, que viéraõ ſer teſtemunhas da glória de Abentafut, do orgulho abatido do Rei de Marrocos. Todos os noſſos Officiaes no meio da complacencia de feito taõ cheio de honra, que teve por author a hum Mouro fiel com tres mil homens valentes; elles naõ podiaõ diſſimular a dôr de naõ participarem della pela credulidade facil de Nuno Fernandes contra hum homem inculpavel na fideli-

da-

dade, que nos havia promettido. Entaõ se desatáraõ as vozes do escandalo em reprehensões contra o Chéfe, que perdêra para si, e naõ deixára adquirir aos outros a reputaçaõ de huma das maiores façanhas, que se tinhaõ visto em Africa: façanha, que era bastante para immortalizar nos nossos Fastos o nome de Cide Haya Abentafut. Como o seu estrondo soava em toda a parte, Nuno Fernandes para impedir com alguma acçaõ naõ vulgar o golpe, que elle podería descarregar no seu crédito, ordenou aos nossos dous Commandantes, que com os 500 cavallos, que tinhaõ em campo, atacassem huma fórte Praça na Comarca de Xiatima, e que a todo o preço a rendessem. Elles executáraõ a ordem com tanto de exactidaõ, e de rigor, que levando a Praça de assalto, quasi toda a guarniçaõ foi passada á espada. Era vulg.

Quando se obravaõ estas gentilezas em Çafim, o Rei de Féz para despicar as injúrias recebidas o anno passado sobre Arzila; Barraxe, e Almandarim para se desaffrontarem das muitas, que as nos-

Era vulg. nossas armas lhes tinhaõ feito, viéraõ com Exercitos numerosos sobre Arzila, e sobre Tangere. Como nestas invasões, além da mórte de D. Diogo Coutinho, irmaõ do Conde de Marialva, nada succedeo de memoravel, ellas naõ saõ objecto, que nos leve o tempo.

Tantas guerras na Mauritania, tantas Esquadras para a India, despezas enormes em tanta multidaõ de expedientes, em que entaõ se occupava a nossa Corte; nada era bastante para diminuir em El-Rei o ardor do zelo pelos augmentos da Religiaõ no Reino de Congo. Já nós dissemos as Igrejas, que mandára fundar nelle, e os Missionarios, que enviára da Congregaçaõ dos Conegos de S. Joaõ Evangelista para propagarem o Evangelho. O Catholico Rei D. Affonso, que vencêra a seu irmaõ o gentio Panso, quando lhe disputou a successaõ do Reino, para dar a D. Manoel as demostrações mais constantes do seu reconhecimento; nos annos antecedentes mandou para Portugal a seu filho D. Henrique, a seu irmaõ

maõ D. Manoel, e a D. Pedro ſeu primo para ſerem inſtruidos nos Dogmas Catholicos, na lingua Latina, e em outras ſciencias. Era vulg.

Como D. Pedro, que em Lisboa mereceo agrados eſpeciaes aos noſſos Principes, neſte anno teve de voltar a Congo, o Rei D. Manoel enviou com elle novos Miſſionarios, obreiros para a fabrica dos Templos, ornamentos preciosos para os Officios Divinos, preſentes riquiſſimos a El-Rei, e por Embaixador junto á ſua Peſſoa a Simaõ da Silva, Fidalgo honrado. Eſte Miniſtro levava ordem para promover todo o genero de intereſſes do Rei D. Affonſo, e aconſelhar-lhe da parte de D. Manoel, que elle em qualidade de Principe Chriſtaõ devia mandar hum Embaixador a Roma para render obediencia á Santa Sede, e que para o inſtruir no modo de eſcrever ao Papa, hia na ſua companhia hum Juriſconſulto, que tambem lhe serviría de conſelheiro na adminiſtraçaõ da juſtiça. Como eſta Embaixada havia ſer a primeira, que o Rei de Congo mandava a Roma, e o Miniſ-

Era vulg. tro della o meſmo D. Pedro, que tinha de voltar na Fróta de Simaõ da Silva, D. Manoel promettia de a fazer luminoſa á ſua deſpeza com o cortejo de muitos Fidalgos Portuguezes.

Simaõ da Silva deo principio; mas naõ conſummou a Embaixada, em que pelo ſeu fallecimento, o ſubſtituio Alvaro Lopes, Feitor da Fróta, que levava os meſmos Plenos-poderes. Apreſentadas as Credenciaes, Simaõ da Silva explicou ao Rei D. Affonſo as intenções de ſeu Amo a reſpeito dos Eſcudos de Armas, que lhe remettia para recompenſar com eſta Deviſa de honra o merecimento dos vaſſallos, que mais ſe houveſſem diſtinguido no ſeu ſerviço. Elle os diſtribuio, para ſi, e ſeus deſcendentes, por trinta e ſeis Fidalgos, que o ajudáraõ a vencer a ſeu irmaõ o Principe Panſo, como inſtrumentos da glorioſa victoria, que o confirmou na Fé, e lhe adquirio o Reino. Eſte Rei piedoſo, vendo os Religioſos, os ſoldados, os artifices, os ornamentos para os Templos, o preſente de traſtes exquiſitos, cavallos, e jaezes, que

D.

D. Manoel lhe mandava, levantou os olhos ao Ceo, e deo graças ao Todo Poderoſo, que fazia evidente na ſua peſſoa, como todas as couſas concorrem para a felicidade dos que amaõ, e crem no verdadeiro Deos. Era vulg.

Finalmente, D. Pedro deſtinado Embaixador para Roma, tornou a embarcar na noſſa Fróta para voltar a Portugal, acompanhado de doze Cavalleiros diſtinctos, e doze moços nobres, eſtes para ſerem inſtruidos nos noſſos Collegios, aquelles para lhe engroſſarem a comitiva na Embaixada. El-Rei D. Manoel o recebeo em Lisboa com muitas honras, e o preparou para a jornada de Roma, aonde chegou no anno ſeguinte de 1513. O Papa, o Collegio dos Cardeaes, toda a Curia Romana moſtrou huma alegria extrema com a chegada deſte Miniſtro, que era hum Padraõ vivo, hum teſtemunho eloquente do ardor, com que na Ethiopia propagava a Religiaõ Catholica; da obra de piedade, que tinha origem no zelo ſanto do Rei D. Manoel de Portugal.

Apre-

Era vulg. Apresentou o Embaixador ao Papa Julio II. a carta do Rei de Congo, que entre outras cousas dizia: Como o Rei D. Joaõ II. de Portugal o havia arrancado do poder de Satanaz, e entregue nos braços de Jesus Christo; o apartára do horror das sombras, e o mettéra de posse da regiaõ da luz: que D. Manoel com maiores perigos dos seus vassallos, e despeza dos seus thesouros, entranhára os resplendores do Evangelho nos certões tenebrosos da Ethiopia: que elle dava graças ao Ceo pela Providencia especial, que mostrava sobre o Reino de Congo, guardado nos abysmos dos Decretos eternos para receber as verdades reveladas, de que dependia a sua predestinaçaõ: que sendo informado, de que elle na terra era o Vigario de Jesus Christo, a quem todos os Principes Christãos respeitavaõ, como a Pai commum; naõ lhe parecia justo deixar de os imitar na reverencia, nos cultos, nos obsequios; que para estas protestações, e em seu nome lhe beijar o pé, mandava por Embaixador a seu parente D. Pedro, homem

mem de vida proba, e sãos costumes, Era vulg.
que por elle D. Affonso submettería todo o seu Reino á vontade, e imperio da Santa Sede Apostolica. « O Papa respondeo a esta carta com as expressões vivas de huma caridade paternal; despedio com summo agrado ao Embaixador, que veio embarcar a Lisboa, e foi recebido em Congo pelo Rei D. Affonso com prazer extremo, de todo o Reino com alvoroço sem igual. »

CAPITULO IV.

Trataõ-se os acontecimentos da India no anno de 1513.

DEIXOU de ser inconstante a que chamaõ roda da fortuna no Reinado feliz de D. Manoel, ella firme, pregada com dous cravos, hum em Africa, outro na Asia. No fim do anno, que acabó de tratar, quando o estrondo das nossas victorias na Mauritania enchia o mundo de assombros, na Ilha de Java hum Mouro potentissimo por nome Pateonuz preparava, em huma Armada desti- 1513

Era vulg. tinada a conquiſtar Malaca, outro troféo para o noſſo valor invencivel. Eſte Barbaro havia annos, que prevenia poder taõ formidavel; como o de trezentas vélas para promover os intentos de ſeu amigo Utetimuta Raja: primeiro contra o Rei de Malaca, depois contra Affonſo de Albuquerque. Agora que o ſeu amigo já perdêra a cabeça em hum cadafalſo, como a deſpeza eſtava feita, Pateonuz a quiz reſarcir com os deſpojos de Malaca, que ſuppunha rendida ſem mais trabalho, que pôr-lhe á viſta a perſpectiva faſtoſa da ſua Armada.

Juſtamente ſe jactava elle, de que tudo moſtrava ſemblante de favorecer os ſeus deſignios. O Albuquerque, que era o terror dos Indios, eſtava auſente: os Mouros lhe forneciaõ huma multidaõ de homens: elle tinha outra de navios; e para maior avance das ſuas forças, conſeguio com induſtrias ſublevar a gente das duas Ilhas, chamadas a grande, e a pequena Java, viſinhas de Ceilaõ, de quem as ſepára hum pequeno braço de mar. Foi huma grande

van-

vantagem trazer Pateonuz ao ſeu partido eſtes Póvos bellicoſos, que do officio de forjar armas, e fundir metaes, tomaõ hum ar deshumano, que os faz medonhos. Do porto de Javara, Cidade de que Pateonuz era Senhor, ſahio elle com o pompoſo apparato, fazendo-ſe na volta de Malaca. Todos os pórtos por onde eſte paſſava, ignorantes do ſeu deſtino, ſem apparencias de defender-ſe, ſó cuidavaõ nos meios mais honrados de entregar-ſe. A primeira glória eſtava preparada para os Portuguezes, que naõ confrontavaõ com o ſeu valor número de inimigos. Era vulg.

Como na vã-guarda deſtes marchava o terror dos Póvos, depreſſa chegáraõ as noticias a Malaca. O ſeu Governador, Ruy de Brito Patálim, immediatamente ordenou ao Almirante Fernaõ Peres de Andrade ſahiſſe com a Eſquadra a obſervar os movimentos da de Pateonuz. Eſte navegava pelo Eſtreito dos Savens, o Almirante o buſcava pelo de Sabaõ; e como naõ o encontrou, ſe recolheo ao porto, aonde a noticia da vinda de Pateonuz foi tida

por

Era vulg. por falsa. Naõ passou muito tempo, que todo o horisonte visivel da parte do mar naõ parecesse bordado da quantidade de navios grandes, e pequenos, que vindo espalhados, formavaõ huma linha de vasta extensaõ na frente de Malaca. O Governador, que receava ser subprendido, ou ficar mesmo atracado com as náos, que tinha sobre ferro, determinou embarcar-se, levallas, e fazer-se ao mar.

Entendeo o Almirante Andrade, que esta manobra do Governador era huma usurpaçaõ do exercicio do seu posto, hum golpe, que descarregava no seu crédito, e lhe requereo que se recolhesse á Fortaleza para a defender, como era obrigado; que a elle só lhe tocava ir investir aos inimigos no alto mar. Naõ cedeo o Governador; mas o prudente Almirante, preferindo a causa commua á sua razaõ particular, e por naõ fazer mais nublado hum tempo taõ critico, conveio em que embarcassem ambos; elle nas náos, de que o Albuquerque o fizera Almirante; o Governador nos navios destinados á defen-

fen-

fensa do porto de Malaca, com elles Era vulg. o junco de Tuaõ Mafamede; que Ninachetu costearia o longo da terra com as embarcações de remo, em que levava 1500 Malaios bem armados; e que a Fortaleza ficaria encarregada ao Alcaide Mór Ayres Pereira de Berredo.

Tentáraõ os inimigos a entrada no porto de Malaca. Para o impedir, com resoluçaõ que huns chamáraõ atrevida, outros temeraria, se poz na sua frente a nossa Esquadra, que parecia nada em comparaçaõ da dos contrarios. Naõ se podéraõ conter os espiritos intrépidos de Jorge Botelho, que montava hum navio muito veleiro, e de Pedro de Faría, que mandava huma galé, sem lhes mostrarem, que o seu valor naõ se rendia a apparencias antes de experimentarem os golpes. Elles rompêraõ por toda a Armada de Pateonuz; chegáraõ á falla com elle no bórdo da sua Almiranta, que servíraõ com duas bandas de artelharia; mas esta confiança naõ lhes servindo para mais, que darlhes a conhecer a necessidade de obrarem unidos contra huma monstruosida-

de

Era vulg. de de adverſarios, elles voltáraõ á incorporar-ſe com os camaradas.

Naõ ſó a retirada deſtes dous Officiaes, ſenaõ os movimentos do inimigo, que trabalhava para rodear a noſſa fróta; o Governador por naõ perder a vantagem da fórma, foi obrigado a cozer-ſe com a terra: incidentes ambos, que lhe deixáraõ livre a entrada do porto. A noite ſe paſſou em eſçaramuças, como enſaios do valor para a repreſentaçaõ do dia. Os noſſos fizéraõ conſelho de guerra na galé de Pedro de Faria, aonde ſe reſolveo: Que o Governador devia ir para a Fortaleza, e defendella até eſperar ſoccorros da India, no caſo de nós perdermos a batalha naval: Que deſta ſe havia encarregar Fernaõ Peres como Almirante, e que ſe a ganhaſſe, de hum repelaõ ſe acabava a guerra. Executou-ſe o que o conſelho determinára; e nós vendo que os inimigos em toda a noite nada fizéraõ do que deviaõ indiſpenſavel ao ſeu muito poder, julgavamos mudança nos ſeus deſignios.

A noſſa idéa naõ foi errada; porque

que na mesma noite alguns Jaos residentes em Malaca foraõ a bórdo da Capitania, e persuadíraõ a Pateonuz, que para investir Malaca com probabilidades de a render, voltasse para o rio de Muar: que dalli negociasse huma alliança com o Rei de Bintaõ, que lhe podia fornecer abundancia de artelharia, e trópas numerosas para fazerem o sitio de Malaca; em quanto elle com a Armada atacava a dos Portuguezes, e impedia a entrada dos mantimentos na Praça: diversaõ, a que os mesmos Portuguezes naõ poderiaõ resistir por poucos, ainda que muito valentes. Pareceo bem o arbitrio a Pateonuz, que o abraçou; e ao romper do dia, quando se esperava vêr o terror derramado em Malaca, elle mandou levar as ancoras, soltar o pano, sahir do porto. Era vulg.

O Almirante Andrade naõ podia crêr o mesmo, que estava vendo. Rodeado do seu assombro, já sem poder reprimir os impulsos do coraçaõ magnanimo, elle diz aos seus Officiaes: A elles, camaradas, que algum temor mandado do alto comprimio os espiritos

des-

Era vulg. deſſe ſem número de Barbaros. Soltem-ſe ſem demóra as vélas, vamos a elles, que o Ceo nos he propicio, hoje ſerá immortal a noſſa glória. Diſtribuidas as ordens, de que ninguem abordaſſe, e ſem ceſſar foſſe a artelharia bem ſervida, a noſſa Eſquadra foi carregando a reta-guarda da inimiga. Pateonuz, ſem ſe embaraçar com o noſſo arrojo, mandou ſoltar todo o pano á ſua náo, foi ſahindo, e ordenou, que todas o ſeguiſſem. Os ſeus Capitães, que naõ lhe penetravaõ a politica, naõ entendendo que movimento ſemelhante era fingido, o tiveraõ por huma fugida verdadeira. Os Portuguezes, que percebiaõ a conſternaçaõ dos Barbaros, dobravaõ o fogo, lançavaõ-lhes panellas de polvora, que ateavaõ incendios horriveis. Para fugirem á ſua voracidade muitos ſe arrojavaõ ao mar, que ſe via coberto de homens; mas os noſſos nos batéis os perſeguiaõ, fazendo huma carnagem eſpantoſa.

A deſordem, em que Pateonuz via a ſua Armada, o obrigou a metter a ſua náo no centro de quatro das maiores,

res, ligadas humas a outras, que representavaõ huma Fortaleza no meio do mar, e que as mais as rodeassem como muro, que os Portuguezes naõ poderiaõ romper. As cinco náos ligadas as encheo de homens, que se viaõ apinhados de poppa a proa: movimentos militares cheios de erros enormes, que foraõ a causa da ruina dos inimigos. Das nossas náos naõ se disparava tiro sobre homens, e navios amontoados, que naõ matasse huns, que naõ mettesse outros a pique. Já rendidos muitos vasos, alguns no fundo, vários queimados, grande número de homens mórtos, quasi todos feridos, os nossos se foraõ chegando para abordarem os maiores. Martim Guedes, que havia destroçado muitos, balroou huma grande náo, saltou dentro, degollou parte da gente, a outra lançou-se ao mar. O mesmo fez Joaõ Lopes de Alvim a hum junco alteroso, e a ambos estes vasos consummio o fogo. Os mais Capitães cumprîraõ os seus deveres com igual esforço, naõ apparecendo de Armada taõ formidavel em es-

Era vulg.

Era vulg. eſtado de combater, mais que as cinco náos incorporadas.

O Almirante Andrade fazia toda a força por inveſtir a Capitanea de Pateonuz; mas naõ podendo chegar-lhe por levar na ſua reta-guarda a fórte náo de Temungaõ, atacou eſta, botou-lhe os arpéos, ferrou-a por hum coſtado, e Franciſco de Mello com o ſeu navio a tomou de proa; ſaltandó ambos com a ſua gente a ſuſtentar huma viſtoſa peleija. Temungaõ eſtava nos termos de ſe render, a tempo que hum moço biſarro de vinte annos, ſeu ſobrinho, e Commandante de outra náo, acodia a ſoccorrello. Elle entrou na noſſa Almiranta; mas advertindo, que primeiro que rendella, eſtava ajúdar a ſeu tio, ella lhe ſervio de ponte para entrar na náo de Temungaõ. Eſte auxilio, ſobre renovar o combate, poria tropeços á victoria do Almirante, ſe Jorge Botelho, que notou o perigo, naõ ganhaſſe a náo do ſobrinho de Temungaõ com mórte de toda a gente, e com o meſmo impulſo generoſo naõ foſſe conſummar o triunfo ao lado dos ſeus camaradas. Nina-

nachetu, e Tuam Mafamede, depois de encherem as obrigações de bons soldados, foraõ no alcance das reliquias destroçadas dos inimigos, que degolavaõ sem piedade. Era vulg.

Hum dia inteiro se naõ víraõ naquelles mares mais que espectaculos ingratos á humanidade; tudo fogo, sangue, mórte, e pilhagem. Sobreveio a noite, e nella hum vento rijo, que espalhou as náos dos Barbaros, e as levou a differentes pórtos. Esta tempestade foi favoravel a Pateonuz, que com ella ferrou a Ilha de Java em parte, aonde naõ podia ser atacado. De sessenta náos grossas, que elle trouxe á empreza de Malaca, huma só lhe escapou de ser tomada, ou mettida a pique. Das fustas, e embarcações ligeiras, muitas foraõ queimadas, botadas no fundo, e outras prisioneiras. Morrêraõ oito mil Barbaros em tantas náos derrotadas: dos Portuguezes, e Malaios seus alliados faltáraõ trinta, e ficáraõ muitos feridos. Esta victoria, que até entaõ naõ tinha exemplar na India, fez universal o espanto em todos aquelles Póvos; obri-

Era vulg. gou-os a olhar para Malaca com reſpeito profundo, e os ſeus moradores a renderem ao Almirante Fernaõ Peres de Andrade as ultimas honras de delicadeza, que ſaõ devidas aos Libertadores.

Com eſta guerra acabou elle o anno, que promettêra a Affonſo de Albuquerque de ſervir em Malaca. Encarregado o governo da Armada a Joaõ Lopes de Alvim, ſem demora partio para a India, elle, e Vaſco Fernandes Coutinho em huma náo, Lopo de Azevedo, e Antonio de Abreo cada qual na ſua, todos ricos dos deſpojos de alta reputaçaõ, e gloria ſublime.

Eſta auſencia do Almirante Andrade hia ſendo cauſa de ſe moverem em Malaca negocios funeſtos. Hum Sarraceno perfido, que ſe eſtabeleceo na Cidade, chamado Tuaõ Maxeliz, ſe aproveitou della para ſe fazer ſenhor da Fortaleza por trahiçaõ, e entregalla a Alodin, Rei de Bintaõ, que era o Principe expulſo de Malaca, com o qual elle tinha intelligencias ſecretas. Como o projecto naõ ſe podia conſeguir vi-

ven-

vivendo o Feitor Pedro Pessoa, fiado em bons amigos, conspirou contra a sua vida, mandou chamallo com pretexto de negocios, e assassinou-o. O golpe, que descarregou o trahidor, naõ foi taõ mortal, que o Pessoa com toda a presença de espirito naõ fechasse o quarto para os outros pérfidos naõ entrarem, e que naõ gritasse pedindo soccorro. Acodio a guarda, que estava perto; carregou os Mouros, e os Bintamezes, que estavaõ á pórta, e fez em póstas ao trahidor Maxeliz. Com estes poucos golpes foraõ dissipados todos os inimigos, e forçado o Rei de Bintaõ a pedir humilde a paz, que Malaca por alguns annos gozou feliz, e inviolavel. Era vulg.

CAPITULO V.

Da expediçaõ de Affonſo de Albuquerque a Adem, e mar da Arabia, com outros ſucceſſos da India.

Era vulg.

NEM ſempre a felicidade com conſtancia acompanha ao Varaõ fórte. Nós acabámos de vêr ao grande Affonſo de Albuquerque conquiſtador glorioſo de Goa, de Malaca, de Benaſtarim, em muitas expediçoes eſtrondoſas o terror das Indias Ulterior, e Citerior, o aſſombro de toda a Aſia. Para que eſta reputaçaõ foſſe recebendo novos incrementos, elle ſe diſpunha na entrada deſte anno para conquiſtar a Cidade de Adem, huma das mais bellas do Oriente, ſituada ao pé de huma montanha em huma lingua de terra, que ſe avança pelo mar dentro, e que fórma huma peninſula. Ella he recommendavel, naõ ſó pelo número, e formoſura dos ſeus edificios, mas pelos ſeus groſſos muros, e altas torres, pelo ſeu avulta-

tado commercio, que frequentaõ os Mercadores da Persia, India, Ethiopia, e Arabia. Era vulg.

Como se este designio houvesse de ter grandes consequencias, o Albuquerque sahio de Goa a emprehendello no dia 17 de Fevereiro; deixando o governo da Cidade encarregado a Pedro Mascarenhas com a guarniçaõ de 400 Portuguezes, de 80 cavallos, e a gente da terra; Benastarim a Rodrigo Pereira, e o do mar a Joaõ Machado. Elle levava huma Armada de vinte vélas, em que embarcou toda a Nobreza da India com 1$700 soldados Portuguezes, 1$000 Canarins, e Malabares. O empenho desta conquista nasceo dos discursos do Albuquerque, entendendo elle, que sendo Portugal senhor de Adem, naõ só o era tambem dos mares da Arabia, mas das pórtas do seu golfo, por onde as Armadas do Soldaõ do Egypto já mais poderiaõ sahir a infestar a India: Que ella fazia evidentes duas grandes vantagens, huma a de que com poucas náos se tapava a bocca daquelle Golfo; outra a de sobirem com faci-

Era vulg. cilidade as noſſas embarcações ligeiras ao porto de Suez para queimarem as náos dos Turcos, que ſe fabricavaõ nos ſeus eſtalleiros: Que com eſte dominio de Adem ſe podia firmar conſtante a idéa, de que o Imperio Portuguez na Aſia ſería, na ordem das couſas humanas, de huma duraçaõ longa.

A conſtancia deſtes penſamentos levou ao Albuquerque a Adem, aonde lançou ferro a Armada, e o eſquecimento da diſciplina das trópas raizes fundas para brotar nos moradores hum odio, que para o arrancar já mais houveraõ forças. O Governador Miramir mandou logo hum Emiſſario ſaber do Albuquerque o que pretendia na ſua Cidade. Foi-lhe reſpondido: que em quanto a Adem, nada deſejava tanto, como contrahir com a Cidade huma boa concordia, firmar alliança perpetua, reconhecendo ella por ſeu Rei a D. Manoel, que a faría muito mais feliz com a doçura do ſeu governo, e com o amparo das ſuas armas: que em quanto ao deſtino da Armada, ella navegava ſem demóra a encontrar-ſe com a que

o

o Soldaõ havia preparado no mar de Arabia para fazer a guerra aos Portuguezes na India : guerra , que pelo seu crédito elle devia prevenir , naõ só amparando-se do golfo , mas indo forçar os inimigos no mesmo porto de Suez para mostrar ao Soldaõ , que os Portuguezes , naõ lhe tendo dado motivos para huma inimizade aberta , elles eraõ incapazes de soffrer atrevimentos. Erà vulg.

Miramir-Jam conveio na proposta do Albuquerque ; assegurando-lhe , que Adem estava ás ordens do Rei de Portugal , e que os seus vassallos podiaõ entrar , e sahir da Cidade com a segurança de quem estava na casa propria. Como no porto havia trinta náos , que as suas tripulações desampararaõ , quando chegou a Armada ; o Albuquerque , recebida a resposta , e o refresco de Miramir , mandou dizer á gente das náos , que podiaõ recolher-se aos seus bórdos debaixo da palavra de se naõ fazer violencia a elles , nem aos generos do seu negocio. Estes homens , longe de acceitarem a nossa condescendencia , publicáraõ calumniosamente , que os Por-

Era vulg. tuguezes lhes promettiaõ obſervancia da boa fé, depois de lhes terem pilhado os ſeus navios, obrigando-os a retirar á Cidade, antes que paſſaſſem adiante com as ſuas coſtumadas inſolencias.

O Governador ouvindo eſtas queixas, ſem mais exame mudou de ſentimentos; e fez ſaber ao Albuquerque: Que na Cidade de Adem naõ tinha elle acçaõ para mandar recados a outra peſſoa além da ſua: Que elle acabava agora de conhecer a ſua ſimulaçaõ, e pouca fé, que com apparencias de paz vinha derramar a perfidia: Que como naõ cuidava em mais expedientes, que fazer a guerra, e abuſar da credulidade das Nações, chamava para fóra de Adem a tantos homens com a idéa de lhe deixar a Cidade enfraquecida. Ao meſmo tempo que o Albuquerque recebia eſte aviſo, chegava á ſua náo nadando hum Ethiope Chriſtaõ, que fugia de Adem, aonde eſtava captivo, e o inſtruio com a noticia, de que Miramir depois da ſua chegada ajuntava gente de todas as partes, e fortificava

a Cidade para fazer huma defenſa vigoroſa, ſem animo de cumprir nada do que na primeira negociaçaõ lhe promettêra. Era vulg.

A reſpoſta, que Affonſo de Albuquerque deo ao recado referido, foi bater a Adem, poſtar gente em terra, com corage, e ardor inveſtir os muros, tanto que a brécha ſe pôz em termos de montar o aſſalto. Os noſſos ſe atropelavaõ na porfia de qual havia ſer o primeiro, que ſobiſſe pelas eſcadas, que infelizmente ſe rompêraõ depois de Garcia de Souſa, e outros bravos ſoldados eſtarem em cima dos muros. Elles ſuſtentáraõ repelões horrendos, em quanto por huma parte o Alferes de Manoel de la Cerda, por outra Jorge da Silveira contendiaõ para os ſoccorrer. O Silveira, que com a eſpada na maõ ſobira ſó o muro, dando golpes formidaveis, foi feito em pedaços por huma multidaõ, que o cercou. Miramir em todas as partes cumpria as obrigações do ſeu cargo; mas os Portuguezes furioſos, olhando para a mórte com deſprezo, augmentavaõ o furor

Erá vulg. ror á proporçaõ da reſiſtencia. O Albuquerque, que via cahir muitos Portuguezes mórtos, e queria poupallos para a guerra do Soldaõ, mandou que ſe lhes deitaſſem córdas para deſcerem do muro, e retirallos do ataque.

Garcia de Souſa com generoſidade infeliz, quando ſe lhe offereceo eſte ſoccorro, diſſe: Que era indignidade do ſeu naſcimento, e das proezas, que tinha obrado, baixar dos muros por huma corda. Outros bravos foraõ do meſmo ſentir: mas eſtando elles debaixo de nuvens de armas de arremeço, huma pedra perdida deo na cabeça de Garcia de Souſa, rompeo-lhe o caſco, derrubou-o morto. Fim ſemelhante experimentáraõ os mais atrevidos: cataſtrofe, que obrigou os camaradas, huns a ſervir-ſe das cordas, outros a ſaltar as muralhas com a láſtima de quebrarem as pernas. Tocou-ſe a retirada; nella ſe deo fogo ás trinta náos, que eſtavaõ no porto; embarcou a trópa; e porque marchar ſobre a Armada do Soldaõ, e naõ perder a conjuntura de navegar aquelles mares, eraõ negocios

mais

mais importantes; o Albuquerque levantou o ſitio, e ſe fez ao mar. Elle olhou de longe para a Adem ſoberba, com viſta melancolica ſobre o primeiro padraſto da ſua conſtante fortuna. Era vulg.

Em poucos dias ferrou a Armada a Ilha de Camaraõ na bocca do golfo da Arabia, aonde mandou que ſaltaſſe D. Garcia de Noronha para obſervar a terra, que achou abundante de gados, de plantas, e de aguas. Os moradores prevenírao as calamidades imaginadas, paſſando para o continente: mas o Albuquerque, que levantava as viſtas muito além de intimidar Póvos pouco aguerridos,. fornecendo a Armada de agua, e mantimentos, continuou a viagem para a Cidade de Juda. Diſtante della trinta legoas, huma tempeſtade furioſa o obrigou a arribar á meſma Ilha de Camaraõ para paſſar nella o Inverno na companhia dos moradores reſtituidos a ſuas caſas, que tomando o goſto á doçura do trato com os Portuguezes, mudáraõ em complacencia o primeiro ſuſto. Quiz o Albuquerque fundar aqui huma Fortaleza, que naõ teve

Era vulg. ve effeito por falta de materiaes; ſatisfazendo-ſe com levantar nella hum Padraõ com a imagem da Santa Cruz, que depois deo á Ilha nome novo.

Quando o mar ſe pôz navegavel, o Governador reſolveo voltar para a India; ſentido, de que em huma expediçaõ, que o metteo em alvoroço, elle ao menos naõ encontraſſe meio para reſarcir as deſpezas, que fizéra na Armada. Com eſte deſejo quiz outra vez tentar fortuna ſobre Adem, aonde eſteve quinze dias deſpedindo, e recebendo ballas, olhando para a Praça com maior reſpeito; porque a via mais bem fortificada, do que antes. Com a eſtranheza de nada obrar memoravel, o Albuquerque chegou a Dio. Meliqueaz o mandou viſitar a bórdo com refreſcos da terra; mas os eſpiritos deſtes dous Chéfes eſtavaõ bem conformes na pouca ſinceridade; o Albuquerque com vontade de ſe fazer ſenhor de Dio; Meliqueaz com deſejos de arruinar o Albuquerque. Eſte ſem mais demóra, que a de ſeis dias, navegou para Chaul: o outro o foi ſeguindo com 80 navios

de

de remo, e lhe mandou recado adiante, de que como naõ o visitára em Dio, o vinha fazer ao mar. O Albuquerque lhe protestou a alegria, com que o esperava; que podia chegar sem susto; naõ tendo elle empenho igual ao de lhe dar as próvas mais sensiveis da candura das suas intenções. Era vulg.

Com confiança nesta resposta Meliqueaz se adiantou da Fróta, e da sua fusta fallou ao Albuquerque, que o tratou com agrados excessivos, com tantas lisonjas do gosto, que lhe mandou a bórdo quatro Mouros de alta qualidade, que trazia captivos; presente de Meliqueaz taõ estimado, que sobre lhe imprimir a marca de huma gratidaõ delicada, o fez mudar o conceito improbo, que do Albuquerque lhe introduzíra a calúmnia. Chegou este a Chaul, aonde encontrou a Tristaõ de Gá, que voltava da sua Embaixada de Cambaya com permissaõ do Rei para elle fundar huma Fortaleza em Dio. Em fim, a Armada entrou em Goa com a preza de seis náos de Mouros; e porque duas pertenciaõ a

Era vulg. Calecut, o Governador as reſtituio em obſervancia do Tratado precedente. A Fortaleza, que na fórma do meſmo Tratado, elle mandára fazer em Calecut antes de partir para Adem, ainda eſtava por principiar, aſſim por cauſa das intrigas do Rei, como pela emulaçaõ eſcandaloſa dos Officiaes Portuguezes, que a alto tom ſentenciavaõ o Albuquerque por hum arremeçado audacioſo, que havia arruinar os noſſos negocios na India pela jactancia, com que pretendia, que em cada lugar, aonde chegava com a Armada, ſe levantaſſe huma Fortaleza.

O máo ſucceſſo de Adem fez agora a emulaçaõ, a invéja, a murmuraçaõ mais ſoltas. Com conſtancia de Heróe ouvia dizer o Albuquerque: Que huma Eſquadra poſta no mar á cuſta de hum theſouro, que conſummíra, para nada preſtára: que enchendo ella aos Portuguezes de expectacçaõ, ás Nações da Aſia de terror, o fructo que ſe recolhêra, fora vêr Goa os animos ſublimes, pagos da ſua temeridade, entrarem pela barra dentro

com

com cára de modeſtos, e de pruden- tes: que bem ſe conhecia agora pela ſubtracçaõ dos auxilios ſuperiores, como as victorias paſſadas do Albuquerque eraõ huns esforços da clemencia Divina, ſem ter nellas parte o ſeu valor: em fim, que as flamulas, e galhardetes, que tremolava eſta Armada para indicar as ſuas memoraveis victorias, eraõ os lutos, que arraſtava pela mórte de tantos homens eminentes na guerra, que perdêra ſobre Adem. Era vulg.

Surdo a eſtes éccos da calúmnia o grande Albuquerque, que naõ lhe dava eſtar mal com os homens por amor d'El-Rei, e depois El-Rei ſe poz mal com elle por cauſa dos homens: eſte Heróe magnanimo recebeo em Goa com as honras devidas a Fernaõ Peres de Andrade, que chegára de Malaca triunfante. Pouco depois veio á meſma Cidade Joaõ de Souſa de Lima, que neſte anno ſahíra de Lisboa com tres náos, e os dous Capitães Henrique Nunes de Leaõ, e Franciſco Correa, que ſe perdeo nas Ilhas de S. Lazaro. Exacto no comprimento da ſua

pa-

Era vulg. palavra, reſpondeo á Embaixada do Reî de Narſinga, que requeria ſe lhe vendeſſem todos os cavallos, e nenhum ao Hidalcaõ: Que elle naõ podia contravir o ajuſte das pazes, que celebrára com aquelle Principe depois da conquiſta de Benaſtarim.

Pouco depois ſuccedeo a mórte do velho Çamorim, Rei de Calecut, que mudou a face dos noſſos negocios. Ficou herdeiro da Monarquia ſeu ſobrinho o Principe Naubeadarim, ſempre officioſo, e inclinado aos Portuguezes, que eſcolheo para Chéfe acçaõ do ſeu governo fazer com elles a paz mais vantajoſa, que a do Tratado precedente. Os ſeus principaes Artigos continhaõ: Que logo ſería edificada a Fortaleza na fórma, que ſe tinha ajuſtado com o Çamorim, ſeu Tio: Que elle pagaría toda a fazenda, que ſe tinha tomado, quando matáraõ em Calecut ao Feitor Ayres Correa: Que daría cada anno déz mil bahares de pimenta pelo preço de Cochim, que ſe lhe pagariaõ em mercadorias, e generos de Portugal: que El-Rei D. Manoel mandaria

cobrar no ſeu porto, como tributo, Era vulg. que elle ſe impunha, a metade do ſeguro de todo o genero de embarcaçőes, que era hum avultado rendimento.

Deſte modo conſeguio o grande Albuquerque deitar hum jugo ao Rei poderoſo de Calecut, que do tempo da noſſa entrada na India atégora tinha ſido o rival inexoravel da noſſa glória, oppoſitor conſtante á fortuna das noſſas armas. Eſta paz metteo em grande movimento aos Reis de Cochim, e de Cananor, que com o reſtabelecimento dos negocios de Calecut, conſideravaő os ſeus arruinados. Ambos os Principes ſe queixáraő cioſos ao Albuquerque da injuſtiça, que ſe faría a elles, e aos ſeus vaſſallos, ſe á nova alliança ſe ſeguiſſe a abertura geral do trafico com Calecut. Elle teve por muito attendiveis os officios juſtos dos dous Monarcas, e diſpôz huma paſſagem pelos ſeus Reinos para os ſatisfazer, e deixar as ordens preciſas, que deſterraſſem das ſuas, e das imaginaçőes dos ſeus vaſſallos o temor da interrupçaő do Commercio.

Era vulg.

Para que o noſſo Heróe naõ gozaſſe felicidade ſem contrapezo ; quando elle tinha attentas ſobre o ſeu valor, e equidade as admirações, e os louvores das Nações mais circunſpectas, nos ſeus Patricios invejoſos encontrava as perfidias mais indignas. Para lhe abatter a reputaçaõ, o ſeu meſmo Secretario Gaſpar Pereira, perfido, e trahidor, obrava de concerto com os inimigos do homem, ſemeadores da zizania, que queria affogar a ſeára plantada na India para utilidade de Portugal por humas mãos taõ limpas, como as de Affonſo de Albuquerque. Com o pretexto, ou preſumpçaõ de dar a El-Rei aviſos utéis, Gaſpar Pereira tomou a confiança de lhe eſcrever para repreſentar: Que ſe Goa houveſſe de ſe conſervar, toda a India ſe viría a perder, ſendo poucos os Portuguezes para defenderem a extenſaõ do ſeu recinto: Que elles tinhaõ quaſi abandonado o imperio do mar para ſe exporem a maiores perigos ſem fructo entre quatro paredes. O tom das vozes de Pereira a cada inſtante mettido nos ouvidos do Rei por outras igualmen-

mente dissonantes, dividio os pareceres sobre a resoluçaõ, que se devia tomar. D. Manoel como prudente escolheo o meio de communicar estes avisos ao Albuquerque, para que elle em conselho com os seus officiaes deliberasse se Goa devia, ou naõ conservarse. Era vulg.

Quando no Conselho pleno foraõ lidas as cartas do Rei pelo mesmo Secretario infiel, elle naõ pode dissimular a complacencia, bem certo de que a mesma estimaçaõ, que o Governador faría delle, e o crédito que tinha adquirido entre os primeiros Officiaes, naõ consentiríaõ haver hum só voto, que se apartasse dos seus sentimentos. Tudo porém lhe succedeo pelo contrario, quando se acabou de lêr a Memoria injuriosa ao Albuquerque, que elle enviára a El-Rei, e El-Rei mandou ao Albuquerque. Examinada com o peso de circunspecçaõ, que ella merecia, naõ houve no Conselho pessoa, que naõ tivesse o desamparo de Goa por huma injúria enorme da Naçaõ Portugueza. Todos clamáraõ, que sugestões seme-

Era vulg. lhantes introduzidas na presença do Rei, eraõ dignas da reprehensaõ mais sevéra; e que diria o Mundo se visse, que sem attençaõ a tanto sangue illustre derramado, a tanta façanha heróica executada, a tantos dinheiros importantes despendidos na conquista, agora se dissesse, que abandonavamos em Goa a firmeza do nosso Imperio na Asia.

CAPITULO VI.

El-Rei D. Manoel manda ao Duque de Bragança D. Jayme com huma poderosa Armada conquistar a Cidade de Azamor em Africa.

El-Rei D. Manoel, se com hum braço sustentava o pezo dos negocios da India, o outro naõ enfraquecia com o dos de Africa: Atlante verdadeiro destas duas partes do Mundo. Elle naõ tinha esquecido a perfidia de Mulei Zeyaõ, quando veio a Lisboa sobmetter Azamor á sua obediencia; quando celebrou com elle hum Tratado de alliança, de su-

ſujeiçaõ, de tributo; quando foi causa delle mandar D. Joaõ de Menezes a Africa para recolher o fructo destas promessas, e elle pérfido, e perjuro o enganou: motivos, que desafiavaõ a indignaçaõ justa do Rei benigno para naõ deixar sem castigo huns crimes desta natureza com a conquista da mesma Cidade rebellada. Era vulg.

Com este designio se preparou huma Armada de quatrocentas vélas de differentes grandezas, a mais fórte, e brilhante, que até entaõ se víra no porto de Lisboa. Embarcáraõ nella, além da gente do mar, 2ↀ700 cavallos, e mais de 20ↀ000 infantes. Nomeou El-Rei para General Supremo da expediçaõ a seu sobrinho D. Jayme, Duque de Bragança, Principe superior á empreza pela qualidade do sangue, pela sublimidade da prudencia, pela grandeza do Estado. Elle engrossou o Exercito com tres mil dos seus vassallos, que vestio de branco, e os cruzou, como destinados para huma guerra santa. Outros Fidalgos alistáraõ gente á sua custa, especialmente Joaõ Gonçalves

da

Era vulg. da Camara, filho de Simaõ Gonçalves da Camara, Governador da Ilha da Madeira, que incorporou na Armada 20 navios, 200 cavallos, e 600 Infantes.

Embarcáraõ com o Duque Ruy Barreto, que hia nomeado Governador da Praça, que se havia conquistar, os primeiros Titulos do Reino, os grandes Fidalgos, a maior parte da Nobreza da Corte, e das Provincias. Para governar o Exercito nos impedimentos do mesmo Duque nomeou El-Rei por seu Tenente General ao grande D. Joaõ de Menezes, que levava todas as recommendações no seu nome. Em quatro mezes, e meio poz prompta toda esta máquina sobre o Téjo a actividade de D. Martinho de Castello-Branco, Conde de Villa-Nova, a quem El-Rei a encarregára. No dia determinado para a partida assistíraõ o Rei, e o Duque na Cathedral aos Officios Divinos celebrados pelo Arcebispo D. Martinho da Cósta, que fez a ceremonia de benzer a Bandeira Real, que o Rei entregou ao Duque com a recommendaçaõ,

de

de que em projecto taõ importante, e nos meios para o conseguir procurasse a glória de Deos, naõ esquecesse a administraçaõ da justiça, promovesse a boa ordem. Era vulg.

No dia 17 de Agosto sahio a Armada de Lisboa, e com viagem feliz chegou a Faro no Algarve, aonde se deteve até 22 do mesmo mez para receber a bórdo a gente deste Reino. A 28 avistou a Cidade de Azamor; mas o vento contrario a impedio tomar a barra, e foi lançar ferro em Mazagaõ, duas legoas distante de Azamor, aonde o Duque deo ordem para o Exercito saltar em terra. A nobre Cidade, que agora era o objecto, em que se hiaõ empregar o valor, e a fortuna das armas del Rei D. Manoel, está situada ao Occidente do Estreito de Gibraltar na fertil Provincia de Ducala. O seu terreno he banhado pelas aguas do rio, que os Mouros chamaõ Omirabith, e alguns o estimáraõ pelo Asama. Na sua embocadura, naõ longe do mar, está plantada Azamor cercada de gróssos muros pela extensaõ, que occupaõ cinco mil mo-

Era vulg. moradas de caſas repartidas em quatro quartéis, cada qual delles encarregado a hum Intendente de Policia, que era obrigado a dar conta ao Principe da boa diſciplina, com que entretinha o Povo.

O ar jucundo, meſmo magnifico, que reſpiravaõ os moradores, lhes adquirio o crédito de homens ricos: os da Cidade ocioſos, delicados de meza, abandonados aos entretenimentos; mas os da ſua campanha, homens fórtes, amigos da frugalidade, do exercicio das armas, da caça, de todo o genero de trabalho. Deſtes bravos, que ainda hoje ſe diſtinguem com os nomes de Mouros de Ducala, da Xerquia, de Garabia, e de Dabide, ſe formou a numeroſa guarniçaõ de Azamor, que eſperava reſiſtir intrépida aos aſſaltos dos Portuguezes.

Tres dias ſe demorou o Duque em Mazagaõ, occupado em ordenar o Exercito para romper a marcha ao lugar do ſeu deſtino. Grande número de Barbaros vinha de noite tumultuariamente inſultar o campo Portuguez para fazer pre-

preza na gente, que achasse desmandada. Estas patrulhas soccorridas por cinco mil cavallos, e sete mil Infantes, quizérao dar-nos hum golpe, que nos pozesse em estado de abandonar, ou de differir o sitio de Azamor; mas observando a fórma, a disciplina, a continencia do nosso campo, elles se contentárao com apparecer, e sumir-se; entrárao em Azamor, e reforçárao a Praça. Era vulg.

Mulei Zeyao, que se estimava senhor desta Cidade, encarregou a sua defensa a hum alentado Mouro chamado Cide Mançor. Elle ficou no campo com os seus alliados, que viérao a engrossar-lhe as trópas, que haviao soccorrer aos sitiados nas occasiões de aperto. O Duque nao consentindo, que lhe fizesse especie a barbarie verdadeira, e o valor pretendido dos Mouros, depois de ordenar a Pedro Affonso de Aguiar, que postasse a Armada na frente de Azamor, elle fez marchar o Exercito no primeiro de Setembro para a investir por mar, e terra. Na marcha soube o Duque, como os Mouros tinhao preveni-

Era vulg. nidas humas máquinas com materias inflammaveis, que ardiaõ na meſma agua, para queimarem os navios ligeiros, que mais ſe chegaſſem á praia; e ordenou a Pedro Affonſo, e a Garcia de Mello, que o ſeu primeiro empenho foſſe deſtroçar eſtas máquinas. Quando chegou o Duque já os dous Fidalgos tinhaõ executado a ordem com deſprezo inimitavel do fogo das batarias, das torres, e dos muros.

Na frente do Exercito marchava como batedor do campo, e guarda avançada o Adail Franciſco de Pedroſa com hum troço de cavallaria, que reſiſtio com ferocidade ao vigor barbaro de inimigos muito ſuperiores. Como de todas as partes parecia, que brotava a terra os ſeus Eſquadrões formados, coroando os montes, e galopando pelos valles para atropellarem o bravo Pedroſa: D. Joaõ de Menezes com a cavallaria de hum dos lados correo em ſeu ſoccorro, conhecendo-ſe logo pelas imagens do combate, que andava nelle a eſpada de D. Joaõ de Menezes. Contra tanto valor vinha cahindo tal multi-

ti-

tidaõ de Barbaros, que o Conde de Borba os buſcou por outro lado, e ſendo já batalha a eſcaramuça, o Duque accodio em peſſoa a conſummar a victoria, que a noite naõ deixou ſer completa. Entre os inimigos mórtos ſe achou o cadaver do valente Mouro Cide Azo, que havendo ſervido com inclinaçaõ, e experimentado a beneficencia del Rei D. Manoel, neſte encontro pagou com a vida o crime da ingratidaõ. Era vulg.

Chegou o Exercito na meſma noite a Azamor, e na meſma ordem da marcha foi tomando campo ao longo do rio na frente da Armada. Ao romper a aurora mandou o Duque deſembarcar a artelharia, as munições, as máquinas de bater os muros para no meſmo dia ſe dar hum aſſalto bruſco, ainda que naõ foſſe eſpaçoſa a brécha. Ao tempo que nos occupavamos neſtas diſpoſições, appareceo a tiro de canhaõ do noſſo campo hum corpo numeroſo de inimigos com ar, de que vinha a inveſtir-nos. O Conde de Borba pedio licença ao Duque para lhes pagar a viſita ſem demóra; mas elle lhe reſpon-

deo:

Era vulg. deo: Que ſuſpendeſſe a cortezia; porque elle viéra de Portugal ganhar Azamor, naõ a pôr tropeços á conquiſta. Os Mouros, vendo que naõ ſe fazia caſo delles, abandonáraõ o campo, e os deſignios para nos deixarem a victoria mais ſegura.

Eſcolheo o Duque as trópas do Algarve para o primeiro aſſalto contra as obras exteriores, que impediaõ chegar ao muro. Elle as encarregou ao commandamento de D. Luiz de Menezes, de Jorge Barreto, e a Joaõ da Silva o da gente de ſeu Tio D. Fernando Coutinho, Biſpo do meſmo Reino. Os Algaravios vaidoſos com eſta preferencia em occaſiaõ de tanta honra, redobráraõ a ferocidade natural dos ſeus eſpiritos, mais animados com as vozes, e os exemplos do grande D. Joaõ de Menezes, que os conduzia ao avance, como primeiro Chéfe. A eſcalada principiou taõ vigoroſa, que os inimigos, levados de poſto em poſto, perdêraõ todas as obras exteriores; os Algaravios ſe arrimáraõ aos muros, que entráraõ a picar incançaveis, ſoffrendo intrépidos

dos com conſtancia incrivel o diluvio de fogo, de pedras, de inventos de matar, que a arte da guerra enſinou para defender. Era vulg.

Cide Mançor, longe de ſe aſſuſtar com o perigo, que o ameaçava, deſcobria a ſua firmeza na corage impavida, com que animava a gente, entrincheirava, e guarnecia os póſtos, aonde melhor poderia defender-ſe, ſem faltar a algum dos deveres de Capitaõ advertido. Mas na meſma tarde do primeiro dia do ſitio, quando a noſſa artelharia laborava com o fogo mais bem ſervido; eſte Governador, girando a muralha para deſtribuir as ordens, ſem ſe reſervar a perigos, perdeo a cabeça ao golpe de huma balla de canhaõ, aſſommando-ſe por huma das ameias para obſervar as noſſas batarias. A noticia naõ eſperada deſta mórte, a horribilidade do noſſo fogo, os Algaravios picando o muro animoſos, tudo cauſou na Cidade tal deſordem, que nella ſó ſe ouviaõ os clamores triſtes da plebe mettida em deſſolaçaõ. O terror ſe fez geral, e a favor da noite a gente de tropel

Era vulg. pel abandonou a Cidade, taõ precipitada na fuga, que se soffocáraõ oitenta entalados nas pórtas.

Antes que amanhecesse, Jacob Adibe, hum dos Judeos expulsos de Portugal, veio humilde prostrar-se aos pés do Duque, dar-lhe a noticia da desserçaõ dos defensores de Azamor, implorar para si, e para os individuos da sua Naçaõ a clemencia do Principe. Elle lha concedeo benigno; e ajoelhado em terra com o espirito, com os olhos, com as maõs levantadas ao Ceo, exclamou: Grande Deos, adoravel Redemptor da geraçaõ de David, quantas graças vos devo dar, quando vejo em hum só dia reduzida ao gremio da vossa Igreja, entrada em hum Reino Christaõ a Cidade de Azamor, a grande, a rica, a formidavel Cidade, aonde daqui em diante será louvado o vosso Nome. Sem a perda de hum só homem, já tremolando nos muros as Insignias do Rei de Portugal, o Duque fez nella a sua entrada de triunfante. Sem demora mandou purificar a Mesquita, que consagrou ao Espirito Santo, aonde assis-

ſiſtio ao Sacrificio dos noſſos Altares com a piedade catholica, que herdára dos ſeus maiores. Era vulg.

Depois ſe deo balanço á Cidade, e naõ ſe acháraõ nella as precioſidades de Azamor; porque os moradores antes do ſitio as haviaõ tranſportado para lugares ſeguros. De artelharia, e armas, de munições de guerra, e bocca foi o deſpojo immenſo; muito mais importante o ſuſto, de que ſe occupou toda a Provincia, com eſpecialidade as praças de Tite, e Almedina, que ſe deſpovoáraõ; buſcando os moradores ſeguros á vida, no intrincado dos boſques, no horror das grutas. O Duque lhes ordenou ſe recolheſſem a ſuas caſas como vaſſallos del Rei D. Manoel, debaixo da ſegurança da ſua palavra Real; havendo elle já tomado poſſe de Tite, e Nuno Fernandes de Ataide de Almedina, de que nomeou Governador ao fiel Abentafut para o fazer eſquecer a deſconfiança, que concebêra da ſua infidelidade imaginada. Daqui em diante as Cidades de Tite, e Almedina entráraõ a ſer mais frequentadas, a flo-

reſ-

Era vulg. reſcer o Commercio, a creſcer com a riqueza o goſto dos moradores na ſugeiçaõ de Portugal.

A noticia da felicidade das ſuas armas em Africa, mandada immediatamente pelo Duque a El-Rei D. Manoel o enchêraõ de huma alegria taõ viva, de huma complacencia taõ piedoſa, que mandou ordens apertadas por todo o Reino, para que ſem intervallos de demóra ſe deſſem graças ao Todo Poderoſo, que elle adorava por Author das maravilhas, que os Portuguezes em ſeu Nome obravaõ por todo o mundo. Como vantagem da Relgiaõ fez o Monarca Fideliſſimo ſaber a conquiſta de Azamor ao Papa Leaõ X.: noticia, que o Papa celebrou com dias de Feſtas ſolemnes, com huma Prociſſaõ edificante, com o Pontifical, que elle celebrou na Igreja de S. Pedro, com o Panegyrico eloquente, que mandou recitar no meſmo dia em honra do grande Rei de Portugal, que quando a maior parte dos da Europa ſe faziaõ guerra cruel por intereſſes puramente temporaes; elle ſó aſſignalava o ſeu zelo,

mar-

marcava a ſua piedade em expedições glorioſas por todo o Mundo contra os inimigos de Deos, e da Igreja. Era vulg.

Com a reſtituiçaõ dos moradores de Azamor a ſuas caſas, elles entráraõ a commover a Cidade com Deputações repetidas encaminhadas ao Duque, em que lhe repreſentavaõ: Que elle naõ devia deixar paſſar occaſiaõ taõ favoravel para emprehender a conquiſta do Reino de Marrocos, que naõ tinha Praças fórtes para deterem a marcha do Exercito vencedor, nem trópas diſciplinadas para competirem com os Portuguezes taõ aguerridos: Que os Reis viſinhos naõ eſtavaõ confórmes, nem tinhaõ fundos de riqueza capazes de manter trópas por muito tempo, e que ſe elle quizeſſe deſpender algumas quantias de dinheiro em gratificações, veria ao ſeu lado os Mouros de maior conſideraçaõ, que tudo conſultavaõ com o ſeu intereſſe: Que naõ deixaſſe paſſar a conjuntura, em que o terror minava toda a Mauritania; em que elle eſtava rodeado de hum Exercito forte, e victorioſo; em que a Eſtaçaõ agrada-

Era vulg. vel, a cópia dos fructos, a quantidade das forragens, a abundancia dos transportes, sobre tudo o valor dos seus soldados, e a consternaçaõ dos Mouros lhe estavaõ a clamar, que sem perda de tempo marchasse sobre Marrocos para dar ao seu Rei glória immortal, ao seu nome reputaçaõ sem fim, á Naçaõ Portugueza, e aos Mouros seus vassallos memoria eterna, esculpida nos bronzes immortaes.

Porque á gente de Azamor naõ pareceo bastante a efficacia das suas Deputações, ella conseguio do Padre Fr. Joaõ de Chaves, Religioso Franciscano depois Bispo de Viseo, que em hum Sermaõ prégado na presença do Duque tratasse ao largo esta materia, como elle fez com tanto ardor do seu espirito, que obrigou o Duque a prevenir a attençaõ de toda a Assembléa, e satisfazella com este discurso: Eu sei, que Portuguezes, e Mouros me arguem, porque naõ me ponho em campo para marchar sobre Marrocos: mas de que me devo eu deixar predominar, do rumor dos homens, ou das máximas da

ra-

razaõ? Nada ha no mundo mais antigo, que a fidelidade, e a obediencia: El-Rei mandou-me conquiſtar a Azamor, naõ me fallou em Marrocos: Se eu exceder as ſuas ordens em hum empenho de tantas conſequencias, em que conta terá elle a minha obediencia; que dirá da minha fidelidade? Se nós gaſtaſſemos muitos mezes na conquiſta de Azamor, ſe perdeſſemos muitas vidas, e no fim a rendeſſemos, nós o teriamos por huma victoria glorioſa, ſó com eſta empreza ficariamos contentes. Agora que em hum dia fizemos tudo, tudo deſprezamos, e naõ pretendemos por deſpojo do triunfo nada menos, que levar hum Reino potentiſſimo ſobre a marcha. Eu ſim tenho valor para o emprehender; mas faltaõ-me as ordens para o executar. Era vulg.

A eſtas vozes do Duque emudeceo o Pregador, e os ouvintes; e elle, que já padecia huma moleſtia, que o impoſſibilitava para montar a cavallo, a 21 de Novembro embarcou em Mazagaõ ſem mais eſcolta, que a de dous navios, e veio a Tavira, aonde ſoube

Era vulg. que a Corte eſtava em Almeirim. Partio para ella ſem demóra a receber do Rei as honras, que merecia a peſſoa, e o ſerviço. A maior parte do Exercito voltou pouco depois para o Reino; ficando Rodrigo Barreto com o governo de Azamor, e D. Joaõ de Menezes com o commandamento de hum conſideravel corpo de trópas para ſuſtentar a campanha, e conſervar a fidelidade dos Mouros pelas comarcas, que nos ficavaõ ſugeitas. Eſtas authoridades repartidas naõ tardáraõ em ſer origem de diſcordias; qualquer dos dous Chéfes mais facil a deixar de vencer, que a conſentir na diviſaõ da glória dos triunfos: Emulaçaõ, que diz o noſſo Faria, he hum contagio univerſal, que algumas vezes ſe extinguio entre várias Nações, mas que entre a Portugueza nunca.

CAPITULO VII.

Continúaõ os ſucceſſos de Africa no anno de 1514.

OS noſſos Capitães de Africa, com a auſencia do Duque de Bragança, naõ penduráraõ os morriões, e os arnezes para deſcançarem á ſombra das victorias. Naõ obſtante a competencia entre D. Joaõ de Menezes, e Rodrigo Barreto, elles, e Nuno Fernandes de Ataide deſejavaõ amontoar triunfos para aſſumpto de maior conſternaçaõ nos Barbaros, para incremento da noſſa reputaçaõ em toda a terra. Com eſtes deſignios, ſabendo que na Xerquia eſtavaõ deſcuidados os Mouros das Aldêas de Benacafiz, e de Fafut, déz legoas de Azamor, os primeiros dous Chéfes ſahíraõ deſta Praça com 1\$200 cavallos, e mil infantes, que poſtáraõ a tarde do dia ſeguinte nas faldas da Serra verde, que toma o nome da ſua continuada primavéra. Nos primeiros creſpuſculos da Aurora foi atacada Benacafiz, aonde

Era vulg. 1514

Era vulg. de foraõ paſſados á eſpada os que ſe defendêraõ; captivos 180, que naõ ſe reſiſtíraõ, e os que quizéraõ eſcaparſe, ſe precipitáraõ no rio, que vem banhar a Azamor.

D. Bernardo Manoel, e Joaõ da Silva haviaõ ido ſobre Tafut ſeguidos de Rodrigo Barreto; mas o incendio de Benecafiz aviſou os ſeus moradores para ſe porem a ſalvo além do rio. Alguns, que eſtavaõ deſta parte quando aquelles Fidalgos chegáraõ, foraõ prezos, e ſaqueada Tafut, que ſe achou bem provida de gados, e mantimentos. Juntas as trópas, que haviaõ dividido para eſtas expedições, eſcoltando a preza, entráraõ felizmente em Azamor os victorioſos Chéfes.

Por eſte tempo os dous irmãos Xerifes, que nós diſſemos andavaõ feitos Alcaides do Rei de Fez, prégando contra os Portuguezes a gazua na téſta de huma trópa de cavallos: correndo ambos a terra, hum para a parte de Tangere, outro para a de Arzila, conſeguíraõ a grande victoria de nos matar quatro homens, e captivar cinco. Eſta

ac-

acçaõ memoravel foi eſtimada em Féz mais por hum effeito da ſantidade dos ſeus authores, que por huma façanha da ſua corage. Os dous fanaticos, que cuidavaõ mais em fazer-ſe Reis, que em ſer validos, ſe laſtimáraõ com o de Fêz das calamidades, que o de Marrocos padecia ás mãos dos impios Portuguezes: que elles deſejavaõ acodir-lhe no ſeu aperto, e que para iſſo lhe pediaõ licença. Promptamente a concedeo o Rei de Féz, acompanhando-a de armas, de dinheiros, de permiſſaõ para os ſeguirem aos pais hypocritas dos filhos tontos, que elles haviaõ diſciplinado nas ſuas cabalas diabolicas. Chegados a Marrocos eſtes gróſſos troncos da arvore da geraçaõ dos Xerifes; elles foraõ recebidos com as altas honras, que ſe deviaõ a dous monſtros de ſantidade, domadores façanhoſos dos ſoberbos Portuguezes. Era vulg.

Eſta retirada dos Xerifes naõ ſei ſe precedeo, ou ſe foi poſterior á ſua perda de Tedneſt, aonde vivia o Xerife, pai dos Heróes, e das patranhas. Eſta Cidade era huma das mais antigas da

Pro-

Era vulg. Provincia de Hea, ſituada em huma planicie fertil, e dilatada, recommendavel pela célebre Meſquita, que ſe eſtimava por hum Santuario, aonde muitos Sacerdotes ſe occupavaõ nos Cultos, e expiações do Mahometiſmo igualmente barbaras, e ridiculas. Nuno Fernandes de Ataide ſe reſolveo a inveſtilla na téſta de 400 cavallos, reforçado por Abentafut, que levava de cavallaria 2ↀ000 homens, e 600 infantes. O bravo Chéfe, que naõ queria repartir a glória deſta acçaõ com D. Joaõ de Menezes, fez a ceremonia de o convidar para ella; mas pondo-ſe em marcha ſem eſperar a reſpoſta. D. Joaõ, que acceitou o convite, e tinha de andar quarenta legoas até Tedneſt, mandou diante a D. Bernardo Manoel com 120 cavallos, que elle ſeguia com 600, e com mil infantes.

Os Xerifes informados da marcha do Ataide, lhe ſahíraõ ao encontro com 4ↀ000 cavallos. Abentafut, que fazia a noſſa vã-guarda, ainda que inferior em número de gente, os atacou com tanto vigor, que o Ataide fez alto pa-

ra

ra vêr a promptidaõ, com que elle dobrando-lhes os Esquadrões os mettia em desordem. Pouco efficazes foraõ os rógos do Pai, e filhos santificados nesse combate. Naõ lhes valeo Mafoma. Elles fugíraõ covardes, seguindo-lhes o alcance o Ataide, e Abentafut, que lhes degolláraõ 800 homens, fizéraõ 200 prisioneiros, rendêraõ Tednest, e os tres Xerifes se refugiáraõ em Tazarote. Affegura-se, que nas campinas da Cidade rendida tomáraõ os Portuguezes duzentas mil cabeças de gado grosso, e miudo, fóra tres mil cavallos, e camellos. Ella foi a preza maior, que nós até aquelle tempo fizemos em Africa, nem depois se fez outra semelhante. O desgosto desta perda causou ao Xerife pai huma enfermidade, que lhe tirou a vida em Tazarote: mas elle morreo com a consolaçaõ de deixar nos filhos abominaveis outros semelhantes a si, fructos correspondentes de tal arvore. Era vulg.

Despedio o Ataide a D. Joaõ de Menezes com a noticia da victoria hum expresso, que o encontrou em Almedina.

Era vulg. na. D. Bernardo, que vinha adiante, chegou a Tedneſt quando o Ataide eſtava ajuſtando a paz com os Mouros da Comarca ſobmettida. D. Joaõ ſeguindo a jornada veio a Chiquer reſoluto a dar ſobre Marrocos, que diſtava menos de 20 leguas. Como para expediçaõ de tanto empenho era neceſſario unir as forças; D. Joaõ, ſem embargo das competencias, pedio ao Ataide, que o acompanhaſſe. Elle ſe deſculpou com o pretexto frivolo do muito, que havia que fazer em Tedneſt, aonde era juſto que elle vieſſe para com o ſeu parecer ſe regularem tantos negocios de importancia. D. Joaõ, ainda que entendeo a intriga, e que eſtava doze leguas além de Tedneſt, elle as deſandou, fez-ſe deſentendido, obedeceo ao conſelho de Nuno Fernandes, como ſe foſſe huma ordem do ſeu Rei: Varaõ prudente, que ſabia ceder do dictame proprio, quando era neceſſario conformar-ſe com o alheio.

Nas primeiras conferencias todo o esforço de Nuno Fernandes de Ataide ſe empenhou em ponderar razões para di-

divertir a empreza de Marrocos, naõ tendo elle mais embaraço, que o da consideraçaõ, de que o mundo todo havia attribuir a D. Joaõ de Menezes a glória de tamanho feito. Depois de ponderações sérias, viéraõ a concluir, que Nuno Fernandes com a sua gente, seu genro D. Affonso de Noronha com os 800 cavallos de Mouros de Almedina, com que acabava de chegar a Tednest, e Abentafut com as suas trópas se ajuntassem para assaltarem hum Lugar tres legoas distante daquella Cidade plantado na eminencia da serra. Facilmente se executou este projecto; porque os inimigos avisados da marcha, pozéraõ em cobro as pessoas, e as riquezas. Á vista da generalidade do terror das nossas armas, D. Joaõ renovou a prática da marcha sobre Marrocos; mas elle encontrou no Ataide huma montanha de ciumes, que razões divinas, e humanas naõ podéraõ abalar. Cedeo á teima de hum homem a glória da Religiaõ, e da Patria. Era vulg.

Apartou-se o grande D. Joaõ de Menezes desgostado justamente. Os Portugue-

Era vulg. guezes, e os Mouros noſſos alliados ſe enchêraõ de eſcandalo, que levantava altas as vozes para ſe queixar, de que huma competencia indiſcreta houveſſe de arruinar o maior negocio de Portugal em Africa. Mas como a fortuna naõ deixa de olhar com reſpeito ao Varaõ fórte; ſe ella negou a D. Joaõ o crédito, que lhe adquiriria a jornada de Marrocos, concedeo-lhe outras nos ultimos paſſos da carreira da vida para acabar com a reputaçaõ conſtante de hum Heróe. Na ſua retirada de Tedneſt foi elle informado, como os Reis Mafamede de Féz, e Molei de Mequinéz marchavaõ ſobre Azamor com Exercito poderoſo. Preſumió elle, que na diſtancia, em que eſtava da Praça, lhe sería inevitavel eſte encontro no caminho, eſpecialmente depois que recebeo os expreſſos, que de Azamor lhe mandára Rodrigo Barreto.

Mandou D. Joaõ aviſos repetidos a Nuno Fernandes de Ataide, do que ſe paſſava. Pedia-lhe por Deos, e por El-Rei, que ſem perda de tempo lhe mandaſſe a D. Bernardo Manoel com a ſua gen-

gente, munições, e mantimentos, para sustentar a marcha, e o combate, que esperava. A resposta que o Ataide deo a estes recados foi retirar-se para Çafim; mas se a D. Joaõ lhe faltáraõ estes soccorros, os do estrondo do seu nome foraõ bastantes para lhe abrirem o passo até Azamor, aonde chegou sem encontrar na marcha longa o menor embaraço. Era vulg.

Aqui foi elle informado com exacçaõ da mudança dos intentos dos Reis inimigos; mas que os Alcaides de Latar, e Lutete mandados pelo de Féz com muitas trópas, tinhaõ vindo firmar na sua obediencia a Provincia de Ducala, e esperar o de Mequinéz, que estava em Nafe, para que conformes, e unidos marchassem sobre Azamor. Impedir esta uniaõ era advertencia de hum General do caracter de D. Joaõ de Menezes; e o meio de o conseguir naõ podia ser outro, senaõ bater, derrotar os dous Alcaides antes da chegada do Mequinéz. Sabendo que elles estavaõ na fórte Villa de Balba, e que as forças de Azamor eraõ poucas para se ar-

Era vulg. arroſtarem contra tantos inimigos: cortando por todas as paixões humanas, D. Joaõ faz ſaber a Nuno Fernandes de Ataide a ſituaçaõ critica dos negocios de Portugal, ſe em occaſiaõ ſemelhante elle deixa de marchar com as forças de Çafim para as unir ás de Azamor: crime, que para Deos ſería enorme, na face do Rei inexpiavel.

Cedeo o Ataide neſta conjuntura da ſua teima; e ajuſtado que no campo de Sea, diſtante déz ou doze legoas de Balba, ſe ajuntaríaõ as trópas, a 12 de Abril marcháraõ para elle os dous Chéfes: D. Joaõ de Menezes com 800 cavallos, e mil infantes: Nuno Fernandes de Ataide, e Abentafut com 1ↀ500 cavallos a maior parte Mouros alliados. Conferíraõ os tres Officiaes o modo, por que haviaõ formar o ſeu pequeno Exercito para atacar aos inimigos, e determináraõ, que a artelharia marchaſſe na vã-guarda: que a cavallaria ſe dividiſſe em cinco Eſquadrões, o primeiro mandado por D. Joaõ de Menezes; o ſegundo ás ordens de Rodrigo Barreto, e de Joaõ Gonçalves da Camara;

o

o terceiro coberto por Joaõ da Silva, e por Alvaro de Carvalho; o quarto por Nuno Fernandes de Ataide, e por ſeu genro D. Affonſo de Noronha; o quinto por Abentafut; e que a infantaria no centro ſería governada em dous batalhões pelos Meſtres de Campo Pedro de Moraes, e Joaõ Rodrigues. Era vulg.

Neſta fórma lhes rompeo o dia á viſta dos inimigos, que eſtavaõ poſtados na planicie á raiz de hum monte, e lhes cobria a reta-guarda hum rio, que ſeparava o monte da planicie, para impedirem aos Portuguezes o ganharem a eminencia, que dominava a campanha. Obſervou-ſe, que o Exercito dos inimigos conſtava de 40000 cavallos, e a infantaria formada em quatro córpos era tanta, que cobria a campina. D. Joaõ, que com palavras taõ heróicas, como o ſeu eſpirito, acabára de animar os camaradas para huma batalha taõ deſigual, fez ſoar a carga, marchou a intrepidez ao avance. Elle carregou as primeiras fileiras dos contrarios com tanto de vigor, e impetuoſidade, que as deitou por terra: o meſmo ſuccedeo

á

Era vulg. á cavallaria, que perdeo todo o campo até ao rio. Nuno Fernandes, que corria a inveſtir outro Eſquadraõ de cavallos, furtando eſte o corpo para acudir aos ſeus camaradas, que D. Joaõ levava atropelados, fez maõ baixa na infantaria, que foi degolando ſem piedade até a margem do meſmo rio.

Os mais Officiaes nos ſeus póſtos obravaõ com valor taõ conforme, que os Mouros naõ podendo ſuſtentar-ſe, em fugida precipitada queriaõ ſalvar-ſe na montanha. A infantaria pode facilmente paſſar o rio, e ſobir ao monte; mas a cavallaria, que para chegar a elle, e o vadear, tinha de deſcer hum grande deſpenhadeiro quaſi perpendicular com a ſua margem, naõ o podendo conſeguir com a agilidade neceſſaria, a maior parte foi talhada em póſtas. D. Joaõ de Menezes apenas chegou á meſma margem, como prudente, e ſabio Capitaõ, mandou fazer alto ás ſuas trópas. Para os mais Portuguezes dos outros Eſquadrões naõ houveraõ difficuldades, que lhes impediſ-

ſem

ſem a paſſar o rio para perſeguir os Barbaros. O advertido General deſtacou a toda a preſſa ſeu ſobrinho D. Garcia de Menezes com ordem de fazer retroceder aos bravos incautamente generoſos. Todos obedeciaõ, até que chegou a palavra a Ayres Teles, Fidalgo moço de grande valor, que arraſtado dos impulſos do coraçaõ magnanimo, diſſe a D. Garcia: Ah Senhor, naõ he tempo de retirar: camaradas, eſtes Barbaros levaõ-ſe ás cutiladas até os metter em Féz. Todos os que voltavaõ obedecem a eſta voz. D. Garcia reſponde a ella: Pois como vós quereis, levemo-los ainda além de Féz: e foi ſeguindo a Ayres Teles. Era vulg.

D. Joaõ de Menezes, que premeditava o que tinha de ſucceder, paſſou o rio, e ſe pôz em fórma de receber aos que eſperava, que tinhaõ de vir fugindo. Nuno Fernandes ficou formado deſta parte do meſmo rio para impedir, que os Mouros o rechaçaſſem. Abentafut eſtava ocioſo; porque as ſuas gentes engolfadas na pilhagem do campo, o deixáraõ ſó. Os Barbaros, que co-

Era vulg. roavaõ a montanha, vendo que hum punhado de homens os perseguia, fizéraõ volta face, e com impeto rude os obrigáraõ a pagar com as vidas a pena da temeridade. Cincoenta cavalleiros impavidos nos fez perder a inconsideraçaõ de dous Moços taõ atrevidos como Ayres Teles, e D. Garcia de Menezes, que ambos ficáraõ mórtos no campo, e com elles D. Rodrigo de Menezes, D. Francisco Deça, Fernaõ Coutinho, Diogo de Sousa, Antonio de Sampayo, Martim Calado, Jorge Barbudo, Ayres Brandaõ, Joaõ Gonçalves de Lemos, Pedro Homem de Figueiredo, e outros até cincoenta. Em toda a acçaõ tivemos cem feridos, entre elles Joaõ Gonçalves da Camara de huma setta no braço esquerdo, que naõ quiz tirar em quanto durou a batalha. Dos Mouros morrêraõ 2$500, hum dos Alcaides, sete Xeques; a infantaria perdeo 650 homens mórtos, 300 captivos, e passáraõ de quatro mil os seus feridos. Concluida huma victoria taõ illustre, que nada nos custaría, se a temeridade juvenil naõ a ensanguentára,

os

os Chéfes se recolhêraõ ás suas Praças Era vulg. respectivas.

CAPITULO VIII.

Do sitio, que os Reis de Féz, e de Mequinéz pozeraõ a Azamor, com os mais successos de Africa no anno de 1514.

OS Reis alliados de Féz, e Mequinéz, ainda naõ sabedores da derrota dos seus Alcaides, com Exercitos poderosos estavaõ em marcha para virem sobre Azamor, como entre si tinhaõ ajustado. Só as trópas de Mequinéz eraõ taõ numerosas, que o seu Rei gastou sete dias em passar o rio de Azamor. D. Joaõ de Menezes deo logo parte á Corte da tempestade, que esperava a Praça, e da necessidade, que ella tinha de soccorro, que lhe foi mandado fórte, e effectivo. O Rei de Féz chegou com o seu Exercito ao mesmo tempo, e se descobrio dos muros da Praça a multidaõ, que cobria a sua campanha. Quando ella fazia os primeiros movi-

Era vulg. mentos para principiar o ſitio, os ſeus Reis foraõ informados da derrota dos Alcaides em Balba, da mortandade, e ruina das ſuas trópas: noticia, que os confunde; que os faz occupar de hum terror panico, que talvez quizeſſem diſſarçar com perſuadir, que era propriedade do ſabio mudar de conſelho.

Sem deſparar hum canhaõ ſe retíraõ de Azamor dous Exercitos formidaveis, que tinhaõ dous Reis nas ſuas téſtas. Com as prerogativas dos Heróes famoſos, ſó baſtava a D. Joaõ de Menezes a reputaçaõ do ſeu nome para vencer. Para de hum golpe naõ romper a ſua, o Rei de Mequinéz córou a covardia ſobre Azamor com huma imagem de deſembaraço em Almedina, que achou ſem defenſa, porque a gente ſe retirou a tempo para Çafim. Em tres homens, que ficáraõ, manifeſtou mais a fraqueza, mandando degollallos. Mas o que naõ pode fazer o valor, executou a crueldade. Em todos os contornos de Almedina ſe derramou o furor do barbaro Rei para devaſtar tudo o que naõ reſiſtia. Abentafut o de-

ſe-

ſejava fazer; mas faltando-lhe as forças para arreſtar tanta multidaõ, elle pede ſoccorros a Çafim. Nuno Fernandes, que duvidava ſe ella lhe ſitiaría a Praça, ſó lhe mandou vinte cavallos ás ordens de D. Rodrigo de Noronha. Era vulg.

Naõ quiz Abentafut, depois da glória de tantos triunfos, expôr-ſe a ſer huma irriſaõ da fortuna, e ſe recolheo a Çafim com a ſua familia, abandonando a ſua Villa de Cernu, de que El-Rei D. Manoel lhe fizéra mercê. Antes que elle o executaſſe, talou os campos, encheo os poços de cadaveres de animaes, e os mandou tupir todos por eſpaço de tres legoas para os inimigos naõ acharem agua, de que ſervir-ſe. Acabadas eſtas manobras, quando ſe recolhia para Çafim, naõ pode eſcuſar-ſe a hum combate com o Rei de Féz, que vinha deſeſperado de achar os poços tupidos com damno irreparavel das trópas. Abentafut com corage extrema em retirada airoſa foi ſempre ſuſtentando a carga, em que perdeo alguns ſoldados: perda, que ſeria pouco ſenſivel á viſta da ſua gentileza, ſe nella naõ en-

Era vulg. entrára a do valeroſo Benamira, Xeque principal de Garabia. Nuno Fernandes o recebeo com agrado extraordinario, e junto ao muro lhe aſſignalou campo, aonde aquartelaſſe a ſua gente, alliada fiel, merecedora das noſſas attenções.

Retirou-ſe o Rei com huns longes de vencedor para a Villa de Cernu, aonde havia abrir novos poços, ou vêr perecer de ſede o ſeu Exercito. Abentafut o livrou deſte incómmodo; porque ſabendo delle, ſahio huma noite de Çafim com as ſuas, e parte das noſſas trópas para lhe dar hum rebate: mas o Rei aviſado da marcha, com Exercito ſemelhante abandonou o campo, e foi entrincheirar-ſe em Tudela. Obſerváraõ os Mouros da Xerquia movimentos taõ indignos no Rei, que os fizéra ſer perjuros á fé promettida a El-Rei de Portugal com a promeſſa, de que elle conquiſtaria Çafim, ou Azamor. Elles eſtavaõ vendo a palavra naõ cumprida, o Exercito de Mequinéz, naõ ſó huma zombaria dos Portuguezes, mas o entretenimento de hum

Mou-

Mouro, qual era Abentafut. Todas ef- Era vulg.
tas idéas os faziaõ conceber odio entranhavel ao Rei de Mequinéz, e desejos vehementes de obrarem huma façanha merecedora de os reftituir á graça do de Portugal. Elles fe conjuraõ, e refolvem ir atacar o Exercito infeliz, que acampava em Tazarote.

Ao confelho fe feguio execuçaõ taõ prompta, que inveftindo ao Rei no feu campo, os de Xerquia lhe degolláraõ grande número de gente, pozéraõ-no em fugida, prendêraõ 80 cavallos, e mil infantes, fizéraõ huma preza confideravel, e obrigáraõ o Rei afflicto a ir parecer em Mequinéz no eftado de miferavel. Pouco plaufiveis fe nos fizéraõ eftas vantagens, fe nós as houvermos de confrontar com a perda, que fe nos feguio na mórte do grande D. Joaõ de Menezes, que valia por muitas victorias. Elle acabava de receber cartas del Rei, que o enchia de louvores fublimes, e promettia premios eminentes. Com a carne enferma, o efpirito prompto, que já queria foltar-fe do ergaftulo do corpo, nem premios, nem louvo-

Era vulg. vores o tocavaõ; unicamente ſenſivel á graça, que o illuminava para ſentir, que em morrer bem conſiſte a glória do homem. Com morte precioſa nos olhos de Deos acabou D. Joaõ de Menezes a vida em Azamor, para que Africa, que lhe levára o melhor da idade, o viſſe completar o fim dos dias.

Foi D. Joaõ de Menezes hum Heróe, que ſoube unir as virtudes militares, e a authoridade de Chéfe com a candura do animo, moderaçaõ, e ingenuidade, que fazem amaveis aos grandes homens. O ar civil na Corte totalmente diſſipava nelle as nuvens da ferocidade de guerreiro. Na continencia foi taõ exacto, entre o ruido das armas taõ compoſto, que nem acções, nem palavras ſe lhe notáraõ, que offendeſſem a caſtidade. Elle era o pai dos ſoldados, o amparo dos Cidadãos, o terror dos inimigos: nenhum moſtrou na ſua mórte, que o era; lágrimas communas o choráraõ. Diſcorria com delicadeza; fallava com eloquencia; crêo nos agouros dos Fidalgos do ſeu apellido; alguma couſa ſe deixava to-

tomar

mar da cólera ; mas eſtes vicios da humanidade ficavaõ abafados debaixo do heroiſmo das virtudes. Succedeo-lhe no emprego D. Pedro de Souſa, que depois foi Conde do Prado, e aſſumpto benemerito da Hiſtoria. Era vulg.

Eſtes foraõ os ſucceſſos memoraveis do anno de 1514 reſpectivos aos defenſores bizarros de Çafim, e Azamor: mas os das outras Praças já convidaõ as noſſas attenções, eſpecialmente os de Ceuta, que neſte tempo era governada por D. Pedro de Menezes, Conde de Alcoutim, filho primogenito do Marquez de Villa-Real. Eſte Fidalgo em várias expedições tinha illuminado bem os retratos magnificos dos ſeus Progenitores, que na meſma Aula ſe haviaõ graduado em actos grandes de heroicidade. Chegando em huma dellas a bater ás pórtas de Tetuaõ, donde ſe recolheo com captivos, e deſpojos, cauſou tal terror nos Barbaros daquelles contornos, que huns fugíraõ para Féz, outros buſcáraõ a noſſa protecçaõ, eſtabelecendo-ſe em Ceuta.

O Rei de Féz, póde ſer que com os

Era vulg. os intentos de defpicar efta injúria, encarregou a feus dous irmãos de virem invadir Ceuta com hum Exercito de déz mil cavallos, e numerofa infantaria para obrar de concerto com outro corpo confideravel, que hia embarcado para fazer outro ataque pela parte do mar. Os Principes de Féz fizéraõ duas emborcadas, e mandáraõ hum piquete de quinze homens para fe deixar vêr da Praça. O Conde fahio della com 130 cavallos, e deftacou outros quinze, que foraõ levando o piquete até a primeira emboscada, donde fahíraõ tantos, que o Conde teve de fe recolher á eftacada. Nella entráraõ de tropel 250 dos inimigos; mas o Conde os atacou com tanto vigor, que fez 200 em póftas fem elle perder mais de hum homem.

A efta refrega acodíraõ os dous Principes com o refto da cavallaria, bem advertidos, de que fendo indifpenfavel ao Conde recolher-fe á Praça, elles a todo o galope entrariaõ tambem de envolta. Ao mefmo tempo a gente da Efquadra faltava em terra para lhe diver-

vertir as forças em outro avance. O Conde, que penetrou o designio, se houve com tanto acordo, que recolheo o destacamento na Praça, fez fechar as pórtas, ordenando as estancias para repelir em toda a parte a violencia. Os Barbaros a suspendêrão á vista da nossa corage, e do estrago da maior parte da sua Nobreza mórta no campo; e a Esquadra, que veio para levar os nossos captivos, servio para elles transportarem os seus mórtos. Era vulg.

Tanta repetição de infelicidades se fez sensivel aos Mouros, que vinhaõ em bandos ás nossas Praças offerecer-se tributarios de Portugal, promptos a tomar as armas no seu serviço. Entre todos os da Xerquia se determinárão a renovar a alliança, que quizérão ajustar com o mesmo Rei em pessoa. Para isso mandárão a Lisboa os tres Xeques Mahamet, Bencelme, e Nazer, que pedírão a El-Rei admittisse a obediencia, e acceitasse a vassallagem de toda a Xerquia, nomeando para Commandante das suas trópas a Abderaman, que era fiel, valeroso, e tinha sido cria-

do

Era vulg. do de Abentafut. D. Manoel ouvio attento, fez mercês liberal, e deſpachou prompto aos tres Emiſſarios, como elles requeriaõ. Mas para o fazer de modo, que naõ eſcandaliſaſſe a Abentafut, como Chéfe, que era dos Mouros de Dabida, de Garabia, e da Xerquia, lhe eſcreveo com agrados exceſſivos: Expondo-lhe o requerimento dos ultimos, a attençaõ, que com elle tinhaõ, pedindo para Capitaõ a hum ſeu criado; que elle deſejava differir-lhes, e entendia que ſem o aggravar o fazia, pela lembrança, de que elle aſſaz tinha em que occupar-ſe com o governo de Garabia, e de Dabida. Eſtas ſaõ as benevolencias dos Principes, que ſem mais deſperdicio que o de palavras volantes, adquirem affectos, fidelidades permanentes.

Abentafut teve por taõ grande honra o modo, com que El-Rei o tratava, que longe de ſe reſentir pela deſmembraçaõ do ſeu governo, elle deo as evidencias da maior alegria, foſſe pela benignidade do Rei, que o determinára; foſſe pela ſatisfaçaõ, de que

a

a hum ſeu criado o achaſſem beneme- rito para emprego de tanta importancia; ou foſſe por lhe conſtar que El-Rei D. Manoel mandára ordens as mais preciſas a Nuno Fernandes de Ataide, e a D. Pedro de Souſa, para elles promoverem quanto foſſem vantagens da peſſoa, e dos Eſtados de ſeu fiel vaſſallo Abentafut. Era vulg.

He verdade que a ſujeição voluntaria da Xerquia, a ſua harmonia recem-confórme, tudo ſe hia perturbando; porque Nuno Fernandes de Ataide quiz obrigar os Mouros a levarem a Azamor o trigo dos tributos. A prudencia do Almocadem Diogo Lopes, que com dezaſete homens fora mandado a eſta diligencia, no principio da commoção dos Mouros atalhou a revolta, dizendo-lhes que elle não viera a Tazarote por negocios de tão pouca entidade, como era o do tranſporte dos trigos, ſenão para provar o ſeu valor em huma acção grande, que elle meditára, e lhes ſería honroſa. Promptamente ſe lhe offerecêrão 423 de cavallo, que com 17 Portuguezes

fo-

Era vulg. foraõ dar em vários Aduares, huma legoa de Marrocos, aonde apprehendêraõ déz mil ovelhas, e 330 camellos. Alguns destes Mouros, em quanto Diogo Lopes recolhia os despojos, para darem huma próva sublime da sua fidelidade, foraõ bater com os recontros das lanças nas pórtas de Marrocos, clamando: Viva El-Rei D. Manoel, nosso Senhor. O de Marrocos sahio com alguns cavallos a reprimir esta insolencia; mas elles se retiráraõ ao corpo dos seus camaradas, e entráraõ na Xerquia gloriosos com captivos, e despojos.

Esta acçaõ façanhosa, que encheo de admiraçaõ todas aquellas Comarcas, estimulou a Abentafut, que convidou a Lopo Barriga para fazerem a Marrocos outra visita. Ambos marcháraõ, o Barriga com cem cavallos, Abentafut com a sua gente. No caminho soubéraõ, que no lugar de Aleborge estava hum corpo de trópas muito superior com intentos de fazer alguma subpreza. Elles se resolvem a atacallo, e avisaõ a Nuno Fernandes queira vir

ser

ſer participante da honra daquelle fei- Era vulg.
to ; mas como entaõ naõ pode, mandou a ſeu genro D. Affonſo de Noronha com 200 cavallos. Eſte combate foi taõ ſingular, que nós em deſconto de tres Portuguezes, e de poucos ſoldados de Abentafut, deixámos o campo juncado de mórtos, e nos recolhêmos com 500 captivos.

Os Portuguezes em Africa já venciaõ menos com o valor, que com o nome. D. Joaõ Coutinho, depois Conde do Redondo, filho do famoſo Conde de Borba, que ſervia ás ordens de ſeu Pai em Arzila, ſahio com 140 cavallos a correr a Serra do Farrobo. Encontrou-ſe com 800, que mandavaõ dous Alcaides, e hum filho de Barraxe: foi-ſe a elles, paſſou 200 á eſpada, captivou 41, poz os mais em fugida. Os memoraveis Xerifes, depois de fazerem as ultimas honras ao cadaver de ſeu Pai, tornáraõ ao exercicio ſanto de perſeguir os Portuguezes por honra do ſeu Mafoma, crédito, e honra da coragem propria ; mas encontrando a Lopo Barriga com cem caval-

Era vulg. vallos, elles deixáraõ no campo outros tantos, e ſe retiráraõ fugindo para arbitrarem novas idéas, que forjadas no ardor do zelo apparente, ſerviſſem para avançar os deſignios da ſua ambiçaõ ſem medida.

FIM.